

SANDRA MAZUTTI

**MARCAS CULTURAIS EM INTERFACE: OS CAMINHOS DE
APROXIMAÇÃO ENTRE TRADUÇÃO E JORNALISMO**

Florianópolis
2011

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

M476m Mazutti, Sandra

Marcas culturais em interface [dissertação] : os caminhos de aproximação entre tradução e jornalismo / Sandra Mazutti ; orientadora, Meta Elisabeth Zipser. - Florianópolis, SC, 2011. 185 p.: il., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Tradução e interpretação. 2. Jornalismo. 3. Funcionalismo (Linguística). 4. Cultura. I. Zipser, Meta Elisabeth. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

CDU 801=03

SANDRA MAZUTTI

**MARCAS CULTURAIS EM INTERFACE: OS CAMINHOS DE
APROXIMAÇÃO ENTRE TRADUÇÃO E JORNALISMO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), como requisito para qualificação de pesquisa em Estudos da Tradução; linha de pesquisa: História, teoria e crítica da tradução.

Orientadora: Profa. Dra. Meta Elisabeth Zipser

Florianópolis
2011

TERMO DE APROVAÇÃO
SANDRA MAZUTTI

MARCAS CULTURAIS EM INTERFACE: OS CAMINHOS DE
APROXIMAÇÃO ENTRE TRADUÇÃO E JORNALISMO

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), como requisito para obtenção do grau de Mestre em Estudos da Tradução; linha de pesquisa: História, teoria e crítica da tradução.

Andréia Guerini

Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução

Prof^a Dra. Meta Elisabeth Zipser

Orientadora

Banca Examinadora

Prof^a Dra. Rosana de Lima Soares

Membro (USP)

Prof^a Dra. Maria José Damiani Costa

Membro (PGET-UFSC)

Prof^o Dr. Sérgio Romanelli

Membro (PGET-UFSC)

Prof^o Dr. Ronaldo Lima

Suplente (PGET-UFSC)

Florianópolis, 26 de Agosto 2011

DEDICATÓRIA
Aos meus pais

AGRADECIMENTOS

Em um momento muito emocionado começo a escrever esta página, por lembrar da luta para realização de um sonho, este que começou em Março de 2003 quando deixei o aconchego da minha família para morar em Florianópolis e fazer o curso de Letras Espanhol.

Quero agradecer a todos que participaram direta ou indiretamente na elaboração deste trabalho. E, especialmente:

À minha família, minha mãe Sueli e meu pai Nelson, que me apoiaram e me compreenderam incondicionalmente quando decidi ficar longe deles para realizar um sonho, o nosso sonho. À minha irmã Simone e meus dois sobrinhos Tiago e Lucas, que estão crescendo longe da sua tia.

À minha orientadora, Profa. Dra. Meta Elisabeth Zipser, com seu jeito doce e sempre positivo de falar que tudo iria dar certo, pela paciência e dedicação. À minha eterna professora, Profa. Dra. Maria José Damiani Costa que foi quem me levou a fazer este mestrado, como grande incentivadora e exemplo desde a graduação. Muito obrigada a vocês duas por acreditarem em mim e pelo exemplo de amor à profissão!

Aos colegas do TRAC, pelas valiosas trocas de conhecimento.

As minhas amigas, que estão perto, Francielen, Gabriella, Juliana e Renata, que entenderam minha ausência em muitos momentos e que me ouviram nos momentos mais difíceis. Também a Fabiana, Francieli, Gabriela Gil e Sheila que mesmo distante sempre estiveram torcendo por mim.

À TCM Informática, que prontamente me liberou todas as vezes que precisei me ausentar do trabalho para as aulas e orientações.

Ao Tato e Niña pela fiel companhia nas incontáveis horas de estudo.

À Universidade Federal de Santa Catarina e ao Curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, pela oportunidade.

Aos professores componentes da banca, pela atenção.

Não se traduz de uma língua a outra, e sim de uma cultura a outra.

Geir Campos

RESUMO

A cultura é fator determinante para a língua e, portanto, para todos os atos de compreensão e interpretação da mesma. *Língua e cultura* estão intrinsecamente interligadas, fazendo parte da identidade não só individual, mas também da sociedade como um todo. Permeando tal relação encontramos o tradutor, que assume o papel de intermediador cultural, visto que suas escolhas influenciarão diretamente no texto-traduzido e, conseqüentemente, no público que receberá a tradução. Compartilhando dessa ideia, este estudo se pauta na interface da *tradução* e do *jornalismo*, com o intuito de comprovar a hipótese de que as marcas culturais estão presentes nos textos jornalísticos e, assim sendo, a tradução é guiada pelas escolhas que o tradutor faz pensando em seu público-alvo e na cultura na qual cada texto está inserido. A presente pesquisa pertence aos Estudos da Tradução e se apóia em um fundo teórico composto por Mikhail Bakhtin (2004), Frank Esser (1998) *in* Zipser (2002) e a teoria funcionalista de Christiane Nord (1991), para avaliar os textos de análise retirados da *National Geographic* nas versões traduzidas para América Latina (espanhol), Espanha (espanhol) e para o Brasil (português), derivadas da edição original da revista Americana.

Palavras-chave: tradução, jornalismo, funcionalismo, cultura

ABSTRACT

Culture is a determinant issue for language and, consequently, for all kinds of comprehensive acts and linguistic interpretation. Language and culture are, then, closely related and part of both an individual identity and the society as a whole. The translator is located within such relation acting as a cultural mediator as the choices he makes directly influence the translated text and the audience that receives the translation. Based on that assumption, this study considers the translation-journalism interface, aiming to prove the hypothesis that cultural marks are found in journalistic texts and that the translation of such texts is guided by the choices the translator makes considering target readers and the cultural context in which they are inserted in. Structured within the area of Translation Studies, the research is based on the approaches of Mikhail Bakhtin (2004), Frank Esser (1998), Zipser (2002) as well as the functionalist theory of Christiane Nord (1991) in order to analyze a *corpus* of texts extracted from versions of *National Geographic* magazine translated to Latin America (Spanish), Spain (Spanish) and Brazil (Portuguese) from its original American edition.

Key-words: translation, journalism, functionalism, culture

RESUMEN

La cultura es un factor determinante para el lenguaje y por lo tanto de todos los actos de comprensión e interpretación de la misma. Lengua y cultura están completamente vinculadas, como parte de la identidad de la sociedad, no sólo individual, sino también en su conjunto. Permeando esa relación se encuentra el traductor, quien asume el papel de mediador cultural, ya que sus decisiones influyen directamente en el texto traducido y por lo tanto en el público que recibirá la traducción. Compartiendo esta idea, este estudio se orienta en la interfaz traducción y periodismo, con el fin de probar la hipótesis de que las marcas culturales están presentes en artículos de prensa y así la traducción es guiada por las decisiones que el traductor hace pensando en su público y en la cultura en el que cada texto se inserta. Esta investigación se refiere a los Estudios de Traducción y se basa en un marco teórico compuesto de Mikhail Bakhtin (2004), Frank Esser (1998) en Zipser (2002) y la teoría funcionalista de Christiane Nord (1991), para evaluar el análisis de textos sacados de la versión de National Geographic del texto traducido en América Latina (español) España (español) y Brasil (portugués), derivados de la edición original de la revista Americana.

Palabras clave: traducción, periodismo, funcionalismo, cultura

LISTA DE FIGURAS

Fig. 2.1. O Modelo de Christiane Nord (1991).....	25
Fig. 2.2. Modelo Pluriestratificado Integrado (Esser, 1998) “Metáfora da cebola”	29

LISTA DE QUADROS

Quadro 2.1. Sistematização dos fatores que interagem nas áreas jornalismo e tradução.....	33
Quadro 3.1. Comparação entre as capas das revistas dos TsA.....	45
Quadro 3.2. Referente aos tradutores nas revistas dos TsA.....	48
Quadro 3.3. Exemplos dos TsA: Título principal.....	49
Quadro 3.4. Exemplos dos TsA: subtítulos dos artigos.....	51
Quadro 3.5. Exemplos dos TsA: artigo Costa do Marfim.....	54
Quadro 3.6. Exemplos dos TsA: artigo Inglaterra.....	55
Quadro 3.7. Exemplos dos TsA: artigo Brasil.....	56
Quadro 3.8. Exemplos dos TsA: artigo Espanha.....	58
Quadro 3.9. Exemplos dos TsA: artigo Argentina.....	60
Quadro 3.10. Exemplos dos TsA: artigo Croácia	61

LISTA DE ANEXOS

Anexo I. Aplicação do Modelo de Christiane Nord.....	73
Anexo II. National Geographic Brasil [NGB].....	81
Anexo III. National Geographic Espanha [NGE]	115
Anexo IV. National Geographic América Latina [NGAL].....	151

LISTA DE ABREVIATURAS

FE – Fatores extratextuais

FI – Fatores intratextuais

FF – Fato fonte

LC – Língua de Chegada

LF – Língua-Fonte

NGB – National Geographic Brasil

NGE – National Geographic Espanha

NGAL – National Geographic América Latina

TF – Texto-Fonte

TT – Texto-Traduzido

TJ – Texto-Jornalístico

TJs – Textos-Jornalísticos

TsA – Textos de Análise

SUMÁRIO

TERMO DE APROVAÇÃO	V
DEDICATÓRIA.....	VII
AGRADECIMENTOS.....	IX
RESUMO	XIII
ABSTRACT.....	XV
RESUMEN.....	XVII
LISTA DE FIGURAS	XIX
LISTA DE QUADROS	XX
LISTA DE ANEXOS	XXI
LISTA DE ABREVIATURAS	XXII
SUMÁRIO	XXIII
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – MÉTODO	11
1.1 Propósitos da pesquisa.....	12
1.2 Procedimentos metodológicos.....	12
1.3 Procedimentos da análise	13
1.4 Referente aos textos de análise	13
CAPÍTULO 2 - MARCO TEÓRICO	15
2.1 Introdução.....	15
2.2 Bakhtin: e o signo verbal.....	15
2.3 Para a Tradução - o funcionalismo segundo Christiane Nord (1991)	19
2.3.1 Funções do texto e da tradução	22
2.3.2 Fatores intratextuais e extratextuais no processo de tradução	23
2.4 Para o Jornalismo - o modelo pluriestratificado integrado, de Frank Esser (1998).....	27

2.5 Interface jornalismo e tradução: encontro de teorias	32
CAPÍTULO 3 – DISCUSSÃO	37
3.1 Introdução.....	37
3.2 Descrição dos textos de análise	37
3.3 Apresentação e caracterização dos textos de análise	39
3.3.1 Texto [NGB]: O jogo da vida: por que o futebol fascina o mundo? (p. 44-71).....	39
3.3.2 Texto [NGE]: O jogo bonito: por que o futebol domina o mundo? (p. 34-61).....	41
3.3.3 Texto [NGAL] Futebol, o bonito jogo: por que governa o mundo? (p. 2-29).....	43
3.4 Análise dos elementos pré-textuais.....	44
3.4.1 Referente as capas	44
3.4.2 Referente a página editorial	47
3.5 Análise das matérias	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69
ANEXO I - APLICAÇÃO DO MODELO DE CHRISTIANE NORD .	73
ANEXO II – NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL	81
ANEXO III – NATIONAL GEOGRAPHIC ESPANHA	115
ANEXO IV – NATIONAL GEOGRAPHIC AMÉRICA LATINA	151

INTRODUÇÃO

Marcas culturais são referências da cultura tanto do Emissor quanto do Receptor presentes no texto. Estas referências culturais, ainda que não sejam pensadas de modo consciente pelo tradutor, fazem parte invariavelmente do processo tradutório não bastando, portanto, só o conhecimento do idioma, mas também o da cultura tanto da língua/cultura-fonte quanto da língua/cultura-alvo. (ZIPSER e POLCHLOPEK, 2007, p. 18)

Apesar das disciplinas de *tradução* e *jornalismo* estarem consolidadas há algum tempo, o estudo dessa interface é algo relativamente novo, mas que vem se ampliando e ganhando seu espaço devido a expansão dos meios de comunicação e a necessidade de um caminho que faça as informações transitarem pelo mundo com concisão e rapidez. Esse novo modo de pensar a tradução, focado no estudo da tradução de textos jornalísticos, tem surpreendido pesquisadores por abrir espaço à novas reflexões e por convidar a pensar a tradução pelo viés da cultura e pelas escolhas que o tradutor faz ao considerar seu público alvo.

Tais características me levaram a desenvolver esta pesquisa, também por tratar de textos que abordam assuntos do cotidiano e que contribuem para a interação social do leitor. As principais dificuldades deste estudo consistem no limitado material de pesquisa e no desafio de contribuir na consolidação da interface tradução e jornalismo no âmbito dos Estudos da Tradução.

Semelhante ao que acontece com qualquer outro gênero textual, os textos jornalísticos surgem em um contexto cultural próprio que influencia sua produção e, conseqüentemente, sua tradução. Desde a interpretação do fato noticioso, passando pela produção do texto, diagramação e posteriormente a publicação, cada um desses momentos será influenciado por fatores externos, que formam o contexto e atuam sobre os fatores internos, modificando assim a composição desse texto. São questões políticas, sociais, econômicas, editoriais, entre outros

fatores que aqui serão clarificadas pelo Modelo Pluriestratificado Integrado, de Frank Esser (1998), *apud* Zipser (2002)¹.

O modelo de Esser oferece ferramentas que possibilitam entender a dinâmica de atuação do jornalismo e as influências que regem o fazer jornalístico. Também trabalha o conceito de interculturalidade, isto é, o espaço do Outro entre duas culturas.

Um dos pontos de interseção entre o jornalismo e a tradução é exatamente a interculturalidade, que rege as atividades do tradutor e do jornalista.

Pautada em Mikhail Bakhtin (2004), entendo que permeando tais relações estão os signos verbais, estes signos que constituem o universo da palavra e carregam as características e ideologias da cultura daquela sociedade na qual está inserida. Cada sociedade cria e emprega seus próprios signos com características e objetivos próprios. E é também através dos signos, junto com a fala e a escrita, que cada língua se materializa. O indivíduo ao adquirir uma língua estará também adquirindo a ideologia e a cultura que dão base a esta, o que torna a língua suscetível de interpretação. A vida em sociedade fará com que o indivíduo construa seus pensamentos e interprete a realidade exterior e interior segundo seus padrões ideológicos.

Atrelada diretamente à língua está a tradução, assim sendo, o tradutor terá que conhecer os signos da cultura-fonte para decodificá-los e recodificá-los na cultura-alvo. Por isso, uma tradução não depende somente da habilidade do tradutor, mas das decisões tomadas por este, já que suas escolhas influenciarão diretamente no texto e, em consequência, no público que dialogará com a tradução. O tradutor acaba assumindo um papel de *intermediador cultural*, para tanto, é imprescindível que ele tenha consciência que seu papel na sociedade vai muito além do código escrito, pois entra diretamente nas práticas sociais do leitor.

Quando nos referimos ao tradutor como agente cultural, temos consciência que este tradutor não está livre das influências do meio de publicação ao qual está submetido, muitas vezes a editora, ou jornal, têm papel determinante na produção do texto/tradução. Segundo Robyns (1994), em seu estudo de homogeneização e estratégias da revista americana *Reader's Digest*, as edições traduzidas para mais de 12

¹ Devido a obra de Frank Esser estar disponível somente em língua alemã, todas as citações deste teórico presentes neste trabalho serão pautadas do trabalho de Zipser (2002), traduzidas do alemão ao português pela autora.

idiomas são delimitadas por rígidas regras de editoração, que apagam possíveis marcas culturais no texto traduzido. No entanto, como veremos nas teorias de Esser (1998) e Nord (1991), as influências internas e externas ao texto sempre existirão e devem ser levadas em consideração ao analisar um texto traduzido, pois corresponde a uma parte importante na composição do mesmo.

Situação semelhante a da *Reader's Digest* ocorre com a revista *National Geographic*, que será analisada no decorrer deste estudo. As características editoriais são visíveis no material analisado, mas defendo e constato através dos exemplos analisados que, por mais que o meio de comunicação imponha suas influências, mesmo que inconsciente o tradutor deixa no texto as marcas da cultura da qual ele é parte integrante. Sendo assim, no decorrer deste trabalho, ao me referir ao tradutor, automaticamente estarei considerando as influências internas e externas que permeiam este profissional e a produção do texto jornalístico.

Segundo Christiane Nord (1991), estas escolhas do tradutor são influenciadas por *fatores externos*, que formam o contexto para atuar sobre os fatores *internos* ao texto, e tais fatores terão uma relação de interdependência constante. Desse modo, podemos inferir que a tradução funciona como um *tecido*, onde todos os fios se entrelaçam para formar um todo. No entanto, se algum desses fios for tirado ou trocado de lugar, influenciará diretamente no produto final. No caso dos textos jornalísticos, uma alteração na estrutura do *tecido* não será necessariamente descuido do tradutor, ou falta de conhecimento sobre tradução e o fato noticioso, pode ser decorrente de um desvio de enfoque proposital, para tornar o texto mais próximo da linha ideológica que o jornal ou revista assume.

Como já tratado, o texto jornalístico, e posteriormente sua tradução, serão regidos pelas influências externas e internas, incluindo jogos de interesses que nem sempre priorizarão a notícia que deveria ser transmitida. Por exemplo, se o texto-fonte apresenta uma determinada visão sobre um assunto e o jornal ou revista que publicará o texto-traduzido for contrário a essa visão, é provável que essa tradução sofra um desvio de enfoque, para não fugir da linha previamente determinada. Quando se trata de notícias de âmbito internacional, esse referido fato é ainda mais constante, já que uma notícia de determinado país pode ter um peso totalmente diferente em outra cultura.

Outro obstáculo que esse tipo de tradução enfrenta, é o fato de nem sempre contar com um tradutor qualificado para essa tarefa, o que

também ocorre com a tradução de textos jornalísticos, como tratado por Sachet (2005):

Em muitos casos, é realmente o jornalista quem faz as traduções, quer pela urgência em noticiar o fato, quer por questões econômicas, pois contratar um tradutor, na visão de muitos empresários, pode tornar-se oneroso ao veículo de comunicação. Como alguns jornalistas têm conhecimentos de línguas estrangeiras, passam por experiências no exterior e já estão inteirados do assunto, fica assim, em tese, mais prático que eles mesmos traduzam o fato a ser noticiado. (p. 12)

As conseqüências deste fato são que, além da qualidade questionável dessas traduções, esse jornalista, sem muito embasamento teórico sobre tradução, estará envolto por preocupações de outro âmbito, como tempo para publicação, espaço, diagramação, linha ideológica do jornal ou revista, entre outras, ficando de lado o mais importante, que seria transmitir a notícia da melhor forma possível considerando principalmente o leitor que receberá essa tradução. Outra conseqüência é a desvalorização do trabalho de tradução, já que o jornalista não cobrará por esse trabalho “extra” e a tradução passará a ser uma atividade integrante das suas tarefas diárias, dispensando assim o trabalho de um tradutor qualificado.

Diante das breves informações aqui apresentadas, pode-se constatar que a cultura é produto individual de cada sociedade, assim sendo, deixará suas marcas em todos os processos de comunicação, entre eles a tradução.

Os obstáculos encontrados ao traduzir as marcas culturais não devem ser motivo para deixar de traduzir, pelo contrário, deve-se almejar que todo ato tradutório funcione como forma de revitalização e enriquecimento da língua, respeitando as influências das estruturas gramaticais e semânticas da mesma.

Para um melhor entendimento do meu leitor, apresento agora a forma como esta pesquisa se organiza:

O Capítulo I é destinado ao Método, apresenta os propósitos do Estudo, os procedimentos metodológicos com os passos adotados na pesquisa e informações iniciais referentes aos textos de análise (TsA) do trabalho.

O Capítulo II é reservado ao Marco Teórico, trata a relação entre signo verbal e palavra pautada na teoria de Mikhail Bakhtin (2004), o

modelo funcional de Christiane Nord (1991) para a tradução, o Modelo Pluriestratificado Integrado de Frank Esser (1998) para o jornalismo, através do trabalho de Zipser (2002) e para finalizar, a interface entre jornalismo e tradução, criada com fatores que interagem nas duas áreas.

O Capítulo III, dedicado à Descrição e Discussão, apresenta uma descrição detalhada das três revistas escolhidas para extração dos TsA, descreve e caracteriza os textos selecionados. Após, apresenta-se o cotejamento, inicialmente com as capas, sumários e páginas editoriais e após com a matéria escolhida para análise e que serve de base para aplicação dos pressupostos teóricos abordados no Marco Teórico (Cap. II), em busca das marcas culturais que possam vir a comprovar a hipótese desta pesquisa.

Para concluir esta dissertação, as Considerações Finais, que apresentam as constatações e conclusões alcançadas através da análise e a comprovação da hipótese.

E finalmente, temos as Referências Bibliográficas e os Anexos, que trazem a aplicação da Tabela de Christine Nord nos TsA (I) e as capas, sumários, páginas editoriais e matéria das revistas escolhida para análise: (II) National Geographic Brasil [NGB]; (III) National Geographic Espanha [NGE]; (IV) National Geographic em espanhol (NGAL).

Como dito anteriormente, apesar da interface tradução e jornalismo ser relativamente nova, vem sendo trabalhada com frequência no curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina, pós-graduação na qual este trabalho se insere. Para localizar os leitores do presente estudo, mostrou-se relevante apresentar um levantamento das pesquisas já publicadas principalmente na PGET. A seguir, através dos resumos dos seus respectivos autores, apresento parte da história da interface Tradução e Jornalismo, mesmo que não diretamente inseridas nesta interface, mas dentro de uma abordagem cultural e sob um olhar funcionalista da teoria de Christiane Nord:

Eliana Maria Limongi

Orientador: Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos

Ano: 2000

Título: The Interdependence of Extratextual and Intratextual Factors in Translated Texts: A Sample of Ícaro Brasil, Varig's Bilingual In-Flight Magazine²

No contexto do funcionalismo na tradução de textos, esta dissertação explora a contribuição de Christiane Nord aos Estudos de Tradução, particularmente de seu modelo “Análise de textos voltados para a Tradução”. Assim fundamentada, a dissertação apresenta um estudo detalhado da maneira como os fatores extratextuais (i.e., ‘cercam’ o ato tradutório) e intratextuais (i.e., inseridos ‘no’ texto a ser traduzido) se interrelacionam para a produção de um novo texto (Texto de Chegada – TC). Com este fim, é feita uma análise de um texto selecionado de Ícaro Brasil, revista de bordo da *Varig*, tanto em sua versão original como em sua versão traduzida, sendo Português-Ingês as línguas em questão. A análise de tais fatores permite a identificação dos elementos do texto de partida (TP) que são relevantes para a produção do TC, assim como que o(a) tradutor(a) estabeleça os procedimentos a serem adotados no processo de produção de um novo texto – para uma audiência específica e para fins específicos- para uma nova situação comunicativa, i.e., de chegada. Quanto ao crítico que avalia a tradução, os critérios de Christine Nord são úteis no sentido de possibilitar que a crítica seja feita em bases funcionais, levando-se em conta as circunstâncias que condicionam o ato tradutório.

Palavras-chave: Funcionalismo e Tradução de textos de bordo

Sabrina Sachet

Orientador: Meta Elisabeth Zipser

Ano: 2005

Título: A interface tradução-jornalismo: marcas culturais no texto de revista

A interface da tradução e do jornalismo apresenta-se como um rico objeto de análise que tende a crescer no campo das pesquisas científicas, pois traz consigo as representações culturais de cada país. Esta pesquisa, pertencente aos Estudos da Tradução sob a perspectiva e o modelo de

² Este trabalho faz parte da PGI - Pós-Graduação em Inglês, também da Universidade Federal de Santa Catarina.

Christiane Nord (1991), e aos estudos do jornalismo com Frank Esser (1998), in Zipser (2002), apresenta a análise de uma reportagem da revista National Geographic para o contexto americano e sua versão traduzida, National Geographic Brasil, para o português. Objetiva analisar, por meio dos dois modelos acima propostos, as marcas culturais presentes nesses textos levando-se em conta seu público-alvo já previamente estabelecido e a cultura em que cada texto está inserido. A hipótese da existência de marcas culturais nos textos será mostrada pela escolha lexical que servirá de ferramenta para atingir os propósitos deste estudo.

Palavras-chave: Tradução, Jornalismo, Marcas culturais.

Silvana Ayub Polchlopek

Orientador: Meta Elisabeth Zipser

Ano: 2005

Título:* A interface tradução-jornalismo: um estudo dos condicionantes culturais e verbos auxiliares modais em textos comparáveis das revistas *Veja* e *Time

No contexto de uma abordagem funcionalista, esta pesquisa explora a interface tradução-jornalismo, via as contribuições de Christiane Nord (1991-tradução) e Frank Esser (1998-jornalismo). A inter-relação desses aportes teóricos compreende o jornalista como ‘*tradutor*’ do fato noticioso, apontando para a existência de deslocamentos de enfoque na produção textual jornalística, quando a notícia é ‘traduzida’ para diferentes ambientes culturais, em contexto internacional. Nesse sentido, a tradução é compreendida como ‘*representação cultural*’ do fato noticioso (Zipser, 2002). A partir destas considerações, esta pesquisa pretende demonstrar a ocorrência de um provável deslocamento de enfoque sobre um *corpus* de textos comparáveis das revistas *Veja* (contexto brasileiro) e *TIME* (contexto norte-americano), representativas do segmento do jornalismo de revista. A análise compreende dois momentos distintos: i) o estudo de condicionantes culturais na produção textual e ii) da sintaxe, através de verbos auxiliares modais. Os resultados apontam um deslocamento de enfoque através dos condicionantes e ressaltam os modais como atenuadores da voz subjetiva do Emissor no *corpus*, mantendo os princípios de credibilidade, isenção e neutralidade no relato jornalístico, não apenas informando como também formando a opinião do leitor. Espera-se, assim, aproximar estas áreas (Tradução e Jornalismo) e consolidar o caráter interdisciplinar dos estudos da tradução.

Palavras-chave: Tradução, Jornalismo, Funcionalismo, Cultura.

Hutan do Céu de Almeida

Orientador: Meta Elisabeth Zipser

Ano: 2005

***Título:* Brasil e Canadá: o texto jornalístico como tradução cultural e a relação dos leitores nas revistas VEJA e MACLEAN'S**

O texto jornalístico visto como tradução cultural está dentro de uma nova perspectiva nos estudos da tradução. Essa abordagem que parte da análise do fato noticioso nas diferentes culturas mostra-se bastante rica, uma vez que o texto jornalístico é dinâmico e está ao alcance de todos. O estudo comparativo entre o Canadá e o Brasil, apresentado aqui através das revistas VEJA e MACLEAN'S expressam as realidades culturais destes dois países tão semelhantes. A pesquisa foi desenvolvida com base nas propostas de Nord (1991) e Zipser (2002). Ao analisar o léxico nos textos das matérias e das cartas dos leitores demonstra-se como o texto jornalístico de revista enquanto tradução cultural apresenta-se como um facilitador que molda a forma como seus leitores vêem determinado fato.

Palavras-chave: Tradução, Jornalismo, Cultura, Canadá, Brasil, Cartas do Leitor.

José Guillermo Culleton

Orientador: Philippe Humblé

Ano: 2005

***Título:* Análise da tradução do espanhol para o português de textos jornalísticos na mídia impressa no Brasil**

As traduções de textos jornalísticos têm características únicas que as distinguem de outras traduções. As particularidades da atividade jornalística, como a pressa e o imediatismo, influenciam na transposição de reportagens de uma língua para outra. A presente pesquisa analisa e classifica os desvios mais frequentes existentes nas traduções de textos jornalísticos do espanhol para o português, produzidas na mídia impressa brasileira, a partir do estudo de textos publicados entre 2004 e 2005 nos jornais *Diário Catarinense* e *Folha de S.Paulo*.

Palavras-chave: Jornalismo, Tradução jornalística

Patricia Melissa Silva Fonseca Fanaya

Orientador: Meta Elisabeth Zipser

Ano: 2009

***Título:* O Funcionalismo de Nord e sua relação com a comunicação e a localização**

A TRADUÇÃO NA ERA DA COMUNICAÇÃO INTERATIVA: Uma releitura do funcionalismo de Nord em interface com a localização. A necessidade de gerenciamento de mensagens múltiplas, em diversas línguas e destinadas a várias culturas e públicos, meios e canais diferentes, vem transformando radicalmente o entendimento do papel da comunicação e, conseqüentemente, da tradução, no ambiente empresarial global. O objetivo deste trabalho é discutir por que e como a tradução deve fazer parte do plano estratégico de marketing e comunicação das empresas que se pretendam transnacionais, a fim de que seus objetivos nos mercados pretendidos sejam alcançados de maneira mais rápida e eficaz. Para isso, estabelecem-se as ligações necessárias entre os campos da Comunicação e da Tradução, apontando-se algumas das mudanças ocorridas nessas áreas, a partir do fenômeno da globalização dos mercados e da expansão da indústria de tecnologia da informação. Propõem-se, em seguida a essa contextualização, uma releitura do funcionalismo de Christiane Nord, na interface com as práticas de localização.

Palavras-chave: Comunicação, Tradução, Localização.

Maria José Laiño

Orientador: Meta Elisabeth Zipser

Ano: 2010

Título: Multiculturalismo: propostas de recontextualizações de fatos culturais na tradução em livros didáticos.

Esta pesquisa apresenta cinco propostas de recontextualizações de diferentes textos selecionados a partir de livros didáticos de língua espanhola como língua estrangeira. Por essa razão, serão abordados alguns aspectos com relação ao gênero textual analisado, o livro didático. No embasamento teórico será apresentada a teoria funcionalista de Christiane Nord (1991;1997) e alguns aspectos dos estudos de Hans J. Vermeer (1986). É princípio da teoria funcionalista que tradução é comunicação e aqui, neste trabalho também é construída esta ponte, pois os textos apresentados nos livros didáticos devem comunicar expondo a cultura do Outro de forma adequada ao leitor alvo. A maioria dos textos apresentados aqui é composta por diferentes gêneros textuais para serem apresentados no livro didático. Segundo o funcionalismo, quando há mudança de leitor alvo, deve-se fazer uma adaptação textual, segundo o perfil sócio-cultural deste novo leitor.

Palavras-chave: Recontextualização, Ensino, Funcionalismo.

CAPÍTULO 1 – MÉTODO

Neste capítulo apresento o método aplicado para alcançar os objetivos desta pesquisa, os propósitos do estudo, os procedimentos adotados durante a pesquisa, a escolha, a descrição e o tratamento dado aos textos de análise (TsA).

Norteadada pela interface entre o jornalismo e a tradução, a presente pesquisa busca, a partir da seleção dos textos e o cotejamento entre eles, comprovar a hipótese de que a cultura é fator determinante na tradução e que as marcas culturais influenciam diretamente nas escolhas do tradutor, que tem como tarefa recodificar uma língua/cultura à outra. A partir do cotejamento entre os textos selecionados, focado no embasamento teórico, foram examinadas e discutidas as escolhas dos tradutores dos TsA escolhidos.

No decorrer da pesquisa pude constatar que, apesar da semelhança entre as revistas, as diferenças entre elas são eminentes e em muitos casos tais diferenças não se restringem a questões de âmbito lexical ou gramatical, mas aparecem na estrutura e enfoque das matérias, nas fotos e na diferença de ênfase da mesma matéria em cada uma das revistas.

Pautada na teoria funcionalista de Nord e no modelo de análise do jornalismo de Esser – que serão tratadas no próximo capítulo – a presente pesquisa defende que as divergências entre as revistas fazem parte de um processo tradutório, já que cada uma delas foi direcionada para uma cultura e público leitor distintos.

Os TsA são provenientes da revista National Geographic, edição maio de 2006, uma traduzida ao português (Brasil) e duas traduzidas ao espanhol, mas de regiões diferentes (América Latina e Espanha). O objetivo será comprovar que as influências culturais estão marcadas nos textos e que a tradução não consiste somente na transposição do código, mas está presente em vários aspectos, como textos visuais (fotos) e enfoque das matérias.

A primeira observação é que se o código escrito fosse o único fator a ser levado em consideração em uma tradução, supostamente não seriam necessárias duas edições traduzidas à mesma língua, uma única tradução do inglês para o espanhol atenderia todo o público de língua espanhola, independente da localização geográfica. Mas sabemos que apesar de se comunicarem através do mesmo idioma, o público leitor das referidas traduções está inserido em culturas diferentes, que

apresentam, por exemplo, variações linguísticas, dialetos e expressões idiomáticas específicas de sociedade.

Através de tais preceitos, busco comprovar a hipótese desta pesquisa, seguindo os procedimentos descritos a seguir.

1.1 Propósitos da pesquisa

Os principais propósitos do estudo são:

1. Buscar a comprovação que as marcas culturais se manifestam nos textos analisados;
2. Identificar sob quais aspectos as marcas culturais se apresentam;
3. Analisar como cada tradutor direcionou seu trabalho ao leitor alvo e à cultura na qual está inserido e se isso ocasionou um deslocamento de enfoque;
4. Colaborar na consolidação da interface tradução e jornalismo e contribuir como material de futuras pesquisas dentro dos Estudos da Tradução.

1.2 Procedimentos Metodológicos

- a. escolha das revistas e levantamento dos TsA;
- b. revisão bibliográfica sobre cultura, signos linguísticos, tradução e jornalismo;
- c. seleção das matérias de equivalente temática em ambas as revistas para a avaliação dos TsA;
- d. cotejamento das matérias dos TsA e análise com base nos pontos mais relevantes dos modelos de Esser e Nord;
- e. demonstração da hipótese de existência de marcas culturais no texto, pautadas nas escolhas lexicais;
- f. apontamento dos eventuais deslocamentos de enfoque quando os textos são transferidos de uma cultura/língua para outra;
- g. discussão e sistematização dos resultados obtidos por meio das análises;
- f. redação das considerações finais e sugestões para trabalhos futuros.

1.3 Procedimentos da Análise

Em um primeiro momento analisei aspectos gerais das revistas, iniciando pelos aspectos das capas, como fotos, títulos e matérias em destaque; na sequência, os sumários, páginas editoriais e posteriormente a comparação das matérias presentes em cada revista e suas respectivas fotos, que são textos visuais que apóiam o texto escrito. O passo seguinte foi verificar quais matérias eram comuns aos três exemplares, para então definir quais matérias fariam parte dos TsA.

A partir da seleção dos TsA foi realizado o cotejamento, em busca de comprovar a hipótese de que a cultura é fator determinante em uma tradução e que, principalmente, o gênero “texto jornalístico”, ao ser traduzido, apresenta as marcas culturais do público/cultura ao qual se destina.

1.4 Referente aos textos de análise

Os TsA foram extraídos de três exemplares da Revista National Geographic, cada qual editado e publicado por diferentes editoras e para diferentes países, uma no Brasil, uma na Espanha e ainda outra na América Latina³, intitulada *National Geographic em Espanhol*⁴. As três revistas foram publicadas em junho de 2006, mesmo período da publicação original em inglês, assim sendo, não houve um tempo entre a publicação do original e das traduções.

Um dos principais fatores a ser levado em consideração nos TsA que aqui apresento e analiso é que se trata exclusivamente de texto-traduzido (TT) para o português e espanhol, já que o texto-fonte (TF) é originalmente em inglês, como já levantado por Sachet (2007)⁵.

³ A versão para América Latina, segundo informações extraídas do próprio exemplar (página intitulada: *Directorio*), é editada e publicada no México e distribuída para Argentina, Colômbia, Chile, Equador, Estados Unidos, Peru, Porto Rico e Venezuela.

⁴ Para facilitar a diferenciação dos textos de análise, vamos tratar este exemplar como *versão Americana Latina (NGAL)*.

⁵ “A National Geographic Society foi fundada nos Estados Unidos em 27 de janeiro de 1888, por 33 homens interessados em ‘organizar a sociedade para o aumento e difusão do conhecimento geográfico’. Seu primeiro presidente foi Gardiner Greene Hubbard e seu genro, Alexander Graham Bell, conseqüentemente seu sucessor. [...] A revista National Geographic publicou sua primeira edição ainda no mesmo ano da fundação da Sociedade.” (SACHET, 2007, p. 52).

O que influenciou na escolha dessa edição em especial, foi o fato de ser uma edição dedicada a um assunto mundialmente conhecido, a *Copa do Mundo de Futebol*⁶, mas que apesar de sua ampla difusão, é um evento recebido de diferentes formas nos diferentes lugares do mundo, dependendo da cultura esportiva de cada país.

Estes TsA partiram da escolha da revista editada no Brasil, posteriormente busquei a edição que tratasse do mesmo assunto na revista publicada na América Latina e finalmente a publicada na Espanha.

Conseguí constatar que grande parte das matérias é comum às três revistas, exceto ao espaço reservado para as matérias escritas pela editora de cada país. No decorrer da pesquisa se fez necessário recorrer à revista em inglês⁷, porém sem o intuito de usá-la como objeto da análise, mas para servir como um suporte em eventuais dúvidas que surgiram no processo de comparação dos textos.

⁶ A Copa do Mundo é realizada de quatro em quatro anos. Sua primeira edição aconteceu em 1930 no Uruguai. Nos anos de 1942 e 1946, a Copa não ocorreu devido à Segunda Guerra Mundial.

⁷ Edição disponível on-line em <http://ngm.nationalgeographic.com/archives>. Último acesso em Março/2010.

CAPÍTULO 2 - MARCO TEÓRICO

2.1 Introdução

Nesse capítulo pretendo apresentar as teorias que norteiam esta pesquisa. Início tratando com uma breve clarificação sobre a relação entre *signo* e *palavra*, pois acredito que tal relação é base para qualquer estudo na área da tradução, já que os signos carregam a ideologia e as marcas culturais de cada sociedade, o que converge com este estudo que considera que não é possível traduzir de uma cultura a outra sem pensar nessas marcas que devem ser transmitidas do TF para o TT.

Encontrei na teoria funcionalista de Christiane Nord e no Modelo Pluriestratificado Integrado de Frank Esser (1998), a relação entre a tradução e o jornalismo, já que tais teorias convergem na idéia que um texto não surge regido somente por fatores internos ao texto, como léxico e sintaxe, mas também por fatores externos como questões políticas, sociais, econômicas, entre outros. E baseada nestas duas teorias reforço uma nova perspectiva interdisciplinar entre o jornalismo e a tradução, que apresento no item 2.5 *Interface entre Tradução e Jornalismo*.

2.2 Bakhtin: e o signo verbal

Como ponto de partida, é importante esclarecer alguns termos e delinear o caminho pelo qual vou seguir. Para tanto, antes de tratar especificamente de tradução e jornalismo vou esboçar a relação entre *palavra* e *signo verbal*. Tais termos são de grande abrangência e cercados de discussões e questionamentos, mas o intuito aqui é de apenas esclarecer questões que acredito serem relevantes ao presente estudo sobre a tradução de textos jornalísticos. Para tanto, me pautei principalmente nos estudos de Mikhail Bakhtin (2004), teórico russo, cujas reflexões sobre a linguagem marcam diferentes áreas do conhecimento.

O porquê de tratar aqui a relação entre *palavra* e *signo verbal* é pelo fato de que compartilho do conceito de Bakhtin, o qual defende que cada palavra carrega em si diversos signos relacionados, signos estes

portadores e condutores das marcas culturais de cada idioma na qual a palavra está inserida.

Pautada nos estudos e definições de Bakhtin (2004), início pelo conceito de *signo verbal*:

Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. Sem signos não existe ideologia. (p. 31. Grifos no original)

O *signo verbal* é tecido com inúmeros fios ideológicos que formam uma trama entre todas as relações sociais. Está presente em toda área da comunicação cotidiana, cumprindo funções ideológicas de qualquer gênero, como nas relações de trabalho, intercâmbio econômico, relações familiares, contatos casuais da vida cotidiana, relações políticas etc.

Para o homem comum essa noção de signo e suas relações não são importantes do ponto de vista teórico, mas inconscientemente ele os entende de maneira prática, os cria para representar tudo o que o cerca, depende deles para interagir com o meio em que está inserido e, principalmente, os aceita com a finalidade de perpetuar a consciência humana.

A formalização desses signos será a *palavra*, que reúne diversos signos em uma única forma para então servir como língua e constituir as relações sociais. Sendo assim, a palavra sempre está carregada de um conteúdo ou um sentido ideológico específico da cultura na qual foi criada, “é assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.” (BAKHTIN, 2004, p. 51. Grifos no original).

Dando continuidade ao conceito de *palavra*, Bakhtin trata que toda palavra terá uma função de signo:

A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. (BAKHTIN, 2004, p. 36. Grifos no original)

A palavra, nesse sentido, é vista como a formalização de diversos signos, ou mesmo materialização de várias ideias em um único enunciado.

Augusto Ponzio em *A revolução Bakhtiniana* (2009, p. 93) retoma um ensaio de Bakhtin-Voloshinov⁸, onde discutem que a palavra nunca se limitará ao conteúdo verbal: “as palavras ditas estão impregnadas de coisas presumidas e de coisas não ditas”. Ponzio então enfatiza que é no cotidiano que a palavra “se compõem de duas partes: uma parte que se pronuncia verbalmente e uma parte presumida”. Entendo deste modo que esta *parte presumida* é o signo, carregado de vivências, valores, conhecimentos e estereótipos culturais.

Ainda em Ponzio, encontramos mais uma definição de Bakhtin para *palavra*:

A palavra não é uma coisa, mas o *medium* constantemente móvel, eternamente móvel, eternamente mutável, da relação dialógica. Não pertence nunca a uma só consciência nem a uma só voz. A vida da palavra consiste em passar de boca em boca, de um contexto, a outro, de um grupo social a outro, de uma geração a outra. Comportando-se dessa forma, a palavra não esquece o caminho percorrido e não pode se livrar de todos esses contextos dos quais antes fez parte. Todo membro da comunidade lingüística se coloca ante a palavra, não como palavra neutra da língua, livre de intenções, mas habilitada por vozes alheias. O falante recebe a palavra de uma voz de outrem, e cheia de vozes de outras. A palavra chega ao seu contexto vinda de outro contexto e também cheia de intenções alheias. (BAKHTIN. *DOSTOIÉVSKI*, 1929 *apud* PÖNZIO, 2009, p. 123).

Neste trecho está expressa com clareza a idéia que defendo neste estudo, que a palavra não é neutra, ao ser emitida em uma língua, a palavra automaticamente será formada com a ideologia de uma sociedade. Sabendo que cada sociedade tem ideologias que diferem, ao transmitir/traduzir qualquer que seja a palavra, esta deve ser decodificada e recodificada para uma nova realidade.

Para reforçar este conceito de *palavra*, menciono também Lyons em *Introdução à lingüística teórica* (1979), que inicia seu raciocínio citando a definição da gramática tradicional: “a palavra resulta da

⁸ Voloshinov, *O discurso na vida e o discurso na arte*, trad. bras. de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza (versão para fins acadêmicos), p. 5.

combinação de uma forma específica com um significado específico” (1979, p. 429), para logo em seguida contestar esta idéia, dizendo que não existe nenhuma língua natural onde cada forma (palavra) tem apenas um significado e cada significado seja associado apenas a uma forma. Ele exemplifica dizendo:

Duas ou mais formas podem associar-se ao mesmo significado: [...] *esconder* e *ocultar* [...]. Dois ou mais significados podem associar-se a uma mesma forma: [...] *banco*: 1) “de areia”; 2) “para depósito de dinheiro”; 3) “assento”. (LYONS, 1979, p. 430. Grifos no original)

Neste caso, o som e a imagem terão mais de uma relação mental, por exemplo, a palavra *BANCO* terá a mesma imagem mental do som /*banco*/ e mais de uma imagem mental do pensamento [*monte de areia*]; [*instituição financeira*]; [*assento*].

Esta *imagem mental* entendo como *signo verbal*, pois ambos se referem aos significados relacionados a uma palavra. Dentro de uma mesma cultura a palavra remete a várias relações mentais, relações estas que serão pertinentes à cultura na qual está inserida. No entanto o que em uma cultura *BANCO* remete o pensamento [*monte de areia*]; [*instituição financeira*]; [*assento*], em outra cultura poderá remeter a outras imagens mentais como, por exemplo, outro formato de [*assento*], ou ainda para uma cultura como a do Alaska este banco poderá ser um [*monte de neve*].

Em um âmbito mais direcionado a tradução, o conceito de *palavra* tratado por Roman Jakobson em seu ensaio *Aspectos lingüísticos da tradução* (1959), se aproxima do bakhtiniano:

Nenhum espécime lingüístico pode ser interpretado pela ciência da linguagem sem uma tradução dos seus signos em outros signos pertencentes ao mesmo ou a outro sistema. (JAKOBSON, 1969, p. 66).

Também para Jakobson, cada palavra carrega em si diversos signos e no momento da tradução nem sempre a palavra correspondente no outro idioma/cultura carrega os mesmos signos do texto-fonte, ou ainda, uma palavra pode não ser comum aos dois idiomas/culturas. Em casos como este, uma alternativa tradutória seria a decodificação (compreensão) da palavra da língua fonte, para uma recodificação na língua/cultura meta, ou seja, entender o significado e então transferir

para a língua/cultura a ser traduzida, com a estrutura e as palavras necessárias.

Partindo deste pensamento de Jakobson, a teoria de Bakhtin vem para ampliar o conceito de estrutura e palavra, ao apresentar o signo verbal como forma de representação das influências geradas pelo contexto cultural e dos fatores extratextuais.

Assim sendo, reforço que, se uma palavra é composta por diversos signos, então para cada palavra nova sempre haverá automaticamente uma busca e filtragem de diversos signos já internalizados, para assim constituir a significação desta nova palavra. As informações armazenadas comportam toda a carga ideológica e cultural do contexto social de cada pessoa.

Diante do exposto, se a *palavra* é a manifestação de diversos *signos* e sendo estes signos culturalmente influenciados, então ao traduzir a palavra de um idioma/cultura a outro, também deve ser traduzido o conjunto de signos à ela relacionados. Desta forma, o ato de traduzir vai muito além da tradução da palavra, deve-se pensar nos signos da língua/cultura de partida para uma recodificação na língua/cultura de chegada.

Baseada no pressuposto que a cultura influencia na tradução, começo a tratar a teoria de Christiane Nord, que converge com este pensamento.

2.3 Para a tradução - o funcionalismo segundo Christiane Nord (1991)

Traduzir significa comparar culturas. (NORD, 1997, p. 34)

A professora Christiane Nord, nascida na Alemanha em 1943, é precursora de um modelo funcionalista voltado à tradução, destinado à formação de tradutores e à aplicação no processo tradutório. O seu modelo também serve de base para pesquisa no âmbito dos Estudos da Tradução.

Neste trabalho utilizarei como embasamento teórico o modelo de Nord, que se pauta nas idéias dos funcionalistas Hans J. Vermeer e Katharina Reiss, os quais proporcionaram uma nova visão sobre tradução. Inicialmente com Reiss (1971), ao desenvolver um modelo de tradução baseado nas relações funcionais entre o texto-fonte e o texto-alvo, embora ainda pautada na teoria da equivalência. Posteriormente,

Vermeer que desloca a noção de tradução para um processo cultural, onde os métodos e processos de tradução serão regidos pelo propósito ao qual se destina o texto traduzido.

Desta relação entre a teoria de tipologia textual de Reiss e a teoria e *Skopostheorie* de Vermeer (1978), surge a idéia do *escopo*⁹ na tradução.

De acordo com Nord (1997, p. 12), a *Skopostheorie*, que foi desenvolvida da combinação da teoria geral do *skopos* com a teoria de tradução de Reiss, surgiu como uma teoria geral da tradução capaz de envolver teorias relacionadas a línguas e culturas específicas. Assim, Nord adota a função prospectiva ou *skopos* do texto-alvo como ponto principal para sua abordagem funcional.

Sendo assim, Nord entende o ato tradutório como uma comunicação intercultural, que é marcado e influenciado pelo leitor-alvo. Tal processo envolve três figuras principais: o Emissor, o Tradutor (mediador entre culturas) e o Receptor (o leitor final). Para a teórica,

A tradução é vista como ação. Não há nada de estático em tradução, seja no processo, seja no seu resultado: enquanto processo, o tradutor gerencia uma série de variáveis e realiza sua tarefa com os olhos voltados ao seu receptor, a partir das diretrizes de uma tarefa determinada anteriormente; enquanto resultado, o texto traduzido só adquire um sentido e se realiza concretamente no momento da recepção (ativa) por parte do destinatário. (NORD, 1988, p. 276).

O receptor de um TT sempre estará vinculado à cultura de um determinado lugar, dessa forma é evidente que a cultura mostra-se como um dos pilares de toda teoria de Nord. Portanto não podemos falar de tradução sem pensar na cultura e por este motivo esta relação será notória no decorrer de todo este trabalho.

Sendo assim, para guiar este estudo, pensei inicialmente em apresentar diversos conceitos de cultura, para que pudessem dar base às análises dos textos selecionados, mas constatei que são inúmeros os conceitos de cultura, voltados para os mais diversos assuntos e em geral

⁹ A palavra *skopos*, de origem grega, significa “propósito, objetivo” (NORD, 1997, p. 27; grifos da autora).

bastante amplos. Então a opção foi focar em dois conceitos que convergem com este estudo.

O primeiro conceito de cultura é o apresentado por Nord (1993):

Entendo por ‘cultura’ uma comunidade ou grupo que se diferencia de outras comunidades ou grupos por formas comuns de comportamento e ação. Os espaços culturais, portanto, não coincidem necessariamente com unidades geográficas, lingüísticas ou mesmo políticas. (NORD, 1993, p. 20 *apud* ZIPSER, 2002, p. 37)

O segundo conceito é o apresentado por Mary Snell-Hornby e citado por Azenha (1964), com base no conceito do etnologista americano Ward H. Goodenough:

Ao meu ver, a cultura de uma sociedade consiste de tudo o que precisamos saber ou em que precisamos acreditar a fim de agir de modo aceitável para os membros de uma sociedade, e a fim de, assim procedendo, desempenharmos um papel que eles aceitariam para qualquer um de si. [...] a cultura não é um fenômeno material; ela não consiste de coisas, pessoas, comportamentos ou emoções. Cultura é, antes, uma organização dessas coisas. Cultura são as formas das coisas que as pessoas têm na cabeça, os modelos que elas usam para perceber, relacionar e também interpretar essas coisas. Assim, as coisas que as pessoas dizem ou fazem, seus acordos sociais ou eventos, são produtos ou subprodutos de sua cultura, à medida que elas os aplicam com vistas a perceber e a lidar com as circunstâncias. [...]” (GOODENOUGH, 1964, *apud* AZENHA, 1999, p. 28).

Envolvida por estas questões culturais, a tradução terá como missão transmitir a outra língua/cultura todas as características presentes no TF. Para tanto é indispensável que o tradutor conheça intimamente as duas culturas que pretenda trabalhar, em especial no caso da tradução de textos jornalísticos.

À continuação, entrarei na teoria de Nord (1991) no que diz respeito à função do texto, as influências dos fatores intratextuais e extratextuais no processo de tradução e o modelo sugerido pela teórica para tradução.

2.3.1 Funções do texto e da tradução

O ponto de partida teórico-textual para uma teoria funcional de translação é o reconhecimento de que os textos são instrumentos de comunicação inseridos numa situação comunicativa e constituem, assim, parte integrante de um ‘jogo comunicativo’. Além dos elementos linguísticos e/ou não linguísticos, portadores de informações, fazem parte deste jogo comunicativo os próprios interlocutores [‘comunicadores’], que trazem consigo a experiência e as expectativas de outros textos, sempre marcadas culturalmente, além de seu conhecimento de mundo, hábitos de comportamento, sistema de valores, intenções comunicativas etc. A ‘ação’ de elaborar um texto, portando, não termina com a elaboração de um texto (a ser transmitido por meio da oralidade ou no ambiente da escrita), mas somente no momento da recepção pelo destinatário. O emissor tem uma certa intenção comunicativa, que ele expressa no texto, mas o fato de essa intenção atingir ou não seus objetivos depende da ‘colaboração’ do receptor. (NORD, 1998, p. 144)

Baseado no modelo desenvolvido por Bühler (1934) e Jakobson (1960), Nord (1998, p.7) utiliza um modelo das funções de linguagem, com o intuito de facilitar a análise das funções por parte do tradutor. Consiste de quatro funções básicas com algumas subfunções em cada uma delas:

- *Função referencial*: (objetiva) refere-se a objetos e fenômenos do mundo. Subfunções: informativa, instrutiva, didática, meta-textual, metalingüística, etc.
- *Função expressiva*: (subjativa) o emissor expressa suas emoções frente às coisas ou os fenômenos do mundo. Subfunções: emotiva, avaliativa, irônica, etc.
- *Função apelativa*: apela diretamente à experiência e aos conhecimentos prévios do receptor, convidando a agir, pensar e refletir de acordo com o propósito do autor. Subfunções: ilustrativa, persuasiva, imperativa, pedagógica, publicitária, etc.
- *Função fática*: estabelece, mantém e finaliza o contato (social) entre o emissor e o receptor. Subfunções: saudação/ despedida,

estabelecimento de uma relação social entre os comunicantes, etc.

Nord (1997b, p. 46) complementa dizendo que a *função referencial* é expressa por meio de valores indicativos dos itens lexicais presentes no texto e depende da compreensibilidade do texto. A *função expressiva* pode ser verbalizada explicitamente pelos adjetivos emotivos, mas que depende dos valores e das conotações que esses adjetivos têm de cada cultura. A *função apelativa* usa indicadores diretos como imperativos ou questões retóricas. A *função fática* depende de itens lingüísticos para estabelecer contato. No entanto, uma forma que é convencional em uma cultura pode não ser em outra.

2.3.2 Fatores intratextuais e extratextuais no processo de tradução

Na visão funcionalista de Nord (1991), a tradução é permeada por *fatores extratextuais* (FE) e *fatores intratextuais* (FI). Os FE correspondem à situação comunicativa, que seria a recepção do texto-fonte (TF) e produção do texto-traduzido (TT), incluindo ainda intenção, emissor, receptor, meio, lugar, tempo, propósito e função. Os FI consistem de representantes internos como tema, conteúdo, pressuposições, estruturação, elementos não-verbais, léxico, sintaxe, elementos supra-segmentais e efeito do texto.

A respeito dos fatores extratextuais e intratextuais, Zipser e Polchlopek fazem a seguinte consideração:

Estes fatores pressupõem uma relação de interdependência e uma atuação em caráter de dinâmica constante, ou seja, qualquer modificação por parte do tradutor em um desses níveis, afeta de forma inevitável os outros, e é justamente esse caráter de recursividade que permite ao tradutor avaliar cada passo e decisão tomada ao longo do processo como um todo. (ZIPSER e POLCHLOPEK, 2007, p. 6)

A partir dos fatores extratextuais e intratextuais, ou simplesmente externos e internos, Nord sugere uma sistematização para análise destes fatores que envolvem e compõem o texto. O modelo de Nord (1991), (Figura 2.1) possibilita mostrar que os textos são marcados

culturalmente e trazem consigo as experiências e as expectativas do texto/cultura-fonte, em uma ação interativa que acontece na situação de comunicação entre duas culturas.

A análise desses fatores permite a identificação dos elementos do TF e do TT com base na comunicação intercultural. Sendo assim, este modelo de Nord será utilizado para sistematizar e analisar os textos selecionados da presente pesquisa¹⁰.

Veremos a seguir o referido modelo de Christiane Nord:

TEXTO 1:			
TEXTO 2:			
	TEXTO FONTE: PORTUGUÊS	QUESTÃO DE TRADUÇÃO	TEXTO- META: INGLÊS
FATORES EXTERNOS AO TEXTO			
Emissor			
Intenção			
Receptor			
Meio			
Lugar			
Tempo			
Propósito (motivo)			
Função textual			
FATORES INTERNOS AO TEXTO			
Tema			
Conteúdo			
Pressuposições			
Estruturação			
Elementos não-verbais			
Léxico			
Sintaxe			
Elementos supra-segmentais			
Efeito do texto			

Fig. 2.1. O Modelo de Christiane Nord (1991) – Tradução de Zipser (2002, p. 50).

¹⁰ Textos de análise sistematizados através do modelo de Nord - ANEXO 1.

Esse modelo apresentado acima permite ao tradutor ter uma visão ampla do texto a ser traduzido, da tarefa de traduzir e de uma série de elementos variáveis envolvidos no processo.

A interação desses fatores pode ser expressa pelo conjunto de perguntas identificadas em inglês como WH-questions. Estas perguntas retomam os princípios da Lei de Lasswell, que é voltada ao âmbito jornalístico. Segundo este princípio o texto jornalístico deve responder logo nas primeiras linhas às seguintes perguntas: Quem? O quê? Quando? Onde? De qual fonte? e ainda, possivelmente, Como? E Porquê? Mais tarde esses princípios desenvolvidos para o jornalismo foram retomados e apresentados por Nord (1991, p. 36), para o âmbito da tradução. Segundo a autora, deve estabelecer os limites reais entre a função textual, efeito do texto e intenção do emissor.

Ainda segundo Nord, a ordem dessas perguntas não é aleatória, elas obedecem ao princípio funcionalista do “texto-em-situação”¹¹, e devem ser feitas em forma decrescente, ou seja, do mais genérico para o mais específico. São elas:

Quem transmite

Para quem?
 Para quê?
 Por qual meio?
 Onde?
 Quando?
 Por quê?

Um texto

Com qual função?

 Sobre qual assunto
 Ele/Ela diz

 O quê?
 (o que não?)

¹¹ Princípios da Lei de Lasswell. Harold Dwight Lasswell (1902-1978), jornalista, cientista político e teórico da comunicação. Levantou teorias do poder da mídia de massa, em análise conhecida como “análise de conteúdo. Neste estudo o autor afirma que toda mensagem produz em cada indivíduo sensações diferentes e que o receptor deixa de ser um sujeito abstrato e passa a ser também objeto de análise na teoria funcionalista. (Wikipedia.org)

Em qual ordem?
 Usando quais elementos não-verbais?
 Em quais palavras?
 Em qual tipo de frases?
 Em qual tom?
 Para qual efeito?

Vale ressaltar que essa linha de trabalho de Nord é didática e desenvolvida para trabalho em sala de aula de tradução, e pretende estabelecer os limites reais entre a função textual, efeito do texto e a intenção do emissor. A *interação* fecha o círculo das perguntas, que podem ser utilizadas para análise de ambos os fatores, dependendo de sua relação com a situação de comunicação.

Conforme apontado por Nord (1991, p. 111), “as características do léxico usado em um texto representam uma parte importante em todas as abordagens da tradução orientada para a análise de textos”. E continua : “a escolha lexical em um texto é determinada por ambos os fatores extratextuais e intratextuais” (p. 112).

Dos fatores intratextuais que têm sua marcação no léxico, Nord (ibid.) menciona dois principais: o tema e o conteúdo da matéria. Dependendo do assunto a ser tratado, determinadas palavras terão necessariamente que ser usadas.

A influência de cada um dos fatores extratextuais sobre o léxico é determinante, para tanto Nord (p. 112-117) trata cada um deles separadamente, com o intuito de mostrar seu impacto sobre a escolha dos itens lexicais. São eles:

1. *Emissor* – o texto contém alguma informação externa ou algum indício sobre o emissor (tempo, origem social e geográfica, educação, etc.);
2. *Intenção* – a intenção do emissor está refletida no texto; se estiver, de que forma; e se não houver informação externa, qual intenção pode ser pressuposta a partir do uso das palavras;
3. *Receptor* – o receptor foi mencionado no texto com o uso da 2ª pessoa (e.g., você), se o direcionamento ao receptor está refletido no léxico, pelo uso de determinadas palavras;
4. *Meio* – o meio influencia o estilo do léxico (coloquial ou formal), ou a formação das palavras;
5. *Lugar* – o texto contém itens que se referem ao background cultural, como nomes próprios, termos institucionais ou culturais;

6. *Tempo* – este aspecto é muito relevante para as marcas temporais em certos itens lexicais, e para a tradução, pois em texto antigos os modernismos não serão encontrados e vice-versa;
7. *Motivo (propósito)* – o motivo ou a ocasião da comunicação influencia a escolha lexical e se isso requer um estilo particular de escrita;
8. *Função textual (em relação à tipologia textual)* – como ela é refletida na escolha lexical e se há itens lexicais que caracterizam certos tipos de texto.

2.4 Para o jornalismo - o Modelo Pluriestratificado Integrado, de Frank Esser (1998)

O jornalista alemão Frank Esser, acadêmico e profissional da área do jornalismo, por meio da comparação do jornalismo inglês e alemão, desenvolveu um modelo de estudo do jornalismo em ambiente internacional. Como já mencionado na introdução deste trabalho, o modelo de Esser (1998)¹² trabalha o conceito de interculturalidade, ou seja, o ponto de confronto entre duas culturas. Oferece ferramentas que possibilitam entender a dinâmica de atuação do jornalismo e as influências que regem o fazer jornalístico nas suas várias instâncias, identificando fatores que conferem ao jornalismo uma identidade nacional e cultural próprias do país em que se encontra inserido.

Esser define sua pesquisa com as seguintes palavras:

Não se trata de um postulado voltado à comprovação, mas ao desenvolvimento de uma teoria. Só as teorias assim desenvolvidas, quer dizer, que são *voltadas ao objeto*, constituem a etapa preliminar para as teorias gerais, *formais*. O presente trabalho, desenvolvido justamente no âmbito do jornalismo, não pretende dar o segundo passo, antes de ter dado o primeiro [...] [e] se define como um ‘primeiro passo’ e emprega um modelo de jornalismo voltado ao objeto. Ela se utiliza

¹² Como já mencionado anteriormente (p.2), todas as citações de Frank Esser presentes neste trabalho serão pautadas no trabalho de Zipser (2002), traduzidas do alemão ao português pela autora.

principalmente da lógica dos sistemas para uma ordenação sistemática de resultados empíricos. (ESSER, 1998, *apud* ZIPSER, 2002, p. 19)

O autor sistematiza seu estudo através do Modelo Pluriestratificado Integrado, esquematizado através da “metáfora da cebola” (Fig. 2.2), que sintetiza os fatores de influência no jornalismo:

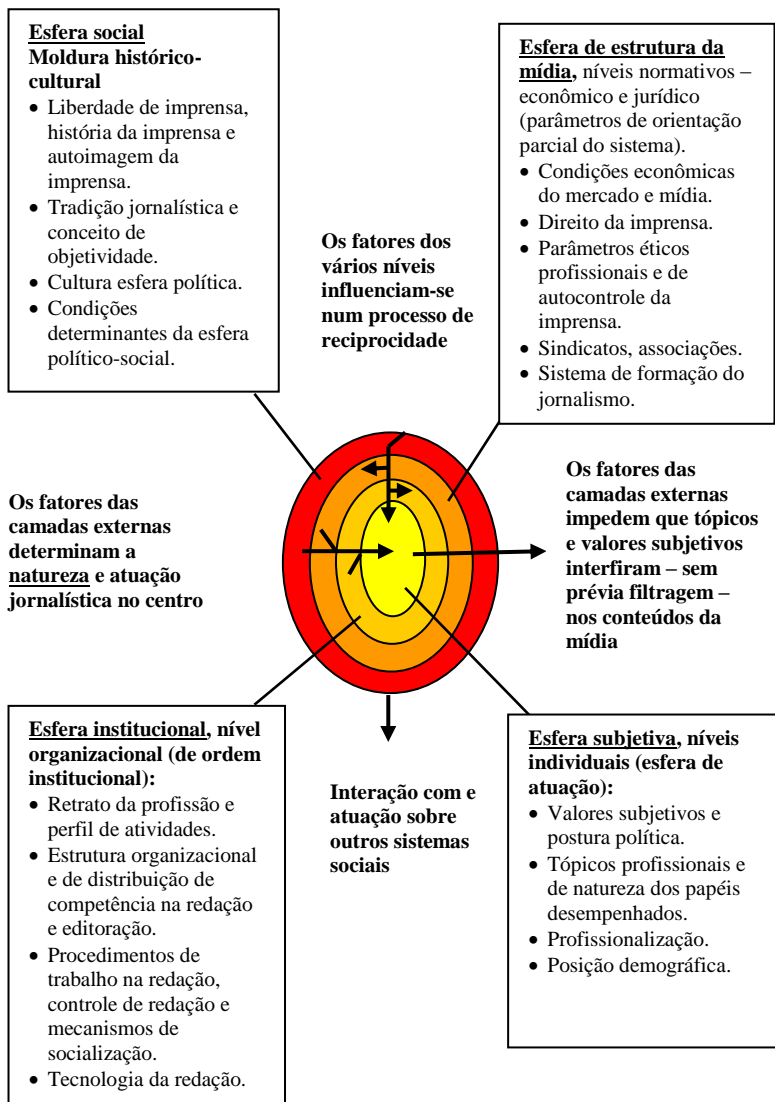


Fig 2.2. Modelo Pluriestratificado Integrado (ESSER, 1998) – “metáfora da cebola” (tradução de Zipsler, 2002, p. 25)

- *Esfera social* = camada mais externa do modelo, a moldura histórico-cultural para todos os fatores que influenciam e atuam sobre a atividade jornalística. Fazem parte questões relacionadas à liberdade de imprensa, história e natureza, tradição jornalística, a cultura política e as condições que determinam a esfera político-social;
- *Esfera estrutural da mídia* = segunda camada do modelo, de caráter normativo. Ditada pelas influências econômicas do mercado da mídia, direito da imprensa, padrões éticos, sindicatos e associações e o sistema de formação do jornalista;
- *Esfera institucional* = camada antecedente ao centro, são fatores de nível organizacional. Aspectos práticos do fazer jornalístico, retrato da profissão e tecnologia de redação;
- *Esfera subjetiva* = camada interna do modelo (centro), são os fatores de ordem individual e subjetiva que atuam na produção jornalística: valores subjetivos e posicionamentos políticos, temas de desempenho, profissionalização e o modo como cada um entende seu papel dentro do grupo de atuação.

Como o próprio Esser define, cada uma das camadas do sistema interage numa dinâmica constante:

Os vários níveis encontram-se numa estreita relação de interação, influenciam-se reciprocamente, nenhum fator atua isoladamente, mas desenvolve sua influência somente em conjunto com as demais forças. As quatro esferas moldam o fazer jornalístico. (ESSER, 1998, *apud* ZIPSER, 2002, p. 34)

Vemos no modelo apresentado que as esferas maiores estão para os aspectos sociais, políticos e morais, o que reforça a idéia de que o jornalismo é uma atividade social, inserida em um contexto específico.

O ponto de partida dessa direção de pesquisa (e também deste trabalho) é o reconhecimento de que o jornalismo de cada país é marcado pelas condições emoldurais sociais gerais, por fundamentos históricos e jurídicos, limitações econômicas, bem como por padrões éticos e profissionais de seus agentes. (ESSER, 1998, *apud* ZIPSER, 2002, p. 18)

Observamos assim que o jornalismo sempre está interligado a uma estrutura social e é neste meio que realiza sua função informativa. Se a informação muda para outra língua e cultura, então também muda a estrutura social e, conseqüentemente, a maneira de transmitir sua função informativa.

Este entrelaçamento que contempla vários níveis é regido por forças variadas em constante inter-relação e faz com que o jornalismo seja guiado por um dinamismo constante. Esser (1998) trata este intercâmbio de forças afirmando que:

Se, [num meta-nível], considerarmos o Jornalismo um sistema parcial, de natureza social, que se enreda de forma multifacetada com outros sistemas parciais (a Política, a Economia, os esportes, a Ciência, etc), as influências vindas de 'dentro' para 'fora' também pode ser interpretadas de outra maneira: o Jornalismo, enquanto sistema parcial, modifica, através de sua atuação, as condições e estruturas de outros sistemas parciais. (ESSER, 1998, *apud* ZIPSER, 2002, p. 12)

Assim como a teoria de Esser para o jornalismo, também a teoria funcionalista voltada à tradução se valem dos mesmos precedentes, e ambas as teorias têm o destinatário como o centro e ponto de referência para produção de seus textos.

Na análise dos textos selecionados, veremos as esferas de Esser atuando, especialmente quando o jornalista/tradutor, mesmo que inconsciente, sofre influências externas e internas e deixa essas marcas no texto.

Durante este trabalho, pude observar que em vários momentos as teorias se encontram. Cada teórico trabalha isoladamente em sua área de atuação, mas podem convergir em um propósito único, que neste caso é o estudo da tradução de textos jornalísticos.

O encontro entre o estudo de Esser, voltado ao jornalismo, e o estudo de Christiane Nord, para a tradução, é tão marcante que sugeriu a aproximação das duas teorias e resultou em uma nova dinâmica para esta interface dentro dos Estudos da Tradução. O resultado de tal dinâmica entre o jornalismo e tradução é apresentada no item seguinte deste trabalho.

2.5 Interface Jornalismo e Tradução: encontro de teorias

Como se pode observar no decorrer deste capítulo, dedicado ao embasamento teórico, devido o fato do jornalismo e a tradução serem áreas já bastante exploradas, cada qual já oferece discussões sobre as influências que as envolve. No entanto, os estudos sempre foram desenvolvidos paralelamente. Com a necessidade de uma nova modalidade de tradução voltada aos textos jornalísticos, surgem discussões e questionamentos relevantes às duas áreas envolvidas. E assim aponto para a interface tradução e jornalismo, a qual é alicerce para meu estudo.

Os Estudos da Tradução tem oferecido espaço para estudos nesta interface, prova disto são os recentes trabalhos mencionados na introdução desta pesquisa, mas por se tratar de uma nova área, ainda oferece grande espaço para novas observações. Após realizar o levantamento teórico para minha pesquisa e ao rever os estudos já existentes na área, constatei que as teorias do jornalismo (Esser) e da tradução (Nord) são ainda mais próximas do que já levantado até o presente momento, as duas áreas tratam principalmente das influências externas e internas ao texto, que vão desde questões políticas e sociais até escolhas lexicais, tudo permeado pela cultura que é *agente atuante* em ambas.

Perante tais características, me propus sugerir uma nova perspectiva interdisciplinar entre o jornalismo e a tradução, com o objetivo de preencher a lacuna existente e assim oferecer material de pesquisa para futuros estudos nesta área.

Tendo como base o Modelo Pluriestratificado Integrado de Esser (1998), levantei os pontos em que o jornalismo e a tradução são igualmente influenciados, em um caminho de volta, vindo do jornalismo para a tradução. Com base neste estudo, montei a tabela que apresento agora (Tabela 2.1):

JORNALISMO	TRADUÇÃO
Status social do público leitor: influencia no tipo de redação	Status social do público leitor: influencia na forma de recodificar TF para TT
Liberdade de imprensa: direito a divulgar as notícias sem censura, no entanto sofre influências externas	Liberdade de escolha do tradutor: direito de escolha ao traduzir, no entanto sofre influências editoriais
Tradição de objetividade e imparcialidade jornalística: espera-se que o jornalista seja fiel ao fato noticioso e que seja imparcial	Tradição de fidelidade do tradutor: espera-se que o tradutor seja fiel ao TF na elaboração do TT
Influências políticas, sociais e econômicas: determinantes para elaboração do texto	Influências políticas, sociais e econômicas: determinantes para elaboração do texto
Sindicatos de jornalistas: pouco atuantes	Sindicatos de tradutores: pouco atuantes
Sistema de formação de jornalistas: nem sempre o jornalista é formado na profissão, outros profissionais atuam escrevendo sobre áreas de conhecimento – esporte, cultura, moda, etc. - ocasiona desvalorização do mercado	Sistema de formação de tradutores: nem sempre um tradutor formado e qualificado é incumbido para a tradução – ocasiona desvalorização do mercado
Perfil de atividades do jornalistas: normalmente não se restringe a uma única área de atuação, escreve sobre vários assuntos	Perfil de atividades do tradutor: a realidade do mercado força o tradutor aceitar traduções de diversos gêneros
Revisão da redação jornalística: nem sempre ocorre. Em caso de ocorrer, qual é a liberdade e parâmetros do revisor?	Revisão da tradução: nem sempre ocorre. Em caso de ocorrer, qual é a liberdade e parâmetros do revisor?
Tecnologia para o jornalismo: internet, agências de notícias	Tecnologia da tradução: tradutores automáticos, tecnologia de corpus

Tabela 2.1: Sistematização dos fatores que interagem nas áreas jornalismo e tradução.

- *Status social do público leitor* = tanto para o jornalista como para o tradutor, o público leitor é o motivo do seu trabalho, portanto é neste público que o profissional terá que pensar na hora de elaborar seu texto, seja uma reportagem ou uma tradução. A

cultura na qual seu público leitor está inserido será determinante para as escolhas de vocabulário, expressões idiomáticas e o tom do texto.

- *Liberdade de imprensa / Liberdade de escolha do tradutor* = o jornalismo oferece à imprensa a liberdade de expressão “sem censura” que, no caso do Brasil, foi conquistado no decorrer da história. Mas sabemos que esta liberdade de expressão sofre influências externas e internas ao texto que determinam o estilo do texto, como o meio de comunicação que o jornalista trabalha, o tempo para preparação deste texto, o público ao qual se destina e a própria ideologia do meio de comunicação. O mesmo ocorre com a tradução, que “oferece” essa mesma liberdade de escolha ao tradutor, mas que sabemos que também será limitada por fatores como tempo, público leitor e ao meio ao qual se destina a tradução.
- *Tradição de objetividade e imparcialidade jornalística / Tradição de fidelidade do tradutor* = existe uma tradição muito forte de imparcialidade do jornalista e de fidelidade do tradutor. Ao falar de jornalismo logo se pensa na imparcialidade e quando se trata de tradução, é imprescindível a fidelidade do tradutor. Mas muito semelhante com o tratado no item anterior, este estigma é abalado quando levamos em consideração que tais profissionais e seus textos são influenciados pelos fatores externos e internos ao seu trabalho.
- *Influências políticas, sociais e econômicas* = tais influências serão determinantes nos dois âmbitos, jornalismo e tradução, pois dizem respeito à cultura e às ideologias do seu leitor.
- *Sindicatos* = normalmente os sindicatos dessas duas profissões são pouco atuantes. No jornalismo, para trabalhar ou escrever para um jornal, por exemplo, o profissional não precisa ser necessariamente formado como jornalista, que é o que também ocorre com a tradução, onde poucos dos tradutores que atuam nessa área são formados e especializados nessa atividade. Tais práticas não são fiscalizadas ou determinadas pelos sindicatos.

- *Sistema de formação* = a formação de profissionais em cada uma das áreas tratadas ocorre através de cursos de graduação, pós-graduações e especializações, no entanto isso não garante que esses profissionais terão exclusividade no mercado de trabalho. No jornalismo é frequente profissionais de outras áreas escreverem, por exemplo, colunas de esporte, cultura, moda, etc. Na tradução é habitual pessoas que falam outra língua se intitularem aptas para traduzir. Para as duas profissões este livre acesso para atuação de pessoas não formadas, ocasiona a desvalorização de ambos os mercados de trabalho.
- *Perfil de atividades* = em função das dificuldades no mercado de trabalho das duas profissões, o jornalista ou o tradutor normalmente não se restringem a escrever ou traduzir sobre um único tema ou área, a realidade os leva a trabalhar com os mais variados assuntos, que nem sempre serão de seu conhecimento. Sendo assim é evidente a dificuldade que esses profissionais encontram na prática de suas atividades.
- *Revisão* = a revisão de tradução ou de textos jornalísticos não é corriqueira, normalmente em poucos casos ocorre e quando ocorre não são claros os parâmetros que o revisor deve seguir, nem até que ponto terá a liberdade para alterar o texto original. Mesmo quando se dá a liberdade para efetuar as alterações, será o meio de comunicação ou a editora que definirá se o original ou a revisão deve prevalecer.
- *Tecnologia* = a tecnologia vem para acrescentar na qualidade e agilidade dos serviços, principalmente para o jornalismo que com a internet e as agências de notícias torna rápida a divulgação de notícias em âmbito mundial; em fração de segundos o que aconteceu em um lugar ou país estará sendo transmitido para o resto mundo (exceto no caso de países que ainda sofrem censura de imprensa). Para a tradução a tecnologia possibilitou um maior acesso a recursos como dicionários online e a tecnologia de corpus. Também surgiram os polêmicos tradutores automáticos, que em alguns casos servem para uma tradução imediata para pessoas que não dominam outra língua, mas suas traduções são de qualidade discutível e assim desvalorizam o trabalho do

tradutor, já que para leigos no assunto essas traduções automáticas lhes parecem “satisfatórias”.

As interseções aqui apresentadas comprovam a relação eminente entre tradução e jornalismo, já que os *fatores extratextuais* e *intratextuais* (Nord, 1991), permeados pela cultura, agem sobre as duas áreas e direcionam o produto final, seja este uma notícia ou uma tradução.

Sendo assim, se justifica o desenvolvimento desta pesquisa da análise das marcas culturais na tradução de textos jornalísticos e fica também como sugestão para o desenvolvimento de novas pesquisas que eventualmente queiram aprofundar este estudo.

CAPÍTULO 3 – DISCUSSÃO

3.1 Introdução

O presente capítulo será destinado a discussão dos resultados obtidos com o estudo dos TsA, com base nos preceitos teóricos levantados no Marco Teórico (Cap. 2). O objetivo deste processo é de validar esta pesquisa, que tem como hipótese inicial a existência de marcas culturais nos textos jornalísticos, levando em consideração a cultura/língua em que estão inseridos e, em especial, o receptor/leitor da tradução.

Início estas análises a partir do pressuposto de Nord, para qual:

Quanto mais próximo, por exemplo, o tradutor estiver do seu leitor-alvo, no que se refere à formação cultural, idade, status etc, tanto mais fácil deveria ser, transportar-se para o lugar de seu receptor e imaginar, com que tipo de texto-meta ele melhor se identificaria. (1988, p. 182)

3.2 Descrição dos textos de análise

Uso aqui das informações encontradas na página editorial da própria revista National Geographic¹³ para dar sua descrição:

A National Geographic Society foi fundada em Washington, DC, como organização científica e educacional sem fins lucrativos. Desde 1888, a Sociedade patrocinou mais de 9 mil explorações e pesquisas, aumentando assim nossos conhecimentos a respeito da terra, do mar e do céu (National Geographic Brasil, Março 2010, p. 28)

¹³ Todas as informações sobre a revista National Geographic e National Geographic Society foram obtidas dos exemplares da própria revista e do site oficial: www.nationalgeographic.com

Realmente desde 1888 a *National Geographic Society* ampliou seus horizontes, já no ano de fundação da Sociedade foi publicada a primeira edição da revista e hoje a mesma já é traduzida e reeditada para 29 países¹⁴. Além da revista a Sociedade tem um canal de TV (*National Geographic*) e constantemente lança coleções de mapas e enciclopédias, sempre focados na diversidade das nações mundiais, fascinante material fotográfico e mapas ilustrativos.

Devido à qualidade do material e do perfil da revista, o público geralmente é de leitores mais exigentes, com conhecimento prévio e interesse nos assuntos que abrangem história, cultura, antropologia, arqueologia e tecnologia. Grande parte desses leitores são assinantes da revista, que é de distribuição mensal (12 exemplares ao ano), entre essas algumas como edições especiais.

Como já apresentei anteriormente, os TsA são compostos por três exemplares traduzidos da *Revista National Geographic*¹⁵. A intenção inicial desta pesquisa era analisar somente os TsA, que seriam constituídos de uma matéria comum aos três exemplares, e com estas fazer a análise pautada nas teorias, mas ao iniciar a análise deste material em um âmbito geral, outras informações também chamaram minha atenção. Percebi que as capas e as páginas editoriais apresentavam diferenças que representam claramente a influência cultural, tal característica vem ao encontro desta pesquisa, que busca analisar as marcas culturais presentes em textos jornalísticos. Sendo assim, apresentarei no item 3.4.1 (p. 44) o cotejamento e análise referente às capas e páginas editoriais.

Após a verificação geral das revistas, escolhi trabalhar com uma matéria destaque nas três edições, que em duas das revistas se apresenta como matéria de capa (NGB e NGAL) e em uma (NGE), apesar de não ser o foco da capa, está entre as matérias de destaque.

Os TsA são compostos por três reportagens, uma reportagem de cada um dos exemplares citados, todas tratando da *Copa do Mundo de Futebol*. Os textos são:

¹⁴ Brasil, Bulgária, China, Croácia, República Tcheca, França, Alemanha, Grécia, Hungria, Indonésia, Israel, Itália, Japão, Coreia, América Latina, Lituânia, Holanda / Bélgica, Países Nórdicos, Polônia, Portugal, Romênia, Rússia, Sérvia, Eslovênia, Espanha, Taiwan, Tailândia, Turquia (National Geographic Brasil, Março 2010, p. 28).

¹⁵ Ver item 1.4 *Referente aos textos de análise*

❖ **National Geographic Brasil:** São Paulo, ano 7. n.75, junho 2006. Editora Abril: *“Porque amamos o futebol? A copa celebra o esporte que une todos os povos”*: **Texto [NGB]: O jogo da vida: por que o futebol fascina o mundo?** (p. 44-71).

❖ **National Geographic Espanha:** Madrid, v.18. n.6, junho 2006. Editora RBA Grupo Editorial: *“Alaska um refúgio natural em perigo”*: **Texto [NGE]: O jogo bonito: por que o futebol domina o mundo?**¹⁶ (p. 34-61).

❖ **National Geographic América Latina:** México, v.18. n.6, junho 2006. Editora Televisa: *“Futebol, o jogo universal”*. **Texto [NGAL] Futebol, o bonito jogo: por que governa o mundo?**¹⁷ (p. 2-29).

Ressalto que doravante os textos serão representados por suas respectivas siglas: [NGB] National Geographic Brasil, [NGE] National Geographic Espanha e [NGAL] National Geographic América Latina. A seguir apresento a descrição da reportagem em cada revista.

3.3 Apresentação e caracterização dos textos de análise

Apresento neste tópico a descrição detalhada da matéria escolhida para análise. A descrição da matéria nas revistas [NGB], [NGE] e [NGAL] serve para demonstrar as principais diferenças entre os três exemplares, a fim de comprovar a hipótese desta pesquisa.

3.3.1 Texto [NGB]: O jogo da vida: por que o futebol fascina o mundo? (p. 44-71).

A matéria da [NGB] está composta de 28 páginas, sendo destas 12 páginas de texto e 16 páginas de fotos. Sobre as fotos, todas ocupam duas páginas completas, com uma legenda sob a própria imagem.

¹⁶ Título original [NGE]: *Alaska, un refugio natural en peligro*. <<El juego bonito>> por qué el fútbol domina el mundo.

¹⁷ Título original [NGAL]: *Futbol, el juego universal*. **Futbol el hermoso juego, por qué gobierna al mundo.**

Quanto à matéria, é apresentada com título principal: *O jogo da vida: por que o futebol fascina o mundo*, e inicia com introdução assinada por Sean Wilsey¹⁸. Esta introdução é identificada, no rodapé da página, como uma adaptação do livro *The Trinking Fan's Guide to the World Cup*¹⁹. Neste caso estamos tratando de um texto originalmente escrito em inglês e adaptado para a revista brasileira.

Após esta introdução, a matéria é subdividida em outros 8 artigos, cada qual tratando de um dos países classificados para participar da Copa do Mundo de 2006. Os artigos são intitulados (seguido dos nomes dos autores):

- Costa do Marfim por *Paul Laity*
- Inglaterra por *Nick Hornby*
- Brasil por *John Lanchester*
- Costa Rica por *Matthew Yeomans*
- Espanha por *Robert Coover*
- Angola por *Henning Mankell*
- Argentina por *Thomas Jones*
- Croácia por *Courtney Angela Brkic*

O fato da revista trazer ao conhecimento do leitor as informações do autor da introdução é de grande relevância, porque não omite que trata-se de um texto traduzido, no entanto, na matéria não há nenhuma inferência de quem é o tradutor. As informações dos tradutores estão na *página editorial* da revista, mas não diferenciam qual tradutor fez determinada tradução.

Aqui faço uma observação como leitora, como público-alvo, apesar de saber que trata-se de uma tradução, ao iniciar a leitura senti pontos de estranhamento para o leitor brasileiro. A seguir apresento este trecho:

Há uma vantagem em ser um torcedor americano da Copa do Mundo – e uma das principais é a ignorância. A comunidade onde nascemos não se reúne diante do aparelho de TV a cada quatro anos durante um mês inteiro, com coração na mão. Nosso país nunca foi

¹⁸ “Sean Wilsey é o autor do livro de memórias *Oh the Glory of in All* e editor da revista literária *McSweeney's Quarterly*.” Informação destacada na página da introdução (p. 49)

¹⁹ *O guia da Copa do Mundo para o torcedor inteligente*. Organizado por Matt Weiland e Sean Wilsey.

campeão. [...] podemos nos preparar para passar um mês no paraíso. É o que pretendo fazer. O mundo refletido na Copa é aquele em que eu gostaria de viver. (p. 48, 1º parágrafo. Grifos meus)

O autor começa se identificando como um torcedor americano, onde já ocorre um primeiro distanciamento com o torcedor brasileiro, segue escrevendo que não se reúne diante do aparelho de TV a cada quatro anos durante um mês inteiro, com coração na mão, fato que ocorre com frequência com os torcedores brasileiros, os quais se reúnem sim de quatro em quatro anos para assistir a copa. Segue escrevendo que nosso país nunca foi campeão, enquanto o Brasil, na ocasião da publicação da revista, já tinha cinco títulos. Tais características iniciais distanciam o leitor do texto, já que este não se identifica com que está lendo. No entanto, ao comparar a [NGB] com a [NGE] constatei que ocorreram omissões de trechos onde se referia aos USA. Nesse caso, mesmo mantendo o texto original, o tradutor busca fazer adequações pensando no seu público-alvo. Esses trechos que foram omitidos serão apresentados na explanação sobre a [NGE].

Vale ressaltar que, recorrendo ao original em inglês²⁰, a versão brasileira mantém a estrutura e textos da versão original, somente com a troca de algumas fotos.

3.3.2 Texto [NGE]: O jogo bonito: por que o futebol domina o mundo? (p. 34-61).

Seguindo a mesma estrutura da matéria descrita anteriormente, a [NGE] está composta de 28 páginas, também 12 páginas de texto e 16 páginas de fotos. A matéria tem como título principal: *El juego bonito: por qué el fútbol domina el mundo*, e como a [NGB] inicia com a introdução de *Sean Wilsey*, matéria também subdividida nos 8 artigos:

- Costa do Marfim por *Paul Laity*
- Inglaterra por *Nick Hornby*
- Brasil por *John Lanchester*
- Costa Rica por *Matthew Yeomans*

²⁰ Edição disponível on-line em <http://ngm.nationalgeographic.com/2008/05/table-of-contents> . Último acesso em Março/2010.

- Espanha por *Robert Coover*
- Angola por *Henning Mankell*
- Argentina por *Thomas Jones*
- Croácia por *Courtney Angela Brkic*

Como se pode perceber, a [NGE] e a [NGB], seguem a mesma estrutura da revista original, com os textos assinados pelos mesmos autores da original e sem menção aos tradutores na apresentação da matéria.

Retomando a questão do estranhamento evidenciado na introdução da matéria, como já indicado na sessão anterior, a [NGE] traz trechos do original que foram omitidos na [NGB], aqui transcrevo:

Hay seguidores irritantes que no dejan de gritar ‘¡USA! ¡USA! ¡USA!’ (aunque por fortuna son pocos). (p. 38, 2º parágrafo. Grifos meus)

[Existe torcedores irritantes que não deixam de gritar ‘USA! USA! USA! (no entanto por sorte são poucos)]

[...] los desmanes de los *hooligans* y los tumultos en estadios abarrotados son lo que muchos estadounidenses asocian con este deporte. (p. 39, 6º parágrafo. Grifos meus)

[os desmandes dos hooligans e os tumultos nos estádios abarrotados são o que muitos estadunidenses associam com este esporte]

No primeiro trecho, recorrendo novamente à edição original, constatei que o tradutor priorizou manter o original, talvez por imposição da editora, talvez por questões de diagramação, mas indiferente de qual seja a influência externa, o que fica marcado no texto é o seu distanciamento com relação ao seu leitor-alvo, quando mantém USA! USA! USA!. Já no caso do segundo trecho, a opção em manter o original na [NGE] se justifica, já que os *hooligans* são conhecidos em toda a Europa pelos transtornos causados em estádios e ruas, mas no caso da omissão deste trecho na [NGB] demonstra uma subestimação do tradutor com seu leitor, por considerar que a palavra *hooligans* não faz parte do conhecimento prévio do seu público-alvo.

3.3.3 Texto [NGAL]: Futebol, o bonito jogo: por que governa o mundo? (p. 2-29).

Com a mesma estrutura das duas matérias descrita anteriormente, a [NGAL] está composta de 28 páginas, também 12 páginas de texto e 16 páginas de fotos. A matéria tem como título principal: *Fútbol: el juego universal*. A [NGAL] apresenta algumas diferenças comparadas a original e as outras duas traduções, diferenças estas que fortalecem a validação desta pesquisa. A introdução se difere por ser apresentada como uma adaptação do livro *Dios es redondo* e assinada por *Juan Villoro*²¹. A matéria foi subdividida em somente 5 artigos, que são estes:

- Costa do Marfim por *Paul Laity*
- Angola por *Henning Mankell*
- Inglaterra por *Nick Hornby*
- Espanha por *Robert Coover*
- Argentina por *Thomas Jones*

O direcionamento ao público-alvo da [NGAL] fica evidente na introdução, onde começa escrevendo:

Si hubiera un campeonato mundial de aficiones de futbol, una final posible sería México-Escocia. Se trata de países que nunca han tenido protagonismo internacional y quizá por ello han buscado el placer compensatorio de llenar estadios. (p. 6, 1º parágrafo. Grifos meus)

[Se houvesse um campeonato mundial de torcidas de futebol, uma final possível seria México-Escócia. Se trata de países que nunca foram protagonistas internacionais e talvez por isso buscaram o prazer compensatório de encher estádios]

Neste trecho o leitor facilmente se identifica com o que está lendo, já que cita a seleção do *México*, onde a revista é editada e

²¹ “Juan Villoro obteve os prêmios: Herralde, por seu romance *Mazatlán*, pelo seu livro de ensaios *Efectos Personales* e o *Villaurrutia*, por *La casa pierde* (contos). Como cronista de futebol resenhou os mundiais da Itália 90 e França 98.” Informação destacada na página da introdução (p. 7), tradução minha.

também distribuída, outra aproximação ocorre ao dizer que enche estádios, valorizando o interesse pelo esporte.

Já os artigos vem em número reduzido, não constam os artigos referente ao Brasil, Costa Rica e Croácia, a justificativa inquestionável é pelo fato da introdução da [NGAL] ocupar o espaço de 5 páginas de texto, enquanto a introdução das outras revistas aqui tratadas ocupam 2 páginas, desta forma ocorreu uma compensação de espaço, já que existia um espaço pré-determinado para a matéria completa. Mas não há uma explicação de qual foi o critério de seleção das cinco reportagens publicadas na [NGAL] e conseqüentemente dos três artigos retirados.

3.4 Análise dos elementos pré-textuais

Como já mencionado anteriormente, os elementos pré-textuais chamaram minha atenção por apresentaram diferenças relevantes a este estudo. Assim sendo, farei algumas considerações sobre as *capas* e *páginas editoriais* das revistas que compõem os TsA.

Saliento que apesar de tratar das fotos e imagens da revista, não cabe a este estudo uma análise aprofundada que considere preceitos teóricos de análise de imagens, porque isto sairia do foco desta pesquisa. Sendo assim, farei aqui considerações de impressões como leitora e estudiosa das marcas culturais.

3.4.1 Referente às Capas

Referente às capas das revistas estudadas, primeiramente as informações serão sistematizadas na tabela que segue abaixo (Tabela 3.1)²², para tornar esta parte da análise mais objetiva.

Foto ²³	[NGB] Ronaldinho Gaúcho comemora um gol pela seleção do Brasil (Foto de Victor R. Caivano)
--------------------	--

²² Para uma melhor observação, apresentarei subsequentes ao original uma tradução minha, entre colchetes e grifado em itálico. As capas estão disponíveis para consulta na sessão ANEXOS, II, III e IV, respectivamente.

²³ As legendas das fotos foram extraídas dos *Sumários*, como pode ser constatado nos ANEXOS II, III e IV.

	[NGE] Un oso polar se alimenta de un cadáver de ballena a orillas del mar de Beaufort, en la pendiente ártica de Alaska <i>[Um urso polar se alimenta de uma carcaça de baleia as margens do mar de Beaufort, na pendiente (península) ártica do Alaska (Foto de Joel Sartore)]</i>
	[NGAL] El mundo entero es un campo de futbol para un joven jugador que practica el cabeceo en Tegucigalpa, Honduras <i>O mundo inteiro é um campo de futebol para um jovem jogador que pratica o cabeceio em Tegucigalpa, Honduras (Foto de David Alan Harvey)</i>
Título	[NGB] Porque amamos o futebol, A copa celebra o esporte que une todos os povos
	[NGE] Alaska, un refugio natural en peligro <i>[Alaska, um refúgio natural em perigo]</i>
	[NGAL] Futbol, el juego universal <i>[Futebol, o jogo universal]</i>
Matérias em Destaque na capa	[NGB] Íbis: o pior time do mundo não desiste; Lições de vida entre os religiosos huteristas; A misteriosa múmia da guerreira peruana
	[NGE] Futbol, el deporte que une al mundo, <i>con mapa suplemento</i> ; El misterio de la momia tatuada; Nanotecnología; Pelícanos <i>[Futebol, o esporte que une o mundo com mapa suplemento; O mistério da múmia tatuada; Nanotecnologia; Pelicanos]</i>
	[NGAL] Pelícanos: belleza americana; Promesas de la nanotecnología <i>[Pelicanos: beleza americana; Promessas da nanotecnologia]</i>
Mapa	[NGB] Mapa-Pôster: o planeta do futebol
	[NGE] Com mapa suplemento
	[NGAL] Grátis: Mapa mundi de futebol
Site	[NGB] www.ngbrasil.com.br
	[NGE] www.nationalgeographic.com.es
	[NGAL] www.ngenespanol.com
Edição	[NGB] Junho 2006
	[NGE] Junho 2006
	[NGAL] Junho 2006
Preço	[NGB] R\$ 14,99
	[NGE] 2,95€
	[NGAL] Argentina \$ 7,00 (sobretaxa envio ao interior \$0,20) / Paraguai

Tabela 3.1. Comparação entre as capas das revistas dos TsA.

Fotos e títulos: Analisando primeiramente a capa da [NGB], temos a foto do jogador brasileiro de futebol Ronaldinho Gaúcho²⁴, eleito o melhor jogador de futebol do mundo pela FIFA²⁵ em 2004 e 2005 e também melhor jogador europeu em 2005. A imagem do ídolo conhecido mundialmente e vestindo a camisa da seleção brasileira é bastante representativa aos brasileiros, que têm o futebol como um dos principais esportes do país e, por consequência, veneram a Copa do Mundo. Tal impressão levantada se comprova ao ler o título da matéria: “*Porque amamos o futebol, A copa celebra o esporte que une todos os povos*”²⁶, afirma que os brasileiros amam o futebol e demonstra isso através de um jogador brasileiro mundialmente conhecido por ser um dos melhores jogadores do mundo.

Passando para capa da [NGE], nos deparamos com a foto de um urso polar para anunciar a matéria principal da edição, intitulada “*Alaska um refúgio natural em perigo*”. Já a matéria sobre a Copa do Mundo aparece na capa somente como uma das matérias em destaque, o que passa uma primeira impressão do futebol ser um assunto secundário na Espanha, de menor relevância para esta edição. Mas na realidade o fato da Copa não ser assunto de capa se explica se levarmos em consideração que na Espanha a Copa do Mundo já estava sendo tratada em mais de 30 (trinta) revistas e jornais dedicados exclusivamente a esporte²⁷, neste âmbito o assunto não chamaria tanta atenção em uma revista como a National Geographic, que se destina a outros assuntos. O título da matéria da Copa do Mundo na [NGE]: “*Futebol, o esporte que une o mundo*”²⁸, remete a idéia de integração das nações, mas sem a mesma aproximação com o leitor que encontramos na [NGB].

Finalizando, a capa da [NGAL] traz a foto de um menino cabeceando a bola, com o título: *Futebol, o jogo universal*²⁹, título que coloca o esporte em um âmbito geral ao usar o adjetivo *universal*. A

²⁴ Um estudo de março de 2006 apontou o jogador Ronaldo de Assis Moreira, como maior valor comercial no mundo. Sua imagem foi avaliada em €47 milhões (Wikipédia - Acesso em: 01/03/2010: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ronaldinho_Ga%C3%BAcho)

²⁵ Do francês - Fédération Internationale de Football Association (FIFA)

²⁶ Grifos meus.

²⁷ Na Espanha existem mais de 30 (trinta) jornais dedicados a esporte, entre os mais importantes: MARCA, AS (Madrid), SPORT, MUNDO DEPORTIVO (Barcelona), SUPERDEPORTE (Valencia), ESTADO DEPORTIVO (Sevilla), DEPOR SPORT, DEPORTE CAMPEÓN (La Coruña). Informação disponível em <http://www.mediatico.com/es/periodicos/europa/spain/deportivos/>. Acesso: 21/03/2010.

²⁸ Grifos meus.

²⁹ Grifos meus.

foto de capa é a mesma da revista original em inglês, que se justifica pelo fato da [NGAL] também ser vendida nos EUA– como indicado no item 1.4– sendo assim, revistas com capas e fotos diferentes causariam estranhamento nas bancas dos EUA, onde as edições são vendidas lado a lado.

Diante das informações apresentadas, fica aparente o deslocamento de enfoque nas fotos e títulos, pois cada qual direciona seu material para o público/cultura alvo a qual se destina. Seguindo a hipótese inicial deste estudo, as diferenças são decorrentes das influências culturais, que levam cada editora a alterar o enfoque para chamar a atenção do seu público alvo.

3.4.2 Referente à Página editorial

O principal motivo pelo qual trago e foco essa página das revistas é em especial pelas informações dos tradutores. Através dessas informações pude perceber, mesmo que superficialmente, a importância que cada país dá à tradução, pelo menos a tradução deste material em específico.

<p>Sobre os tradutores</p>	<p>(NGB) ASSESSORES: Amyr Kink, <i>Expedições</i>; Antonio Pedro Tota, <i>História</i>; Azir Ab'Saber, <i>Geografia</i>; Carlos Roberto Brandão <i>Zoologia</i>; Claudio Patto, <i>Biologia</i>; Drauzio Varella, <i>Medicina</i>; Marcelo Gleiser, <i>Física</i>; Márcia Ramos de Oliveira, <i>Oceanografia</i>; Otto Gadig, <i>Biologia</i>; Rosita Belinky, <i>Montanhismo</i>; Rualdo Menegat, <i>Geologia</i>; Washington Novaes, <i>Ambiente</i>.</p> <p>REVISORA DE TEXTO: Marta Magnani</p> <p>COLABORADORES DESTA EDIÇÃO: Claudio Marcondes, Laura Motta e Reginaldo Moraes, <u>tradutores</u></p>
	<p>(NGE) ASSESSORES: Mária Teresa Alberdi, <i>Paleontologia</i>; Juan Luis Arsuaga, <i>Paleoantropologia</i>; Eudald Carbonell, <i>Arqueologia</i>; Josefina Castellví, <i>Oceanografia</i>; Asunción Catalá, <i>Astronomia</i>; José Isidro Gardito, <i>Alpinismo</i>; Carmen Huera, <i>Etnologia</i>; Jaime Josa, <i>Investigações Gerais</i>; Eric Lluch, <i>Geografia</i>; Ramón Masalles, <i>Botânica</i>; Albert Masó, <i>Etnologia</i>; Jacinta Nadal, <i>Zoologia</i>; M^a José Pascual, <i>História da Ciência</i>; Manuel Regueiro, <i>Geologia</i>; Víctor Revilla, <i>História Antiga</i>; Joandomènec Ros, <i>Ecologia</i>; Óscar Ruiz, <i>Nanotecnologia</i>; Adolfo de Sostoa, <i>Ictiologia</i></p>

	<p><u>TRADUTORES:</u> Claudia Conde, Marta Pérez; Vicente Villacampa</p>
	<p>(NGAL) <u>ASSESORES:</u> Dr. Adrián Guillermo Aguiar, <i>Assessor honorário em Geografia</i>; David Vázquez Ruiz, <i>Coordenador de assessores em Biologia</i>; Clara Hilda Ramos, <i>Botânica</i>; José Palacios Vargas, <i>Bioespeleologia</i>; Adolfo Ibarra, <i>Entomologia</i>; Georgina Santos, <i>Herpetologia</i>; Alicia Durán, Ángeles Álvarez, Luis Zambrano, <i>Ictiologia</i>; Jesús Pacheco Rodríguez, <i>Mastozoologia</i>; Patricia Escalante, <i>Ornitologia</i>; René Hernández, <i>Paleontologia</i>; Rafael Tinajero, <i>Veterinária e mamíferos africanos</i>; José Luis Mateos, <i>Nanotecnologia</i></p> <p><u>TRADUORES:</u> Carolina Alvarado, Ofelia Arruti, Estrella Burgos, Mariana Gumá, Susana Moreno, Mario Murgia, María del Carmen Navarrete, Bernardo Rivera, José I. Rodrigues, Adriana Rosado-Bonewitz, Suzanne Stephens, Marco A. Vargas, Luis Albores</p>

Tabela 3.2. Referente aos tradutores nas revistas dos TsA.

Considerando os dados encontrados na página editorial, pude verificar que na revista [NGB] os tradutores são citados como *colaboradores*, e a inferência que esses colaboradores são tradutores vem somente após os nomes, em letras minúsculas. No caso da [NGE] são citados como *tradutores* somente três nomes, mas acima destes nomes há uma lista de *assessores*, com áreas de atuação ao lado (Astronomia, Geografia, História Antiga etc.), supostamente tradutores ou colaboradores para dúvidas na tradução dos determinados assuntos. Finalmente, a [NGAL], semelhante ao descrito na lista da [NGE], também apresenta uma lista de *assessores* com as respectivas áreas de atuação e na sequência uma lista maior de tradutores propriamente ditos.

Perante tais verificações, pude constatar que a figura do tradutor não recebe grande ênfase, já que apesar de serem citados seus nomes, nenhuma das revistas indica a área em que cada tradutor trabalha, ou qual matéria cada um traduziu.

3.5 Análise das matérias

A seleção dos itens lexicais é basicamente determinada pelas dimensões do assunto e do conteúdo. (NORD, 1991, p. 112)

Baseado neste pressuposto de Nord, as escolhas lexicais serão utilizadas aqui como ferramenta subsídio para chegar ao propósito deste trabalho. Após o estudo dos TsA, os elementos lexicais, as mudanças de tempo verbal e as escolhas dos verbos se mostraram como indicadores de marcas culturais, por isso serão tratados com maior ênfase nas discussões que se segue.

Como já exposto anteriormente no item 3.3, onde descrevo os TsA, vimos que após uma introdução, a matéria é subdividida em artigos, cada um tratando da classificação para a Copa de 2006 de algumas das seleções de futebol do mundo. Ao iniciar a análise, o título principal da matéria e os subtítulos dos artigos chamaram especial atenção, pois na maioria deles a forma como cada artigo foi anunciado apresenta diferenças latentes e de forte influência cultural. Assim sendo, minha exposição começa exatamente pelos subtítulos, que estão sistematizados na tabela abaixo e discutidos na sequência. Após foram selecionados e analisados dois exemplos internos a cada um dos artigos.

Vale lembrar neste momento, que ao tratarmos das escolhas que cada tradutor fez nos textos analisados, estamos levando em consideração que este tradutor não fez tais escolhas com liberdade total, sabemos que ele esteve cercado de influências internas (expressões idiomáticas, léxico, etc) e externas ao texto (política da editora, espaço, tempo para publicação), que guiaram o texto final de cada edição da revista.

Início agora à análise dos exemplos referente ao título e subtítulos:

Exemplo: Título principal da matéria

Exemplo 1	[NGB] O <u>jogo da vida</u> – por que o futebol <u>fascina</u> o mundo (p. 45) ³⁰
	[NGE] El <u>juego bonito</u> - por qué el fútbol <u>domina</u> el mundo (p. 34) <i>[O jogo bonito – porque o futebol domina o mundo]</i> ³¹
	[NGAL] Fútbol el <u>hermoso juego</u> – por qué <u>gobierna</u> al

³⁰ O número de página aqui apresentado sempre fará referência à paginação das revistas e não à paginação dos anexos deste trabalho.

³¹ Para uma melhor compreensão dos exemplos, apresentarei subsequentes ao original uma tradução minha, entre colchetes e grifado em itálico. As palavras sublinhadas nos trechos são destacadas por mim para melhor uma localização dos pontos importantes nas análises.

	mundo (p. 2) <i>[Futebol o bonito jogo – porque governa ao mundo]</i>
--	--

Tabela 3.3. Exemplos dos TsA: título principal.

Exemplo 1: este exemplo se refere ao título principal das matérias, aqui observamos uma diferença de sintaxe que indica um deslocamento de enfoque, o tradutor da [NGB] usa jogo da vida que fascina, a palavra *vida* remete a algo de grande importância, essencial, que encanta, *fascina* o mundo, palavras que expressam bem o sentimento dos brasileiros em relação ao futebol. Já na [NGE] e [NGAL] os tradutores usam o mesmo adjetivo bonito para referir-se ao futebol, mas na continuação a primeira diz que o futebol domina o mundo, ou seja, uma visão de coação do esporte, já a segunda usa governa, que rege o mundo, mas não que necessariamente oprime como a primeira sugere. Podemos observar neste exemplo as influências sociais agindo, conforme levantado por Esser e tratado também na sistematização da interface tradução e jornalismo,

Exemplos: Subtítulos dos artigos

Exemplo 2 Subtítulos – Costa do Marfim	[NGB] <u>A arma da vitória: <i>juju</i>, a <i>mandinga</i></u> (p. 50)
	[NGE] <u>El camino de la victoria: <i>brujería</i></u> en el terreno de juego (p. 40) <i>[O caminho da vitória: <i>bruxaria</i> no terreno do jogo]</i>
	[NGAL] <u>Brujería: qué <i>forma</i> de ganar</u> (p. 14) <i>[Bruxaria: que forma de ganhar]</i>
Exemplo 3 Subtítulos – Inglaterra	[NGB] <u>Glória desbotada: <i>vandalismo contido</i></u> (p. 56)
	[NGE] <u>Glória marchita: cómo domesticar a los <i>hooligans</i></u> (p. 46) <i>[Glória murcha: como domesticar aos <i>hooligans</i>]</i>
	[NGAL] <u>Adiós a la gloria: el factor <i>hooligan</i></u> (p. 22) <i>[Adeus à glória: o fator <i>hooligan</i>]</i>
Exemplo 4 Subtítulos – Brasil	[NGB] <u>Magos da bola: <i>uma paixão mundial</i></u> (p. 57)
	[NGE] <u>Ballet con el balón: <i>una historia de amor</i></u> (p. 47) <i>[Ballet com a bola: uma história de amor]</i>
	[NGAL] Omissão do artigo – Brasil
Exemplo 5 Subtítulos – Costa Rica	[NGB] <u>Fanatismo S.A.: <i>erro de estratégia</i></u> (p. 62)
	[NGE] <u>Fútbol S.A.: <i>fanáticos del marketing</i></u> (p. 52) <i>[Futebol S.A.: fanáticos do marketing]</i>
	[NGAL] Omissão do artigo – Costa Rica
Exemplo 6	[NGB] <u>Jogo moralista: <i>um drama teatral</i></u> (p. 57)

Subtítulos – Espanha	[NGE] <u>Una obra con moraleja: el fútbol como teatro</u> (p. 53) [Uma obra com moral: o futebol como teatro]
	[NGAL] <u>Una obra moral: el futbol como teatro</u> (p. 23) [Uma obra moral: o futebol como teatro]
Exemplo 7 Subtítulos – Angola	[NGB] A meta: <u>cicatriziar um país dilacerado</u> (p. 64,)
	[NGE] <u>La primera meta: curar a un país desgarrado por la guerra</u> (p. 54) [A primeira meta: curar a um país dilacerado pela guerra]
	[NGAL] <u>La guerra civil: un gol de salvación</u> (p. 20) [A guerra civil: um gol de salvação]
Exemplo 8 Subtítulos – Argentina	[NGB] Maradona: <u>a vengança argentina</u> (p. 70)
	[NGE] <u>Oda a Maradona: la venganza de las Malvinas</u> (p. 60) [Oda à Maradona: a vingança das Malvinas]
	[NGAL] Maradona: <u>vingador de las Malvinas</u> (p. 29) [Maradona: vingador das Malvinas]
Exemplo 9 Subtítulo – Croácia	[NGB] <u>Terapia de grupo: nasce uma nação</u> (p. 71)
	[NGE] <u>Terapia de grupo: el nacimiento de una nación</u> (p. 61) [Terapia de grupo: o nascimento de uma nação]
	[NGAL] Omissão do artigo – Croácia

Tabela 3.4. Exemplos dos TsA: *subtítulos dos artigos*.

Exemplo 2: a alteração de léxico neste exemplo evidencia a marca cultural presente na [NGB], quando o tradutor usa mandinga como a arma para vitória, enquanto a [NGE] e a [NGAL] usam a palavra bruxaria como caminho e forma de ganhar o jogo. Neste caso no português também temos a palavra bruxaria que poderia ter sido empregada, no entanto, a opção foi por mandinga, palavra do vocabulário brasileiro que, segundo o dicionário *Michaelis*³², trata-se de uma palavra de origem africana, inserida no vocabulário brasileiro pelos escravos e que significa feitiçaria, sortilégio. Ou seja, mandinga faz parte da cultura brasileira e neste caso o tradutor pensou em seu público-alvo quando usou esta palavra em lugar de bruxaria. De acordo com Nord (1991, p. 11), o controle que o tradutor tem da cultura-fonte deve capacitá-lo a ponto de reconstruir as possíveis reações de um receptor dessa cultura, isto é, o tradutor deverá possuir conhecimento para fazer as aproximações culturais que forem pertinentes.

Exemplo 3: neste exemplo, a alteração na sintaxe se caracteriza como omissão de informação ao leitor, o que evidencia a esfera subjetiva do

³² Dicionário Michaelis em versão on-line, disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/>

modelo de Esser (1998) por marcar um distanciamento dos leitores em relação aos fatos. Temos na [NGB] “Glória desbotada: vandalismo contido”, nesse caso só pelo título do artigo não há como saber quem são os *vândalos*, no decorrer do artigo esses *vândalos* são apresentados como “*turba de torcedores ingleses*”. Em nenhum momento aparece o termo *hooligans* que a [NGE] e a [NGAL] apresenta. O termo *hooligans* é conhecido mundialmente por designar um grupo de torcedores ingleses que costumam causar transtornos e prejuízos nos estádios e fora deles. Nesse caso, podemos observar o que definimos na sistematização da interface tradução e jornalismo como *status social do público leitor*, pois o tradutor ao português pressupõe que o leitor não tem conhecimento prévio do termo *hooligans*, então opta por dar a significação da palavra, que por mais que se aproxime não transmite os mesmos signos verbais, causando assim uma perda de informação para o leitor brasileiro. Ou então, o tradutor optou por não manter a marca de referência estrangeira.

Exemplo 4: Retomamos aqui a idéia do *exemplo 1*, onde entendo que o tradutor da [NGB] ao empregar a expressão magos da bola, traz todo o sentido de mágica que o futebol tem para a cultura brasileira, o que é reforçado ao qualificar como uma paixão mundial. A [NGE] que usa ballet com a bola, remete a um ato gracioso, com leveza, mas nada de fantástico como do título da [NGB]. Na seqüência, a [NGE] qualifica como uma história de amor, que não dá a mesma idéia de intensidade de uma *paixão mundial*. A [NGAL] não traz este artigo do Brasil por uma questão de espaço, como discutido no item 3.3.3 (p.43).

Exemplo 5: Neste exemplo observamos uma alteração do sujeito da frase, o tradutor da [NGB] escreve Fanatismo S.A., neste caso a S.A. (sociedade anônima) é de fanatismo, que dedutivamente são de *fanáticos pelo futebol*, ainda neste trecho há um alerta ao leitor de que houve um erro de estratégia. O tradutor da [NGE] escreve Futebol S.A., neste caso a S.A. é de futebol, e induz pensar que essa S.A. é de fanáticos do marketing. Está evidente o deslocamento de enfoque, já que o leitor que se guia pelos títulos inicia sua leitura com focos diferentes, mesmo que com a leitura do artigo esse foco se equipare entre as duas revistas. Na [NGAL] o artigo sobre a Costa Rica é um dos que foram omitidos, decorrente da redução de espaço, pelo maior número de páginas da introdução, como já tratado anteriormente.

Exemplo 6: neste exemplo o tradutor da [NGB] faz uma escolha diferente dos tradutores das outras duas revistas, enquanto a [NGE] e a [NGAL] tratam o futebol como teatro, a [NGB] refere-se a um drama teatral, transmitindo um tom emocional a este subtítulo, que não se apresenta no outros dois.

Exemplo 7: Podemos levantar várias observações neste exemplo, vemos que o tradutor da [NGB] escreve: A meta: cicatrizar um país dilacerado, ao utilizar o artigo definido “a” define esta *meta* como sendo única, na sequência utiliza a palavra cicatrizar, indicando que se trata de um sério problema, que deixou marcas profundas neste país. Na [NGE] temos A primeira meta: curar a um país dilacerado pela guerra, começa sugerindo que se esta é a *primeira meta*, ainda existem outras *metas* a serem alcançadas, na sequência o leitor é informado que a *guerra dilacerou* o país. Neste título, como também no anterior, não há informação para o leitor de qual seria esta *guerra* e nem qual seria este *país*. O tradutor [NGAL] segue outro caminho, localiza e informa seu leitor logo no início do título: A guerra civil: um gol de salvação, mas neste caso omite o tom dramático de *um país dilacerado* presente nas outras duas revistas. Aqui observamos novamente a influência da esfera subjetiva de Esser (1998), através do uso do artigo indefinido “um” em todos os títulos, que indicam valor subjetivo.

Exemplo 8: neste caso cada subtítulo apresenta significados distintos, a [NGB] escreve o nome do jogador de futebol argentino Maradona e em seguida: a vingança argentina, o que dá a entender que Maradona foi o vingador da Argentina. A [NGE] começa exaltando o nome do jogador através da Oda, que se trata de uma composição poética lírica de tom elevado que geralmente glorifica algo o a alguém³³, após segue com: a vingança das Malvinas, percebe-se que neste exemplo a vingança já não é dos argentinos como sugere a [NGB] e sim das *Malvinas*. Na [NGAL] Maradona já aparece como vingador das Malvinas, Maradona como sujeito e vingador como adjetivo.

Exemplo 9: apresento este exemplo para demonstrar as pequenas alterações de sintaxe que ocorrem, mas que não alteram necessariamente

³³ *Oda*: significado segundo o dicionário online da *Real Academia Española*: www.rae.es. Tradução minha.

o sentido para o leitor. Neste caso vemos a diferença na conjugação do verbo *nascer*, enquanto a [NGB] usa o verbo no presente: nasce, a [NGE] prefere usar o substantivo nascimento. A [NGAL] não traz este artigo.

Após a explanação do título principal e dos subtítulos da matéria, no que se segue analiso dois exemplos de cada um dos artigos que compõem os TsA:

Exemplo: Artigo Costa do Marfim

Exemplo 10	[NGB] <u>A seleção acabara de conquistar uma vaga para a Copa do Mundo</u> – pela primeira vez. [...] Por toda parte tocava alto a música <i>zougrou</i> , em meio a um alegre <u>panelaço</u> . (p. 50, 1º parágrafo)
	[NGE] <u>Costa do Marfim se había clasificado para el Mundial</u> por primera vez en la historia. [...] resonaba la música <i>zougrou</i> a todo volumen y la gente <u>aporreaba alegremente ollas y cacerolas</u> . (p. 40, 1º parágrafo) <i>[Costa do Marfim havia se classificado para o Mundial pela primeira vez na história. [...] ecoava a música zougrou a todo volume e as pessoas alegremente batiam com força em panelas e caçarolas]</i>
	[NGAL] <u>Costa de Marfim acababa de calificar</u> por primeira vez para el <u>Mundial</u> . [...] se oía música <i>zougrou</i> a todo volumen y con júbilo se <u>golpeaban ollas y cacerolas</u> . (p. 14, 1º parágrafo) <i>[Costa do Marfim acabava de se classificar pela primeira vez para o Mundial [...] se ouvia música zougrou a todo volume e com exultação se batia em panelas e caçaréolas]</i>
Exemplo 11	[NGB] [...] os feiticeiros, estes fizeram <i>juju</i> , mandinga, contra a seleção, e esta <u>passou uma década amargando resultados pífios</u> . (p. 51, 4º parágrafo)
	[NGE] [...] los brujos, éstos lanzaron una maldición sobre la selección, qué sufrió <u>una mala racha de diez años</u> . (p. 41, 4º parágrafo) <i>[os bruxos, estes lançaram uma maldição sobre a seleção, que sofreu uma fase de má sorte de dez anos.]</i>
	[NGAL] [...] os brujos, estos lanzaron una maldición contra el equipo, <u>que durante 10 años tuvo resultados decepcionantes</u> . (p. 15, 4º parágrafo) <i>[os bruxos, estes lançaram uma maldição contra o time, que</i>

	<i>durante 10 anos teve resultados decepcionantes.]</i>
--	---

Tabela 3.5. Exemplos dos TsA: *artigo Costa do Marfim.*

Exemplo 10: Neste exemplo podemos observar dois pontos de divergência, o primeiro é que diferente das outras duas revistas, a [NGB] usa a seleção acabara de conquistar; neste caso o uso de seleção e conquistar sugerem um tom de aproximação do texto com o leitor, enquanto as outras usam Costa do Marfim acabava de se classificar. O segundo ponto que se destaca é a palavra panelaço que a [NGB] usa e que na [NGE] e [NGAL] trazem como batiam em painelas e caçarolas. Este caso é o que Nord (1991, p. 11), destaca como o domínio que o tradutor tem da cultura-fonte, que deve capacitá-lo a ponto de reconstruir as possíveis reações de um receptor dessa cultura, isto é, o tradutor possui conhecimento para fazer as aproximações culturais que forem pertinentes.

Exemplo 11: O que podemos destacar neste exemplo é a utilização de diferentes expressões idiomáticas em cada revista, com destaque para a [NGE] que emprega uma expressão mala racha, mais utilizada na Espanha e que significa uma fase de má sorte. Vemos que as três revistas usam expressões que aproximam o texto de cada público alvo, mas que por fim convergem em uma mesma idéia, de que feiticeiros lançaram uma maldição sobre a seleção da Costa do Marfim e que esta ficou 10 anos sem conseguir resultados importantes.

Exemplos: Artigo Inglaterra

Exemplo 12	[NGB] Em seguida, tudo começou a <u>degringolar</u> e nunca mais voltou a ser como <u>antes</u> . (p. 56, 1º parágrafo)
	[NGE] Después las cosas <u>se torcieron</u> , <u>más o menos para siempre</u> . (p. 46, 1º parágrafo) <i>[Depois as coisas se complicaram, mais ou menos para sempre.]</i>
	[NGAL] Después, todo <u>se estropeó</u> , <u>según parece</u> , <u>para siempre</u> . (p. 22, 1º parágrafo) <i>[Depois, tudo se rompeu, segundo consta, para sempre.]</i>
Exemplo 13	[NGB] [...] dispersar a turba de torcedores ingleses que estava prestes a tornar-se um <u>bando muito sinistro</u> . (p. 56, 2º parágrafo)
	[NGE] [...] dispersar a <u>nuestros desenfreados hooligans</u> . (p. 46, 2º parágrafo) <i>[dispersar a nossos desenfreados hooligans]</i>
	[NGAL] [...] dispersar a <u>nuestros revoltosos hooligans</u> .

(p. 22, 2º parágrafo) [dispersar a nossos revoltosos hooligans.]

Tabela 3.6. Exemplos dos TsA: *artigo Inglaterra*.

Exemplo 12: Como já tratado em exemplos anteriores, temos novamente o fator cultural influenciando nas escolhas do tradutor. Lemos na [NGB] degringolar, termo tipicamente usado no Brasil que segundo o dicionário *Michaelis* significa: cair, dismantelar-se e que foi traduzido por se complicaram pela [NGE] e se rompeu na [NGAL]. Os verbos utilizados na [NGE] e na [NGAL] também poderiam ter sido utilizados pelo tradutor da [NGB], no entanto ele fez a opção por um verbo que aproxime o texto do seu leitor. Sobre isso Nord (1991) trata que toda escolha tem uma função, a seleção do léxico não é feita por acaso, ainda que sejam escolhas feitas inconscientemente pelo tradutor.

Exemplo 13: Como já analisado no *exemplo 3* (p. 51), que trata do termo *hooligans*, a [NGB] omite essa palavra e consequentemente os signos a ela vinculados, se refere ao *hooligans* como bando muito sinistro, percebe-se que neste exemplo como no *exemplo 3* o tradutor opta por transmitir a significação da palavra através de adjetivos, que no caso do presente trecho consegue transmitir parte do peso cultural desta palavra. Um ultima observação é o uso por parte da [NGE] de nossos desenfreados, que demonstra a característica sem limites que os europeus vinculam aos torcedores ingleses e a proximidade pelo pronome possessivo: *nossos*. A [NGAL] também usa o nossos, mas que para o leitor latino americano pode causar distanciamento, já que os referidos *hooligans* não fazem parte da sua torcida, mas usa um adjetivo revoltosos menos marcante que o da [NGE].

Exemplo: Artigo Brasil

Exemplo 14	[NGB] [...] que da um pique de 70 metros para chegar ali. (p. 62, 1º parágrafo)
	[NGE] [...] que ha corrido 70 metros para estar allí. (p. 52, 1º parágrafo) [que correu 70 metros para estar ali.]
	[NGAL] Omissão do artigo – Brasil
Exemplo 15	[NGB] Em geral, <u>os torcedores</u> , sobretudo os de futebol, <u>odeiam os favoritos</u> (o Real Madrid na Espanha, a Juventus na Itália, o Machester United/Chelsea na Inglaterra). (p. 62, 2º parágrafo)

	<p>[NGE] <u>Los aficionados</u> al deporte en general y al fútbol en particular <u>suelen detestar a los más fuertes.</u> (p. 52, 2º parágrafo)</p> <p>[Os fanáticos por esportes em geral e por futebol em particular costumam detestar aos mais fortes]</p>
	<p>[NGAL] Omissão do artigo – Brasil</p>

Tabela 3.7. Exemplos dos TsA: *artigo Brasil*.

Exemplo 14: Neste caso entendo que houve uma perda de informação para o leitor espanhol. A [NGB] ao empregar a expressão pique transmite a idéia de que o jogador ao pegar a bola deu uma arrancada rápida e correu com velocidade até o passo seguinte da jogada, o que não vemos na [NGE] que utilizada somente correu 70 metros. Percebemos desta maneira que o tradutor brasileiro ao empregar a palavra *pique* demonstrou conhecer além do código escrito, também consegue envolver os signos verbais que compõem a palavra, como tratado por Bakhtin: “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.” (2004, p. 51).

Exemplo 15: A preocupação do tradutor em relação ao seu público-alvo está evidenciada neste exemplo, pois se observa a omissão de um trecho e a adequação de palavras para aproximar o texto da cultura à qual foi direcionado. Lemos na [NGB] os torcedores [...] odeiam os favoritos e entre parênteses cita quais seriam estes supostos favoritos: o Real Madrid na Espanha, a Juventus na Itália, o Manchester United/Chelsea na Inglaterra. Na [NGE] é utilizado Os fanáticos [...] costumam detestar aos mais fortes e finaliza a frase sem dizer quais seriam esses times *mais fortes*. Entendo que por se tratar de uma revista publicada para leitores espanhóis, o time do *Real Madrid* não poderia aparecer como odiado, então é usado o verbo *detestar* que tem peso semântico menos carregado que *odiar* e, mesmo sem trazer os nomes dos times, se utiliza inconscientemente *mais fortes* em lugar de *favoritos* para evidenciar a qualidade do time espanhol.

Exemplos: Artigo Espanha

Exemplo 16	<p>[NGB] [...] onde as seleções do Brasil, da Itália e da Argentina se enfrentam, em <u>um mata-mata</u>, na <u>segunda fase</u> da Copa do Mundo [...] (p. 63, 1º parágrafo)</p>
	<p>[NGE] [...] donde Brasil, Italia y Argentina se enfrentan en la <u>primera fase</u> del Mundial [...] (p. 53, 1º parágrafo)</p>

	<p><i>[onde o Brasil, Itália e Argentina se enfrentam na primeira fase do Mundial]</i></p>
	<p>[NGAL] [...] donde Brasil, Italia y Argentina se disputarán su sitio en <u>una eliminatória</u> de la Copa Mundial [...] (p. 23, 1º parágrafo)</p> <p><i>[onde Brasil, Itália e Argentina disputarão seu lugar em uma eliminatória da Copa do Mundo [...]]</i></p>
<p>Exemplo 17</p>	<p>[NGB] <u>Naquela noite</u> de fim de outono vimos uma partida do campeonato espanhol entre os dois grandes times rivais da cidade: <u>Barcelona e Español</u> – um jogo que mais parecia reencenação da <u>Guerra Civil Espanhola</u>, não um mero evento esportivo. (p. 63, 2º parágrafo)</p>
	<p>[NGE] <u>Aquella noche</u> de finales de otoño asistimos a un partido de la Liga española entre los dos rivales de esta ciudad, el <u>FC Barcelona y el Real Club Deportivo Español</u>, un encuentro que era más una representación de una <u>guerra atávica</u> entre adversarios que un mero acontecimiento deportivo. (p. 28, 2º parágrafo)</p> <p><i>[Aquela noite de fins de outono assistimos a uma partida da Liga espanhola entre os dois rivais desta cidade, o FC Barcelona e o Real Clube Esportivo Espanhol, um encontro que era mais uma representação de uma guerra atávica entre adversários que um mero acontecimento esportivo.]</i></p>
	<p>[NGAL] <u>Esa noche</u> estábamos viendo un encuentro de la liga española al final del otoño entre dos archirrivalés de esta ciudad: el <u>FC (Futbol Club) Barcelona y el Real Club Deportivo Español</u>, partido que fue más una reconstrucción de la <u>guerra civil española</u> que un mero acontecimiento deportivo. (p. 28, 2º parágrafo)</p> <p><i>[Essa noite estávamos vendo um encontro da liga espanhola ao final do outono entre dois arque rivais desta cidade: o FC (Futebol Clube) Barcelona e o Real Clube Esportivo Espanhol, partida que foi mais uma reconstrução da guerra civil espanhola que um mero acontecimento esportivo.]</i></p>

Tabela 3.8. Exemplos dos TsA: *artigo Espanha*.

Exemplo 16: Aqui temos outro exemplo de aproximação do texto-traduzido ao seu leitor alvo, o tradutor da [NGB] adiciona ao texto a expressão mata-mata, termo muito utilizado no Brasil para descrever a fase eliminatória de um campeonato de futebol, quando em um jogo duas equipes se enfrentam e o ganhador da partida elimina o seu adversário da competição. Segundo o dicionário *Michaelis mata-mata* também pode ser uma “espécie de jogo infantil, com bolas de gude, em que cada jogador procura atingir a bola do outro, apoderando-se dela”, o

que justifica utilizar este nome do jogo infantil como expressão que remete à eliminação. O tradutor da [NGE] só informa que se trata da primeira fase do Mundial, sem alusão a um jogo eliminatório, na [NGAL] se utiliza o artigo indefinido uma eliminatória. Um ponto merece atenção especial, quando a [NGB] escreve segunda fase e a [NGE] coloca primeira fase, o que primeiramente pode parecer um equívoco de tradução, se justifica se pensarmos que o Brasil já passa pelas eliminatórias sul-americanas e então considera essa outra fase como uma *segunda fase* eliminatória.

Exemplo 17: Podemos observar neste exemplo dois pontos importantes, o primeiro diz respeito aos pronomes demonstrativos que cada tradutor utiliza: a [NGB] usa aquela noite, a [NGE] naquela noite e a [NGAL] escreve essa noite. Desta forma o leitor de cada revista inicia a leitura deste parágrafo com um grau de aproximação diferente do texto. O segundo ponto é a distinção na maneira como cada revista apresenta algumas das informações, a [NGB] abrevia os nomes; Barcelona e Español, a [NGE] e a [NGAL] usam o nome completo dos times: FC Barcelona y el Real Club Deportivo Español, que se justifica quando consideramos que no Brasil quando se trata de um time normalmente não se usa o nome completo mas somente o nome principal. Outra informação relevante neste exemplo é mais uma vez a diferença ao se referir a um mesmo assunto, como quando tratam da guerra, a [NGB] escreve Guerra Civil Espanhola, iniciando com letra maiúscula, já a [NGAL] escreve guerra civil somente em letras minúsculas e sem inferir de qual guerra civil se trata. A [NGE] usa outro nome guerra atávica, que significa: reaparecimento nos descendentes de certos caracteres físicos ou morais, que vêm de avós ou antepassados, não presentes nas gerações imediatamente anteriores. Esta utilização se justifica porque a Espanha já passou por uma guerra civil antes, então uma nova guerra seria a repetição ou reaparecimento de algo já vivido anteriormente, sendo assim este termo só funciona na tradução da revista espanhola, o que indica que o tradutor teve domínio do código escrito e da cultura do país.

Exemplos: Artigo Argentina

Exemplo 18	[NGB] <u>Em minha adolescência</u> , na Inglaterra da década de 1980, o maior elogio que se podia fazer era chamar alguém de “ <u>brilhante</u> ” (como “Cara, esse seu novo <u>skate</u> é <u>brilhante</u> ”), e ninguém era tão merecedor desse adjetivo quanto Diego
-------------------	--

	<p>Armando Maradona. (p. 70, 1º parágrafo)</p> <p>[NGE] El mayor cumplido que se podía hacer a alguien durante <u>mi infancia</u> en Inglaterra, en los años ochenta, era “<u>skill</u>” (algo así como “<u>genial</u>” “<u>hábil</u>”, decíamos, por ejemplo: “¡Tío, tú tabla de <u>skate</u> sí que es genial!”), y nadie era más genial que Diego Armando Maradona. (p. 60, 1º parágrafo)</p> <p><i>[O maior elogio que se podia fazer a alguém durante minha infância na Inglaterra, nos anos oitenta, era “skill” (algo assim como “genial” “hábil”, dizíamos por exemplo: “Cara, seu skate sim que é genial!”), e ninguém era mais genial que Diego Armando Maradona.]</i></p> <p>[NGAL] Cuando yo era niño, en la Inglaterra de los ochenta, el mayor cumplido que se podía hacer a alguien o a algo era llamarlo “<u>hábil</u>” (“Oye, que ‘<u>hábil</u>’ tu <u>patineta</u> nueva”). Y, en este sentido, nadie era más “<u>hábil</u>” que Diego Armando Maradona. (p. 29, 1º parágrafo)</p> <p><i>[Quando eu era menino, na Inglaterra dos oitenta, o maior elogio que se podia fazer a alguém ou a algo era chamá-lo “hábil” (Nossa, que ‘hábil’ teu skate novo”). E, neste sentido, ninguém era mais “hábil” que Diego Armando Maradona.]</i></p>
<p>Exemplo 19</p>	<p>[NGB] [...] como se tivessem sido pessoalmente traídos pelo <u>jogador</u>. Da noite para o dia, o nome de Maradona tornou-se um insulto, <u>sinônimo de trapaça</u>. Eu fiquei perplexo. (p. 70, 4º parágrafo)</p> <p>[NGE] [...] como si él los hubiera traicionado personalmente. De la noche a la mañana, su nombre se había convertido en insulto, <u>en sinónimo de trampa</u>. Yo estaba desconcertado. (p. 60, 4º parágrafo)</p> <p><i>[como se ele tivesse traído pessoalmente. Da noite para o dia, seu nome tinha se convertido em insulto, em sinônimo de trapaça. Eu estava desconcertado.]</i></p> <p>[NGAL] [...] como si los hubiera traicionado personalmente. De la noche a la mañana su nombre se había <u>convertido en un insulto</u>. Yo estaba desconcertado. (p. 29, 4º parágrafo)</p> <p><i>[como se os tivesse traído pessoalmente. Da noite para o dia seu nome tinha se tornado um insulto. Eu estava desconcertado.]</i></p>

Tabela 3.9. Exemplos dos TsA: artigo Argentina.

Exemplo 18: As principais observações neste exemplo são a respeito dos adjetivos empregados pelos tradutores das três revistas. Para a mesma palavra do inglês skill, o tradutor da [NGB] não coloca a termo

original do inglês e traduz como *brilhante*. O tradutor da [NGE] mantém a palavra em inglês e traduz por *genial_ou_hábil*. E por fim, o tradutor da [NGAL] também opta por não trazer o termo em inglês e traduz somente por *hábil*. Nos três casos a tradução do adjetivo conseguiu transmitir o mesmo significado, no entanto o tradutor da [NGE] optou manter o termo em inglês, o que causa certo distanciamento para o leitor da Espanha, que normalmente é resistente a utilização de termos estrangeiros.

Exemplo 19: Neste exemplo fica claro a marca cultural presente na [NGAL], que adapta a informação pejorativa relativa ao jogador Maradona, substitui sinônimo de trapaça por convertido em um insulto. Essa alteração se justifica porque para leitores da América Latina, em especial leitores argentinos, relacionar o nome do venerado jogador Maradona com trapaça não seria bem aceito pelo leitor-alvo. Como levantado na sistematização da interface tradução e jornalismo, o texto jornalístico e a tradução sofrem influências políticas, sociais e econômicas, que serão determinantes na elaboração do texto.

Exemplo: Artigo Croácia

Exemplo 20	[NGB] Torcedores de ambos os times se <u>engalfinham</u> na arquibancada. A polícia, controlada pelos sérvios, arremeteu contra os croatas, ao mesmo tempo que <u>fazia vista grossa</u> à violência dos torcedores sérvios. (p. 71, 1º parágrafo)
	[NGE] Al principio del partido <u>hubo choques</u> en las gradas y en el campo entre los seguidores de ambos equipos. La policía, dominada por los serbios, reprimió a los aficionados croatas mientras <u>permitía que la afición serbia se desbocara</u> . (p. 61, 1º parágrafo) <i>[No inicio da partida houve choques nas arquibancadas e no campo entre os torcedores de ambas as equipes. A polícia, dominada pelos sérvios, reprimiu aos aficionados croatas enquanto permitia que a ficção sérvia saísse do controle]</i>
	[NGAL] Omissão do artigo – Croácia
Exemplo 21	[NGB] O orgulho começou <u>tomar conta</u> da nação quando a Croácia venceu o poderoso time da Alemanha nas quartas-de-final. [...] jogo entre Croácia e Holanda, <u>na primeira fase</u> . (p. 71, 3º parágrafo)
	[NGE]. La exaltación se adueñó del país cuando Croácia venció a Alemania en cuartos de final, [...] partido entre Croácia y Holanda en el que se <u>disputaban la tercera plaza</u> . (p.

	61, 3º parágrafo) <i>[A exaltação tomou conta do país quando Croácia venceu a Alemanha nas quartas-de-final. [...] jogo entre Croácia e Holanda em que se disputava o terceiro lugar]</i>
	[NGAL] Omissão do artigo – Croácia

Tabela 3.10. Exemplos dos TsA: *artigo Croácia*.

Exemplo 20: novamente temos ocorrência de ordem lexical em dois momentos deste exemplo, a [NGB] ao utilizar engalfinharam e fazia vista grossa, que aproxima seu leitor por se tratar de palavras de uso popular para os brasileiros e que não têm correspondência direta em espanhol. A [NGE] por sua vez emprega houve choques e permitia que a ficção, que são opções que também poderiam ter sido utilizadas na versão brasileira, mas que o tradutor da [NGB] soube aproximar o texto do seu leitor-alvo. As escolhas do tradutor da [NGB] se justificam ao levarmos em consideração que “a recepção do texto por parte do tradutor será, inevitavelmente, influenciada pelo seu conhecimento” (NORD, 1991, p. 11). Também podemos observar a adição de informações na [NGE] ao acrescentar e no campo.

Exemplo 21: Neste exemplo vemos um deslocamento de enfoque para o leitor brasileiro, pelo descuido do tradutor da [NGB], que trata o jogo da Croácia e Holanda como sendo da primeira fase, mas o próprio texto informa anteriormente que antes deste jogo a Croácia venceu da Alemanha nas quartas-de-final, portanto o jogo seguinte não poderia ser da primeira fase. O equívoco se comprova ao lermos a [NGE] que indica o jogo da Croácia e Holanda como a disputa do terceiro lugar da Copa do Mundo de 1998. Podemos inferir neste caso que, novamente a sistematização da tradução e jornalismo pode ser aplicado, pois tanto o texto jornalístico como o texto traduzido enfrentam o mesmo problema no que diz respeito a qualidade das revisões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para iniciar estas considerações finais gostaria de retomar rapidamente a trajetória deste estudo, começando pela escolha do tema que surgiu do trabalho de conclusão de curso de Letras Espanhol da Universidade Federal de Santa Catarina e em função deste que ocorreu o primeiro contato com as revistas que apresentam os textos de análise desta dissertação. Desde então as influências culturais que permeiam a tradução já me instigavam a um estudo mais aprofundado. Foi neste processo que a teoria de Christiane Nord me foi apresentada como embasamento teórico para as discussões que permeiam a tradução, juntamente com a teoria de Bakhtin para tratar das relações entre signo verbal e palavra e mais tarde o posicionamento teórico de Frank Esser com relação aos fatores que influenciam o fazer jornalístico.

As influências culturais guiaram este trabalho desde a escolha das revistas, já que ao definir o tema da Copa do Mundo de 2006 e buscar pelas revistas percebi que as capas traziam fotos muito diferentes e isto foi o ponto de partida para validação da minha hipótese inicial, de que as revistas eram direcionadas ao público-leitor de cada país. Foi com este precedente que iniciei a análise das revistas, inicialmente pelas características visuais, como as fotos e depois especificamente dos textos. Neste momento percebi que a matéria principal da Copa era estruturalmente igual em todas as três revistas, continha a mesma quantidade de páginas, as mesmas fotos e o mesmo posicionamento de matéria central na revista, fatores que levaram a acreditar que as diferenças se restringiriam as fotos de capa e que os textos não apresentariam subsídio para o estudo que pretendia desenvolver, mas quando comecei o cotejamento das matérias, as diferenças se mostraram evidentes e validas para o desenvolvimento do estudo proposto, o que estimulou ainda mais a pesquisa.

Em função de a interface tradução e jornalismo ser uma área relativamente nova dentro dos Estudos da Tradução, o primeiro desafio foi demonstrar que é possível analisar uma tradução sem ter necessariamente o texto original como ponto de partida, já que este estudo não teve por objetivo avaliar se as traduções dos textos selecionados seguem ou não o texto original, mas sim verificar como as marcas culturais se mostram presentes nos textos direcionados a cada cultura, como os fatores internos e externos ao texto influenciam nas

escolhas do tradutor e também convidar a novas reflexões sobre a tradução através de um viés cultural.

Para que os pressupostos desta pesquisa pudessem ser testados e comprovados, contei também com o apoio teórico dos estudos de Mikhail Bakhtin (2004), iniciando assim do micro, que é a relação entre os signos verbais e a palavra, para depois seguir para o macro, que é a importância de cada palavra no estudo de uma tradução. A teoria de Bakhtin possibilitou entender a relação que os signos verbais têm na formação de uma palavra, demonstrando que o universo de uma palavra é construído através dos signos verbais, que carregam as características e ideologias de cada cultura. São os signos verbais, junto com a fala e a escrita, que proporcionam a materialização de cada língua e assim o indivíduo ao adquirir uma língua também adquire a ideologia e a cultura que dão base a essa língua.

Com esse embasamento, foi possível reforçar a idéia de que todo o processo de construção da palavra torna a língua suscetível a incontáveis interpretações e que consequentemente guia o ato da tradução. Sendo assim, entendo que o tradutor além do código escrito também deve conhecer os signos verbais que permeiam cada palavra, para ter os subsídios necessários no momento de decodificar um texto da cultura-fonte e recodificá-los na cultura-alvo.

Para o âmbito da tradução, me pautei na teoria funcionalista de Christiane Nord (1991), a qual proporcionou entender a função prospectiva (skopos), o propósito, do texto-alvo e a compreensão do ato tradutório como uma comunicação intercultural, que é marcado e influenciado pelo leitor-alvo.

O modelo de tradução sugerido pela teórica serviu como base para a sistematização dos TsA, com a qual foi possível constatar e comprovar, através dos exemplos estudados, que as escolhas do tradutor são influenciadas por fatores internos e externos ao texto e que este processo deixa suas marcas no texto.

Para o entendimento do que diz respeito ao jornalismo, me pautei no Modelo Pluriestratificado Integrado, de Frank Esser (1998), in Zipser (2002), pelo qual obtive subsídios para comprovar o fato de todo texto jornalístico é criado em um contexto cultural próprio e isto influencia no processo de produção e, consequentemente, sua tradução. Desde a interpretação do fato noticioso, passando pela produção do texto, diagramação e posteriormente a publicação, cada um desses momentos será influenciado por fatores externos e internos ao texto, como questões políticas, sociais, econômicas, editoriais, entre outros.

O modelo de Esser ofereceu ferramentas que possibilitaram entender a dinâmica de atuação do jornalismo e as influências que regem o fazer jornalístico. Também proporcionou trabalhar o conceito de interculturalidade, que é um dos pontos de interseção entre o jornalismo e a tradução, por que rege as atividades tanto do tradutor, quanto do jornalista.

Todo este entorno teórico, guiou a escolha dos exemplos que foram tratados neste trabalho. Como ferramenta para atingir os objetivos traçados, se optou pela análise lexical, que se mostrou eficaz e enriquecedora, pois possibilitou o entendimento dos enfoques dados em cada revista e evidenciou a importância de o tradutor dispor de um conhecimento vasto das culturas envolvidas na tradução.

Por isso, reitero que uma tradução não depende somente da habilidade do tradutor, mas das decisões tomadas por este, já que suas escolhas influenciarão diretamente no texto e, em consequência, no público que dialogará com a tradução. É imprescindível que o tradutor assuma seu papel de intermediador cultural e tenha consciência que seu papel na sociedade vai muito além do código escrito, pois entra diretamente nas práticas sociais do leitor.

Diante do exposto e através da análise dos textos da revista National Geographic, neste momento é possível retomar os propósitos traçados no início deste estudo, os quais nos proporcionaram chegar aos seguintes resultados:

1. Buscar a comprovação que as marcas culturais se manifestam nos textos analisados:

A iniciar a análise, pelo fato das matérias terem a diagramação das fotos e textos praticamente idênticas, não parecia que a hipótese inicial se comprovaria, mas logo ao iniciar as parametrizações das três revistas, as diferenças foram surgindo. Agora, após todo trabalho de análise e reflexão sobre os exemplos selecionados, tenho subsídios que evidenciam a presença das marcas culturais nos textos estudados. Através dos exemplos é possível demonstrar que a representação da cultura de cada país deixou suas marcas no texto traduzido e entendo ainda que é através dessas marcas que o tradutor consegue aproximar seu leitor-alvo deste texto.

2. Identificar sob quais aspectos as marcas culturais se apresentam:

O aspecto que se mostrou mais representativo foram as escolhas lexicais, pois por meio destas escolhas foi possível visualizar as

aproximações culturais que cada tradutor/jornalista fez. Também se evidenciaram omissões e expansão de informações, normalmente com o propósito de manter a coerência para determinada cultura, como se evidenciou no exemplo 19, onde o tradutor adaptou uma informação pejorativa em que o nome do jogador Maradona era relacionado com trapaça, para que leitores da América Latina, em especial leitores argentinos, ficassem motivados pelo texto.

3. Analisar como cada tradutor direcionou seu trabalho ao leitor alvo e à cultura na qual está inserido e se isso ocasionou um deslocamento de enfoque:

Este pressuposto é um dos que se mostrou mais representativo, já que através dos exemplos analisados se observa com facilidade o direcionamento do texto à cultura para qual cada revista se destinava. Observa-se também que a [NGB] é a revista mais apelativa e emotiva quanto a escolha da foto de capa, o título de capa e escolhas lexicais, já que em diversos exemplos o tradutor utilizou palavras e expressões típicas do Brasil, mas que não se repetiu nas outras duas revista.

Vale ressaltar neste momento que na [NGAL] ocorre uma maior preocupação com o público-alvo, pois esta revista traz uma introdução completamente direcionada para o leitor daquela cultura, o que ocasiona a aproximação do texto com seu leitor. No entanto a escolha por uma introdução diferenciada tomou o espaço de algumas páginas da matéria, ocasionando a omissão de dois artigos presentes na [NGB] e [NGE]. Tal situação demonstrou que as influências da editora foram determinantes, proporcionou a liberdade de escolha quanto ao texto de introdução, mas foi determinante no que diz respeito ao espaço destinado à cada matéria.

4. Colaborar na consolidação da interface tradução e jornalismo e contribuir como material de futuras pesquisas dentro dos Estudos da Tradução:

Espero que a prática com o modelo de Nord para o estudo da tradução e a sistematização das teorias da tradução e jornalismo, estimule outros pesquisadores da área a compartilhar deste mesmo pensamento funcionalista, de que a função do texto deve estar voltada ao seu leitor e a cultura da qual este é parte integrante.

Também almejo que este trabalho contribua para difundir os estudos da tradução de textos jornalísticos, reforçando cada vez mais o trabalho iniciado por Zipser (2002), que possibilitou o estudo dentro desta interface.

Para finalizar, entendo que a aplicação dos modelos de Esser e Nord ajudaram compreender as duas grandes áreas que compõem a interface tradução e jornalismo, bem como estabelecer pontos de encontro entre estas duas áreas.

Foi deste processo de leitura e escrita das teorias que contatei que apesar da teoria de Nord tratar diretamente da tradução e a teoria de Esser estar voltada ao jornalismo, as duas traziam as mesmas discussões sobre as influências externas e internas ao texto. Foi então que surgiu a idéia de sistematizar essas duas teorias em forma de interface. Parti então da *Metáfora da Cebola de Esser* e baseada nas esferas sistematizadas por ele neste modelo, busquei as equivalências na teoria de Nord. Foi deste processo que resultou o modelo da interface jornalismo e tradução (item 2.5) e que serviu como um dos guias para a análise dos textos das revistas.

Com este modelo de sistematização das teorias de Christiane Nord e Frank Esser, espero ter contribuído para os Estudos da Tradução e que possa servir como material de futuras pesquisas na área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Textos de análise

NATIONAL GEOGRAPHIC EN ESPAÑOL. México, v.18. n.6, jun. 2006. Editora Televisa

NATIONAL GEOGRAPHIC ESPAÑA. Madrid, v.18. n.6, jun. 2006. Editora RBA Grupo Editorial

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. São Paulo, ano 7. n. 75, jun. 2006. Editora Abril

Textos de apoio teórico

ALMEIDA, Hutan do Céu de. *Brasil e Canadá: o texto jornalístico como tradução cultural e a relação dos leitores nas revistas VEJA e MACLEAN'S*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós- Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Florianópolis, 2005.

AZENHA JUNIOR, João. Tradução técnica e condicionantes culturais: primeiros passos para um estudo integrado. São Paulo: Humanitas / FFLCH/ USP, 1999.

BAKHTIN, Mikhail [1929] (Voloshinov), Estudo das ideologias e filosofia da linguagem. In: *Marxismo e filosofia da linguagem*, 11ª ed. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, cap. 1, p. 31-38, 2004

_____, A relação entre a infra-estrutura e as superestruturas. In: *Marxismo e filosofia da linguagem*, 11ª ed. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, cap. 2, p. 39-47, 2004.

- BUCCI, Eugênio. *Sobre Ética e Imprensa*. São Paulo: Companhia de Letras, 2000.
- CAMPOS, Geir. *O que é Tradução*. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1986.
- COSTA, Maria José Damiani; ZIPSER, Meta Elisabeth; POLCHLOPEK, Silvana Ayub. *Leitura e Tradução no Texto Jornalístico: os vários caminhos do café*. Revista Calígrama, (ECA/USP. Online), v.02, n.1, p.1-10, 2006.
- ESSER, Frank. *Die Kraft hinter den Schlagzeilen. Englischer und deutscher Journalismus im Vergleich*. München, Verlag Karl Albert GmbH, 1998 in ZIPSER, 2002.
- FANAVA, Patricia Melissa Silva Fonseca. *O Funcionalismo de Nord e sua relação com a comunicação e a localização*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Florianópolis, 2009.
- FREITAS, Antônio Francisco Ribeiro de. *Palavra: Signo ideológico*. Universidade Federal de Alagoas, 1999. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/freitas-antonio-palavra-signo.pdf> / Acesso 14/03/10.
- JAKOBSON, Roman, Aspectos lingüísticos da tradução. In: *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, p. 63-72, 1969.
- LAIÑO, Maria José. *Multiculturalismo: propostas de recontextualizações de fatos culturais na tradução em livros didáticos*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Florianópolis, 2010.
- LEAL, Alice Borges. *Funcionalismo e tradução literária – o modelo de Christiane Nord em três contos ingleses contemporâneos*. Florianópolis: Scientia Traductionis, vol. 2, n. 1, p.1-9, 2006.
- LIMONGI, Eliana Maria Limongi. *The Interdependence of Extratextual and Intratextual Factors in Translated Texts: A Sample of Ícaro Brasil, Varig's Bilingual In-Flight Magazine*. Dissertação (Mestrado) – Pós-

Graduação em Letras/Inglês e Literatura Correspondente. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Florianópolis, 2000.

LYONS, John, Semântica. Princípios gerais. In: *Introdução à lingüística teórica*. Trad. de Rosa V. M. Silva e H. Pimentel. São Paulo: Nacional; USP, p. 425-499, 1979.

NORD, Christiane. *Text Analysis in translation*. Amsterdam; Atlanta: Rodopi, 1991.

_____. *Translating as a Purposeful Activity. Functionalist Approaches Explained*. Manchester: St Jerome, 1997a.

_____. *Defining translation functions: the translation brief as a guideline for the trainee translator*. In *Ilha do Desterro*, 33:39-53. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997b.

_____. *La unidad de traducción en el enfoque funcionalista*. In: *Quaderns. Revista de traducció* 1, p. 65-77, 1998.

_____. [1988]. *Text Analysis in Translation: Theory, Methodology, and Didactic Applications of a Model for Translation-Oriented Text Analysis*. (translated by Christiane Nord and Penelope Sparrow). Amsterdam and Atlanta: Rodopi, 2005.

POLCHLOPEK, Silvana Ayub. *A Interface Tradução-Jornalismo: Um Estudo de Condicionantes Culturais e Verbos Auxiliares Modais sobre Textos Comparáveis das Revistas Veja e TIME*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós- Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Florianópolis, 2005

PONZIO, Augusto. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. [coordenação e tradução Valdemir Miotello]. 1.ed, 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

ROBYNS, Cleam. *Folia Translatologica*. In: *The internationalisation of social and cultural values: on the homogenization and localization strategies of the Reader's Digest*. Prague: Charles University, vol. 3, p. 83-91, 1994.

SACHET, Sabrina. *A interface tradução e jornalismo: marcas culturais no texto de revista*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Florianópolis, 2005.

ZIPSER, Meta Elisabeth. *Do Fato à Reportagem: As Diferenças de Enfoque e a Tradução como Representação Cultural*. São Paulo: USP, 2002. Tese de doutorado - Depto. de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo-USP.

ZIPSER, Meta Elisabeth ; POLCHLOPEK, S. A. . *Traduzindo notícias: as possibilidades da tradução em meio jornalístico*. Inventário (UFBA), v. v. 6, p. 01-18, 2007.

ANEXO I

APLICAÇÃO DO MODELO DE CHRISTIANE NORD

TEXTO [NGB] – National Geographic Brasil: <u>O jogo da vida: por que o futebol fascina o mundo.</u> (28 páginas - p. 44-71)	
FATORES EXTERNOS AO TEXTO	
Emissor	National Geographic Brasil
Intenção	Trazer ao leitor brasileiro informações sobre a Copa do Mundo de Futebol
Receptor	Público leitor brasileiro da National Geographic
Meio	Revista impressa mensalmente – Editora Abril, São Paulo
Lugar	Território brasileiro
Tempo	Junho de 2006, mês em que se realizava a Copa do Mundo na Alemanha
Propósito (motivo)	Justificar a influência do futebol no mundo. Mostrar artigos que tratam de aspectos do futebol em diferentes países do mundo. Oferece informações adicionais em mapa suplemento.
Função textual	Informativa por apresentar a perspectiva de diferentes países a respeito do futebol. Explicativa por trazer informações adicionais sobre a Copa pensando no perfil do público leitor. Apela para o conhecimento prévio do leitor.
FATORES INTERNOS AO TEXTO	
Tema	Copa do Mundo de Futebol de 2006, realizada na Alemanha
Conteúdo	Introdução falando do fascínio que o futebol causa em todo o mundo, trata como <i>elemento de união</i> para todas as pessoas. Segue em uma subdivisão de 8 artigos tratando dos países: Costa do Marfim, Inglaterra, Brasil, Costa Rica, Espanha, Angola, Argentina e Croácia. Cada um dos artigos é um relato de aspectos ou uma história sobre o futebol no país, em alguns casos fala da classificação do time para a Copa de 2006
Pressuposições	Pela forte cultura que o Brasil tem do futebol, se pressupõe que algumas informações, que já são de conhecimento do leitor, poderão ser suprimida

Estruturação	Matéria composta de 28 páginas, sendo 12 páginas de texto e 16 páginas de fotos. Introdução inicial e tema principal subdividido em 8 artigos com títulos e relatos distinto entre eles
Elementos não-verbais	Cada foto ocupa duas páginas e traz uma legenda e uma explicação da foto. A revista oferece informações adicionais em mapa suplemento
Léxico	Uso constante de adjetivos e substantivos; presença de locuções adjetivas; locuções adverbiais; advérbios de tempo, intensidade e modo
Sintaxe	Predominam verbos no passado; linguagem formal com períodos informais; orações subordinadas de período simples e composto
Elementos supra-segmentais	Introdução com primeiro parágrafo em letra maior que o restante do texto, primeira letra em destaque. Primeira letra de cada artigo também com primeira letra em destaque. Utilização de aspas para citações e para palavras com mais de um sentido. Itálico para palavras não traduzidas
Efeito do texto	Mostrar o futebol por diferentes ângulos, pela perspectiva de cada país tratado nos 8 artigos

TEXTO [NGE] – National Geographic Espanha: <u>O jogo bonito: por que o futebol domina o mundo.</u> (28 páginas - p. 34-61)	
FATORES EXTERNOS AO TEXTO	
Emissor	National Geographic Espanha
Intenção	Trazer ao leitor espanhol informações sobre a Copa do Mundo de Futebol
Receptor	Público leitor da Espanha da National Geographic
Meio	Revista impressa mensalmente – Editora RBA Grupo Editorial, Madrid
Lugar	Território espanhol
Tempo	Junho de 2006, mês em que se realizava a Copa do Mundo na Alemanha
Propósito (motivo)	Justificar a influência do futebol no mundo. Mostrar artigos que tratam de aspectos do futebol em diferentes países do mundo. A revista oferece informações adicionais em mapa suplemento.
Função textual	Informativa por apresentar a perspectiva de diferentes países a respeito do futebol. Explicativa por trazer informações adicionais sobre a Copa pensando no perfil do público leitor. Apela para o conhecimento prévio do leitor.
FATORES INTERNOS AO TEXTO	
Tema	Copa do Mundo de Futebol de 2006, realizada na Alemanha
Conteúdo	Introdução falando do fascínio que o futebol causa em todo o mundo, trata como <i>elemento de união</i> para todas as pessoas. Segue em uma subdivisão de 8 artigos tratando dos países: Costa do Marfim, Inglaterra, Brasil, Costa Rica, Espanha, Angola, Argentina e Croácia. Cada um dos artigos é um relato de aspectos ou uma história sobre o futebol no país, em alguns casos fala da classificação do time para a Copa de 2006.
Pressuposições	Pela forte cultura que o Brasil tem do futebol, se

	pressupõe que algumas informações, que já são de conhecimento do leitor, poderão ser suprimida
Estruturação	Matéria composta de 28 páginas, sendo 12 páginas de texto e 16 páginas de fotos. Introdução inicial e tema principal subdividido em 8 artigos com títulos e relatos distinto entre eles
Elementos não-verbais	Cada foto ocupa duas páginas e traz uma legenda e uma explicação da foto. Mapa suplemento
Léxico	Uso constante de adjetivos e substantivos; presença de locuções adjetivas; locuções adverbiais; advérbios de tempo, intensidade e modo
Sintaxe	Predominam verbos no passado; linguagem formal com períodos informais; orações subordinadas de período simples e composto
Elementos supra-segmentais	Introdução com primeiro parágrafo em letra maior que o restante do texto, primeira letra em destaque. Primeira letra de cada artigo também com primeira letra em destaque. Utilização de aspas para citações e para palavras com mais de um sentido. Itálico para palavras não traduzidas
Efeito do texto	Mostrar o futebol por diferentes ângulos, pela perspectiva de cada país tratado nos 8 artigos

TEXTO [NGAL] – National Geographic América Latina: <u>O Futebol, o bonito jogo: por que governa o mundo.</u> (28 páginas – p. 2-29)	
FATORES EXTERNOS AO TEXTO	
Emissor	National Geographic em Espanhol
Intenção	Trazer ao leitor latino americano informações sobre a Copa do Mundo de Futebol
Receptor	Público leitor latino americano da National Geographic
Meio	Revista impressa mensalmente – Editora Televisa, México
Lugar	Território latino americano, incluindo leitores latino americanos que vivem nos Estados Unidos
Tempo	Junho de 2006, mês em que se realizava a Copa do Mundo na Alemanha
Propósito (motivo)	Justificar a influência do futebol no mundo. Mostrar artigos que tratam de aspectos do futebol em diferentes países do mundo. A revista oferece informações adicionais em mapa suplemento
Função textual	Informativa por apresentar a perspectiva de diferentes países a respeito do futebol. Explicativa por trazer informações adicionais sobre a Copa pensando no perfil do público leitor. Apela para o conhecimento prévio do leitor. Emocional principalmente na introdução
FATORES INTERNOS AO TEXTO	
Tema	Copa do Mundo de Futebol de 2006, realizada na Alemanha
Conteúdo	Introdução falando do fascínio que o futebol causa em todo o mundo, trata como <i>elemento de união</i> para todas as pessoas. Segue em uma subdivisão de 5 artigos tratando dos países: Costa do Marfim, Angola, Inglaterra, Espanha, Argentina. Cada um dos artigos é um relato de aspectos ou uma história sobre o futebol no país, em alguns casos fala da classificação do time para a Copa de 2006

Pressuposições	Pela forte cultura que o Brasil tem do futebol, se pressupõe que algumas informações, que já são de conhecimento do leitor, poderão ser suprimida
Estruturação	Matéria composta de 28 páginas, sendo 12 páginas de texto e 16 páginas de fotos. Introdução inicial e tema principal subdividido em 5 artigos com títulos e relatos distinto entre eles
Elementos não-verbais	Cada foto ocupa duas páginas e traz uma legenda e uma explicação da foto.
Léxico	Uso constante de adjetivos e substantivos; presença de locuções adjetivas; locuções adverbiais; advérbios de tempo, intensidade e modo
Sintaxe	Predominam verbos no passado; linguagem formal com períodos informais; orações subordinadas de período simples e composto
Elementos supra-segmentais	Introdução com primeiro parágrafo em letra maior que o restante do texto, primeira letra em destaque. Primeira letra de cada artigo também com primeira letra em destaque. Utilização de aspas para citações e para palavras com mais de um sentido. Itálico para palavras não traduzidas.
Efeito do texto	Mostrar o futebol por diferentes ângulos, pela perspectiva de cada país tratado nos 8 artigos.

ANEXO II
NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL

MAPA-PÔSTER: O PLANETA DO FUTEBOL

NANO
A CIÊNCIA DAS
PEQUENAS COISAS

WWW.NGBRASIL.COM.BR

JUNHO 2006

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL

Por que amamos o

futebol

A Copa celebra o esporte que une todos os povos

Íbis: o pior time do mundo não desiste
Lições de vida entre os religiosos huteritas
A misteriosa múmia da guerreira peruana

RS 14,90

ISSN 1517-7211

0 0 0 7 5 >



9 771517 721009

SUMÁRIO

JUNHO 2006 • ANO 7 • Nº 75



Este colar de cabeças douradas é um dos magníficos adornos encontrados junto à múmia mochecha no Peru.

IRA BLOCK

Reportagens

44 O jogo da vida

O futebol talvez seja a mais universal das atividades humanas. Todos os povos do mundo compactuam desse esporte fascinante. Por quê? Oito especialistas analisam o jogo e seus reflexos culturais neste mês em que 32 seleções se encontram na Alemanha para a Copa do Mundo.

INTRODUÇÃO POR SEAN WILSEY

MAPA-PÔSTER: O ESPORTE QUE UNE O MUNDO

72 A múmia tatuada

Arqueólogos estudam a mulher que viveu há 1,6 mil anos entre os mochechas, um povo do antigo Peru governado por homens ferozes. Símbolos de poder e enigmáticas tatuagens indicam que ela pode ter sido uma rainha guerreira.

POR A. R. WILLIAMS FOTOS DE IRA BLOCK

86 Microrrevolução

A nanotecnologia já mexeu com a sua vida? É questão de tempo. Essa ciência – cujo princípio é reduzir materiais corriqueiros a dimensões ínfimas, nanométricas – vai alterar muita coisa em nosso cotidiano, das roupas à medicina.

POR JENNIFER KAHN FOTOS DE MARK THIESSEN

ILUSTRAÇÕES DE KENNETH EDWARD

108 Paraíso agora

Os religiosos da seita huterita praticam o que seus ancestrais pregavam séculos atrás: uma vida em que compartilham alegrias e problemas e, sobretudo, confiam em Deus.

TEXTO E FOTOS POR WILLIAM ALBERT ALLARD

CAPA Ronaldinho Gaúcho comemora um gol pela seleção do Brasil.

FOTO DE VICTOR R. CAIVANO/AP

Seções

- 6 CARTAS
- 9 DIÁRIO DE CAMPO
- 12 VISÕES DA TERRA
- 18 FÓSSEIS
- 20 EXPEDIÇÕES
- 22 ONDE FICA?
- 24 SAÚDE
- 26 GEOGRAFIA
- 31 VIDA SELVAGEM
- 32 CIÊNCIA
- 34 CÓDIGO POSTAL
Bonito, PE
- 43 DO EDITOR
- 136 MUNDO NATIONAL
- 138 FLASHBACK

Visite o site de NATIONAL GEOGRAPHIC
www.ngbrasil.com.br

Código internet para esta edição

Se você comprou o exemplar avulso, a palavra **BOLA** dá acesso ao site.

Para assinar a revista

Ligue para
para
(11) 3347-2121 – Grande São Paulo;
0800-7012828 – outras localidades.
De 2ª a 6ª, das 8h às 22h
Ou acesse o site
www.assineabril.com.br

EXPEDIENTE

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL

Jairo Mendes Leal, *Diretor-Geral*
Laurentino Gomes, *Diretor Superintendente*
Caco de Paula, *Diretor de Núcleo*
Matthew Shiras, *Redator-Chefe*
Cristina Veit, *Diretora de Arte*
Ronaldo Ribeiro, *Editor Sênior*
Roberto Sakai, *Designer*
Cristina Lopes, *Coordenadora de Produção*
Mauro Litrenta, *Atendimento ao Leitor*
Beatriz de Cássia Mendes e Carlos Grassetti, *Apvio Editorial*
Wagner Barreira, *Serviços Editoriais*
Gracia de Souza, *Dep. de Documentação e Abril Press*
Ruth de Aquino, *Correspondente Internacional*

ASSESSORES

Amyr Klitz, *Experições*
Antonio Pedro Tota, *História*
Aizé Ab'Saber, *Geografia*
Carlos Roberto Brandão, *Zoologia*
Claudio Patto, *Biologia*
Drauzio Varella, *Medicina*
Marcelo Gleiser, *Física*
Márcia Ramos de Oliveira, *Oceanografia*
Otto Gadig, *Biologia*
Rosina Belinky, *Montanhismo*
Ruialdo Menegat, *Geologia*
Washington Novaes, *Ambiente*

REVISORA DE TEXTO

Marta Magnani

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Claudio Marcondes
Isa Mara Lando
Laura Motte
Tradutores

PUBLICIDADE

PUBLICIDADE CENTRALIZADA
Marcos Peregrina Gomez, Mariane Ortiz, Roberto Monte e Sandra Sampaio, *Diretores*
Eliani Prado, Letícia Di Lallo, Luciano Almeida, Maria Luiza Marot, Marcelo Almeida, Marcelo Cavalheiro, Márcia Soter, Nilo Bastos, Pedro Bonaldi, Sueli Cozza, Virginia Any, Vianir Aderaldo e William Hagopian, *Executivos de Negócio*

PUBLICIDADE REGIONAL

Jacques Baisi Ricardo, *Diretor*

PUBLICIDADE RIO DE JANEIRO

Paulo Renato Simões, *Diretor*

PUBLICIDADE NÚCLEO TURISMO

Ivanilda Gadioli, *Gerente de Vendas Publicidade*
Sandra Moskovich, *Gerente Executivo de Negócios*
Bruno De Paula, Caio Souza, Márcia Marini e Tatiana Castro Pinho, *Executivos de Negócio*

MARKETING E CIRCULAÇÃO

Fábio Luis dos Santos, *Gerente de Marketing*
Carla Soares, *Gerente de Publicações e Marketing Publicitário*
Débora Fazio Ogata, *Assistente de Marketing*
Maria Helena Couto, *Gerente de Circulação Avisões*
Euválio Nadir Lima Jr., *Assinaturas*

PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES

Auro Iasi, *Diretor*
Cheng Chuan, *Gerente*
Lourdes Oliveira, *Consultora*
Irlia Ferreira, *Processos*

ASSINATURAS

Ana Dávalos, *Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor*
Fernando Costa, *Diretor de Vendas*

INTERNET

Antonio Campos, *Redator-Chefe*
Anna Paula Lima, *Editora de Web*
Tadeu Cerqueira Pereira, *Editor de Arte*
Giovanna Spada, *Estagiário*



REVISTA OFICIAL DA
NATIONAL GEOGRAPHIC SOCIETY
"PARA A AMPLIAÇÃO E A DIFUSÃO
DOS CONHECIMENTOS GEOGRÁFICOS"

JOHN M. FAHEY, JR., *President and CEO*

EXECUTIVE VICE PRESIDENTS

Terrence B. Adanson
Linda Berkeley, *President, Enterprises*
Terry D. Garcia, *Mission Programs*
John D. Griffin, *President, Magazine Group*
Nina D. Hoffman, *President, Books and School Publishing Group*
Christopher A. Liedel, *CEO*

BOARD OF TRUSTEES

Gilbert M. Grosvenor, *Chairman*

INTERNATIONAL LICENSING

Rob Hernandez, Mandy Catron, Cynthia Combs, Heather Farca, Jennifer Fisk, Gretchen Frank, Cynthia Ghetboou, Katie Hayes, Christine Higgins, Pat Hitt, Amy Johnson, Kuray Kotan, Mayeue Lee, Diana Leskovic, Rachel Love, Thomas Martin, Howard Payne, Sherry Pendleton, Marsha Roberts, John Robertson, Constance Roellig, Dairree Sullivan, Anne Whittle, Melissa Yokel

RESEARCH AND EXPLORATION COMMITTEE

Peter H. Raven, *Chairman*
John M. Francis, *Vice Chairman*
Martha E. Church, Steven M. Colman, Scott V. Edwards, Philip Gingerich, William L. Graf, Nancy Knowlton, Dan M. Martin, Scott E. Miller, Jan Nijman, Stuart L. Pimm, Eisa M. Redmond, Bruce D. Smith, Patricia C. Wright, Melinda A. Zeder

EXPLORERS-IN-RESIDENCE

Robert Ballard, Wade Davis, Sylvia Earle, Zahi Hawass, Louise Leakey, Maave Leakey, Johan Reinhard, Paul Sereno, Spencer Wells
Conservation Fellow: J. Michael Fay

A National Geographic Society foi fundada em Washington, D.C., como organização científica e educacional sem fins lucrativos. Desde 1888, a Sociedade patrocinando mais de 1 mil explorações e pesquisas, autenticando assim nossos conhecimentos a respeito da terra, do mar e do céu.

Copyright © 2006 National Geographic Society. Todos os direitos reservados. A National Geographic e o moldura amarela da capa são Marcas Registradas ®. A Revista National Geographic não se responsabiliza por material editorial não solicitado. **Impressa na Divisão Gráfica da Editora Abril S.A.**

NATIONAL GEOGRAPHIC

CHRIS JOHNS, *Editor in Chief*

Victoria Pope, *Managing Editor*
Dennis R. Dimick, Bill Mart, Carolyn White, *Executive Editors*
Robert L. Baoth, *Associate Editor*
Amy Kolczak, *Editorial Director, International Editions*

SENIOR EDITORS

Tim Appenzeller, *Science*
Don Bell, *Geography & World Affairs*
Bill Douthitt, *Story Development*
John A. Echave, *Research Grants*
Ken Geiger, *Technology*
David Griffin, *Photography*
Lisa Moore LaRoë, *Staff Writers*
Valerie A. May, *New Media*
Peter Miller, *Expeditions*
Kathy Moran, *Natural History*
Oliver Payne, *Manuscripts*
Lesley B. Rogers, *Research*
Christopher P. Sloan, *Graphics*
David C. Whitmore, *Design & Typography*

INTERNATIONAL EDITIONS

Justin Kavanagh, *Text Editor*
Julie McCord, *Text Editor*
Angela Botzow, *Production Editor*
Shannon Hibberd, *Design Editor*
Sarah White, *Editorial Coordinator*

ENGRAVING AND PRINTING

George Bounellia, *Diretor*

NG MAPS

Maureen Flynn



EDITORA **Abril**

Victor Civita
(1907-1990)
Fundador

Roberto Civita, *Presidente e Editor*
Giancarlo Civita, *Vice-Presidente Executivo*

Roberto Civita (Presidente),
Thomas Souto Corrêa (Vice-Presidente),
José Roberto Guzzo, *Conselheiro Editorial*

Sidnei Basile, *Diretor Secretário Editorial e de Relações Institucionais*
Deborah Wright, *Vice-Presidente Comercial*
Thais Chede Soares B. Barreto, *Diretora Corporativa de Publicidade*

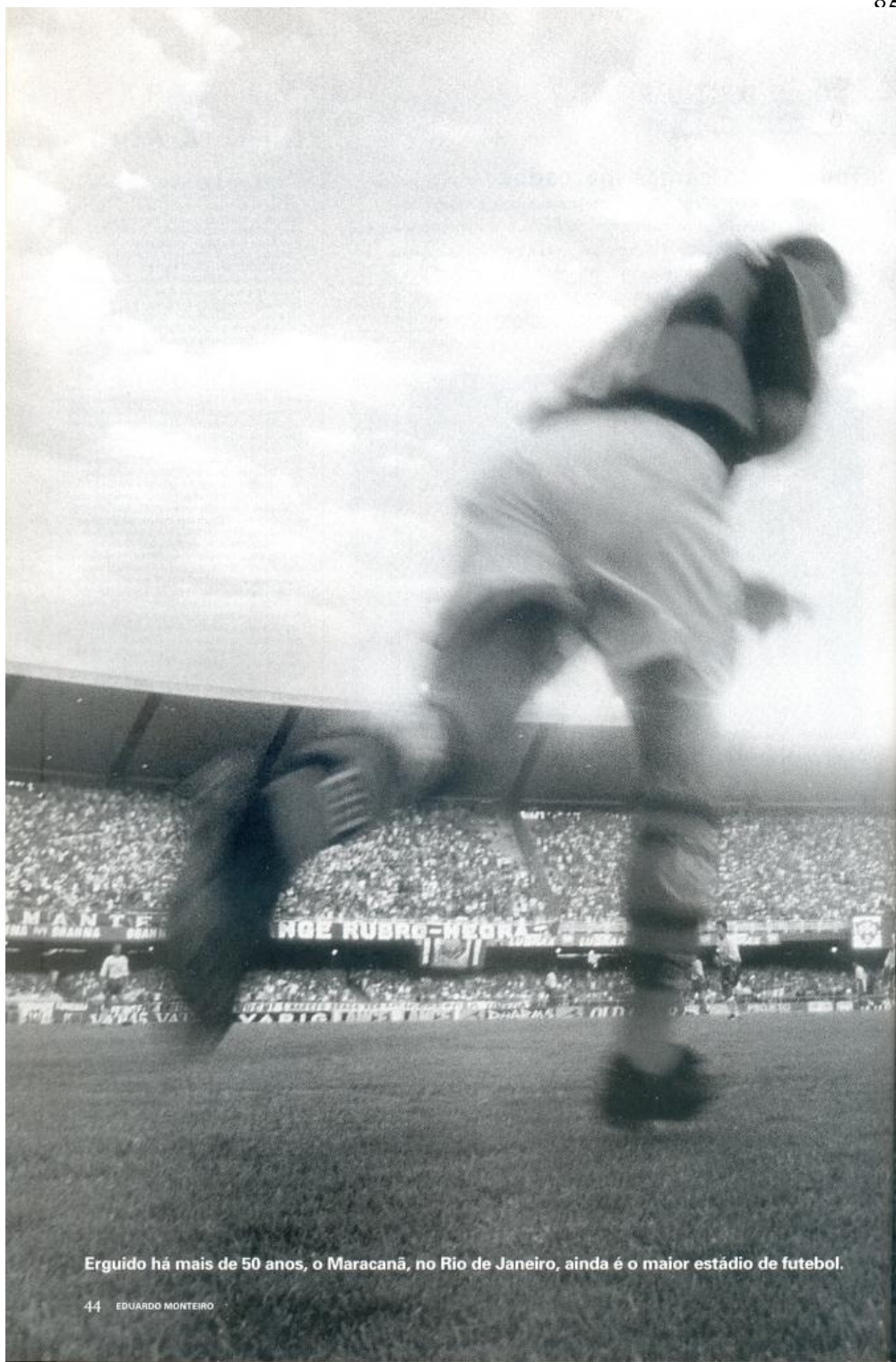


Abril

Roberto Civita, *Presidente do Conselho de Administração e Presidente Executivo*
Giancarlo Civita, *Vice-Presidente Executivo*

Deborah Wright, Eliane Lustosa, Marcio Ogliera,
Valter Pasquini, *Vice-Presidentes*

www.abril.com.br



Erguido há mais de 50 anos, o Maracanã, no Rio de Janeiro, ainda é o maior estádio de futebol.



o jogo da vida

por que o futebol
fascina o mundo

Neste mês, na Alemanha, 32 seleções vão mostrar sua força em um jogo que une – e divide – os países de todo o planeta.



Fervor político

Torcedores iluminam a noite em Zagreb, na Croácia, num duelo diante dos rivais da cidade de Split. Tal entusiasmo é inflamável: em 1990, num jogo contra um time de Belgrado, os ânimos não puderam ser contidos e degingolaram em uma batalha campal — um prenúncio da guerra pela independência croata.

NIKOLA SOLIC, REUTERS



Introdução por Sean Wilsey

Há muita vantagem em ser um torcedor americano da Copa do Mundo – e uma das principais é a ignorância. A comunidade onde crescemos não se reúne diante do aparelho de TV a cada quatro anos durante um mês inteiro, com o coração na mão. Nosso país nunca foi campeão. Podemos torcer para qualquer time, sem sentirmos vergonha ou temor. Não somos afetados pelos vínculos tribais de nossos compatriotas, alucinados por futebol. Enfim, somos apenas amadores, na acepção estrita desse termo. Assim, com a realização neste mês da Copa do Mundo na Alemanha – e a Copa é o único acontecimento esportivo genuinamente internacional (não, as Olimpíadas, com seu confuso amontoado de provas de atletismo, jamais serão tão importantes no mesmo sentido) –, podemos nos preparar para passar um mês no paraíso.

É o que pretendo fazer. O mundo refletido na Copa é aquele em que eu gostaria de viver. Não consigo resistir à pompa e ao espírito altivo semelhantes ao das Nações Unidas, à exibição apolítica de características nacionais, à revelação de graves falhas humanas e inesperados momentos de grandeza, ao fato de que países inteiros deixam de ir ao trabalho ou acordam às 3 da madrugada para ver um bando de homens correr atrás de uma bola. Alguns países são representados por times multirraciais – como a França e a Inglaterra –, enquanto outras equipes são compostas só de loiros, ou de asiáticos ou de latino-americanos. Um vendedor de pneus eslovaco, um policial italiano ou um pianista alemão fazem jornada dupla como árbitros. E há as crianças que dão as mãos aos jogadores quando estes entram em campo. Os hinos nacionais. Os homens que se pintam com as cores de seu país e choram desbragadamente quando seu time é derrotado. Para citar aquele livro que todo atleta em viagem encontra em seu quarto de hotel:

Adaptado, com a devida permissão, de The Thinking Fan's Guide to the World Cup (O guia da Copa do Mundo para o torcedor inteligente), organizado por Matt Weiland e Sean Wilsey. Nova York, HarperCollins, 2006.

“Alegrai-vos e regozijai-vos, porque será grande a vossa recompensa nos céus” (Mateus 5:12). Ou, como diz o meu exemplar de *As Regras do Futebol*, “Você está pronto? Pronto para instigar os jogadores à vitória, para maravilhar-se com sua resistência, velocidade e habilidade, estimulando-os a ganhar cada disputa de bola, preparado para poderosos chutes? Pronto para a excitação dos laterais que disparam em incríveis arrancadas, dos meios que avançam pelo campo adversário, das cobranças de escanteio com efeito, das tabelinhas perfeitas e dos gols aparentemente impossíveis? Pronto para mergulhar em um mundo de fantasia?”

Não admira que o futebol seja tão popular em todo o mundo. Uma explicação são duas coisas que sempre motivaram a humanidade: dinheiro e Deus. O futebol profissional movimenta muito dinheiro. Os clubes de futebol, tal como o capitalismo, resultam do desejo infantil de tornar reais os sonhos, seja qual for o custo – algo hoje concretizado por homens com recursos suficientes para juntar, por exemplo, o melhor atacante brasileiro, o melhor meia holandês, o melhor zagueiro britânico, o melhor goleiro alemão e colocá-los para enfrentar times da mesma qualidade, montados por outros bilionários. É uma situação injusta, claro, mas que reflete bem o mundo atual. Por outro lado, no futebol também encontramos o divino.

Afinal, esse jogo não é tudo o que deveria ser a religião? Universal e ao mesmo tempo particular, fonte de esperança sempre renovável e governado por leis simples e inequívocas, que todos podem entender. As regras do futebol promovem a igualdade, a contenção e a não violência, e são flexíveis o suficiente para ser reinterpretadas à vontade por um árbitro sensato. Vale o que o juiz decidir, por mais heterodoxas sejam suas decisões. O meu livrinho, depois de apresentar em detalhes as 17 regras oficiais do jogo, conclui dizendo que o juiz pode desconsiderar qualquer uma delas a fim de aplicar o que, de maneira um tanto mística, chama de “espírito de justiça”.

O substrato religioso do futebol fica mais evidente nos anos de Copa do Mundo. Times de todo o planeta convergem para o país-sede com o mesmo ânimo dos cruzados, mas desarmados e atléticos. E, tal como nas cruzadas, o país-sede tende a repelir esses invasores. Há uma curiosa e quase sobrenatural vantagem para a equipe que joga em casa. Em geral, seus jogadores obtêm um êxito desproporcional a seus talentos, triunfando sobre equipes melhores, como se ajudados por uma espécie de atração gravitacional que faz com que a partida seja mais favorável a eles ou, para levar essa metáfora a sua conclusão lógica, como se contassem com o apoio de Deus.

Todo mundo sabe que o futebol, tal como a religião, está na origem de muita violência. Mas o futebol também sobressai por sua capacidade de atenuar diferenças e subverter preconceitos nacionais. O mero fato de uma Copa do Mundo ter sido sediada simultaneamente na Coreia do Sul e no Japão, como ocorreu em 2002, foi uma vitória do espírito de tolerância e entendimento entre os povos. Em menos de meio século, os sul-coreanos passaram de uma atitude de intransigência, quando proibiram a entrada no país da seleção japonesa na fase de classificação para a Copa de 1954, para outra, em que aceitaram sediar o torneio em conjunto com uma nação que já os havia ocupado militarmente. Se concedermos ao mundo mais 50 anos, aposto que ainda veremos uma Copa sediada conjuntamente por Israel e a Palestina.

Sean Wisley é o autor do livro de memórias Oh the Glory of it All e editor da revista literária McSweeney's Quarterly.

E por que não? A universalidade do futebol deve muito à sua simplicidade – ao fato de que é possível jogar futebol em qualquer lugar e de qualquer maneira. Neste mês, esse jogo maravilhoso – essa mescla de negócio e religião, vamos dizer assim – vai mostrar sua face mais injusta, frustrante e magnífica na primeira Copa do Mundo a ser realizada na Alemanha unificada. E o que torna a Copa tão bela é o próprio mundo, a reunião de todos nós. A alegria de ser um dentre mais de 1 bilhão de pessoas que vão acompanhar as seleções de 32 países submetidas a 17 regras, reforça em mim a certeza de que o futebol é um elemento de união imprescindível para todos nós.

COSTA DO MARFIM

A arma da vitória: *juju*, a mandinga

Por Paul Laity

Paul Laity é um dos editores do jornal literário London Review of Books e joga na lateral esquerda em partidas amadoras de futebol.

Às dez para as 6 da tarde começou a festa. A seleção acabara de conquistar uma vaga para a Copa do Mundo – pela primeira vez. De repente, a cidade de Abidjan encheu-se de gente e de barulho. Os torcedores, vestindo as cores nacionais – laranja, branco e verde –, tomaram conta das ruas. Por toda parte tocava alto a música *zouglou*, em meio a um alegre panelaço. Muita gente comemorava com nova dança, a *Drogbacité*, assim chamada em homenagem ao artilheiro Didier Drogba. Com os passos de dança, imitavam seus dribles e chutes. Outros repetiam a *fouka-fouka*, sacudindo os quadris tal como Drogba ao comemorar seus gols. Os *maquis* – cafés, bares e boates ao ar livre – permaneceram abertos a noite toda, servindo “Drogbas”, garrafas da cerveja local que recebeu o nome do ídolo por ser enorme e de alto teor alcoólico. Vários homens traziam no peito as palavras “Les Éléphants”, o apelido da seleção, pois os elefantes, além de serem o símbolo da força, também trazem boa sorte – são protegidos por feitiços. A seleção havia enfrentado dificuldades, mas por fim se revelara digna de seu nome. Torcedores chegaram a dizer que só o futebol, não a política, poderia contribuir para o fim da guerra civil.

Ao longo dos seis anos anteriores, os donos do poder na Costa do Marfim, originários do sul do país, haviam fomentado o ódio aos imigrantes e aos muçulmanos. No entanto, muitos dos melhores jogadores eram de famílias muçulmanas ou imigrantes e, com isso, a seleção de futebol virou um irresistível símbolo de união nacional. Após o desfile da vitória em Abidjan, o diretor da Federação de Futebol da Costa do Marfim lançou um apelo ao presidente Laurent Gbagbo: “Em nome dos jogadores, venho dizer ao senhor que o maior desejo deles é que nosso país acabe com suas divisões. Eles gostariam que essa vitória fosse um estímulo para a pacificação. Que este êxito sirva para nos unir de novo”. E os festejos nas ruas prosseguiram ainda por mais um dia.

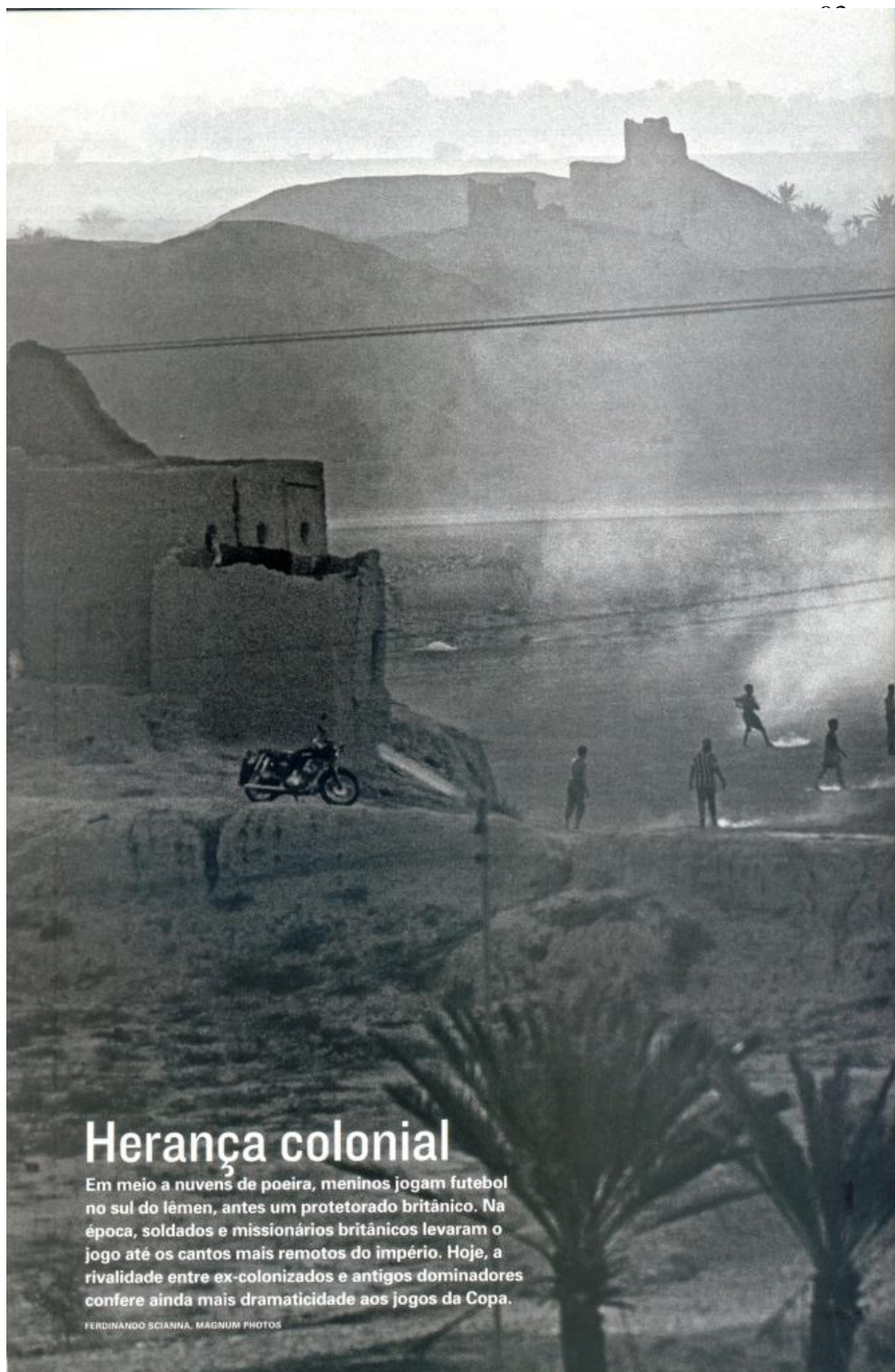
O presidente Gbagbo empenhou-se ao máximo para associar seu nome à conquista da seleção. Discursou sobre o rejuvenescimento da nação e presenteou cada jogador com o equivalente a um título de nobreza e uma vistosa mansão. No entanto, uma ausência se fez notar na cerimônia realizada na residência oficial do presidente: a do técnico da seleção, o francês Henri Michel – talvez por ser um lembrete vivo e incômodo do legado colonial. Na atual Cos-

ta do Marfim, quando se trata de futebol, não é fácil para as autoridades defender sua postura antifrancesa. Muitos jogadores atuam em times franceses, e vários passaram na França a maior parte de sua vida. Drogba, por exemplo, deixou a Costa do Marfim com apenas 5 anos, a fim de morar com um tio, e passou a infância assistindo pela TV aos jogos dos campeonatos europeus.

Para o presidente Gbagbo, convém ignorar a importância da França no futebol marfinense, e ele faz questão de divulgar quanto o governo vem gastando com a equipe de futebol. Mas provavelmente ele não vai querer que seu nome fique associado a outra forma de ajuda ao time. Em 1992, a única ocasião antes deste ano em que a Costa do Marfim disputou a Copa das Nações Africanas, o ministro dos Esportes recrutou um batalhão de *fétisheurs* (feiticeiros) para garantir uma vantagem sobrenatural no jogo contra Gana. Conta-se que, depois da partida, quando o ministro resolveu não mais recompensar os feiticeiros, estes fizeram *juju*, mandinga, contra a seleção, e esta passou uma década amargando resultados pífios. Em abril de 2002, o ministro da Defesa, Moïse Lida Kouassi, voltou a procurar os feiticeiros, desculpendo-se e presenteados-os com caixas de gim e pacotes de dinheiro. O trabalho anterior foi cancelado, e tudo correu bem: o time classificou-se para a Copa do Mundo.

Os feiticeiros colocam amuletos no campo de futebol e lambuzam as traves com unguentos mágicos que impediriam a entrada da bola. Em 1984, nada menos que 150 *fétisheurs* dividiram o hotel com a seleção quando esta teve de enfrentar um jogo decisivo na copa africana – cada jogador foi obrigado a tomar um banho especial com poções e, depois, convidado a fazer um pedido no ouvido de um pombo. O órgão que regulamenta o futebol na África tem consciência dos prejuízos, em termos de imagem, ocasionados por histórias de feitiços e agora proibiu que tais “conselheiros” sejam incluídos nas comitivas oficiais. Mas a superstição sempre desempenhou papel importante nos esportes, e não serão medidas assim que vão acabar com a feitiçaria no futebol da Costa do Marfim. Em setembro de 2005, às vésperas de uma partida contra a seleção dos Camarões, as sarjetas de Abidjan amanheceram vermelhas de sangue de galinha. Para o bem ou para o mal, esta ainda é a África retratada pelo escritor V.S. Naipaul: um reino da magia, também visível nas inúmeras barreiras militares no norte e no oeste do país, onde os soldados estão convencidos de que os amuletos que usam no pescoço podem até desviar as balas.

Todo mundo na Costa do Marfim deseja que a seleção faça boa figura na Alemanha. Mas a mescla de futebol e política nem sempre é benévola. Quando os marfinenses perderam pela segunda vez para o time dos Camarões na eliminatória da Copa do Mundo, Drogba – que jogara muito bem e fizera dois gols – foi alvo de tantas ameaças por parte dos torcedores que até pensou em não mais jogar na seleção. Em 2000, o general Robert Gueï, que acabara de comandar o primeiro golpe militar na história do país, chegou a prender os jogadores da seleção por dois dias como punição por ter sido eliminada da fase inicial da Copa das Nações Africanas. Após ordenar que entregassem passaporte e celulares, ele denunciou-os e sugeriu que seria bom que aprendessem um pouco da disciplina dos quartéis. Não se vislumbra, por enquanto, nenhum outro vexame. O futebol, sozinho, jamais será capaz de promover a reconciliação nacional, mas a Copa de 2006 vai proporcionar aos marfinenses, ainda que de modo passageiro, uma emoção desvinculada das questões políticas.



Herança colonial

Em meio a nuvens de poeira, meninos jogam futebol no sul do Iêmen, antes um protetorado britânico. Na época, soldados e missionários britânicos levaram o jogo até os cantos mais remotos do império. Hoje, a rivalidade entre ex-colonizados e antigos dominadores confere ainda mais dramaticidade aos jogos da Copa.

FERDINANDO SCIANNA, MAGNUM PHOTOS





Uma noite quente

Em um duelo entre Atenas e Pireu, torcedores acendem fogos na arquibancada. Após um pênalti duvidoso, eles atiraram pedras, atacaram o juiz e destruíram seus assentos. "É uma violência tribal", diz Peter Marsh, especialista em cultura futebolística. "Quanto mais violentos, maior o prestígio deles."

ARIS MESSINOS, AP



INGLATERRA

Glória desbotada: vandalismo contido

Por Nick Hornby

Nick Hornby é o autor de Fever Pitch (Febre de Bola, lançado no Brasil pela editora Rocco), livro no qual conta sua vida como torcedor do Arsenal. Seu último romance é Uma Longa Queda.

Tudo era bem mais simples na década de 1960, quando comecei a me interessar por futebol. A Inglaterra acabara de vencer a Copa de 1966 e, portanto, não havia dúvida de que tinha o melhor time do mundo: isso era um fato, ponto, fim da história. Em seguida, tudo começou a degingolar e nunca mais voltou a ser como antes. Para começar, virei adulto e passei a ficar cada vez mais incomodado ao pensar no que significava pertencer a um país; ao mesmo tempo, a seleção de futebol da Inglaterra era um caso perdido. Ela nem sequer conseguiu uma vaga nas Copas de 1974 e 1978; aqueles estupendos jogadores que tanto nos haviam encantado na década de 1960 eram coisa do passado e, na década de 80, toda a questão do patriotismo e do futebol tornara-se muito mais complexa.

Hoje, quando nos vêm à memória os jogos da seleção naquela década, lembramos sobretudo das nuvens de gás lacrimogêneo, lançado pela polícia europeia para dispersar a turba de torcedores ingleses que estava prestes a tornar-se um bando muito sinistro. Quando íamos ver um jogo da seleção no estádio de Wembley, muita gente em volta costumava fazer a saudação nazista na hora do hino nacional e insultar os jogadores negros – até mesmo os do nosso time. Às vezes parecia que a pior ralé, reunindo os piores torcedores de todos os times, tomava conta de Wembley para berrar insultos e entoar slogans contra o IRA. Quando víamos alguém se aproximando com a bandeira britânica estampada na camiseta, o melhor que tínhamos a fazer era atravessar a rua. A camiseta era um lembrete visual de uma mensagem que poderia ser traduzida assim: “Sou racista, mas odeio você seja qual for a cor de sua pele”.

Com tudo isso, algumas pessoas começaram a sentir um desconforto em torcer pela seleção. Em 1990, quando a Inglaterra enfrentou os Camarões nas quartas-de-final da Copa, não era nada difícil encontrar ingleses – liberais de classe média, é verdade, mas nem por isso menos ingleses – que torciam pela vitória camaronesa. Eu assisti ao jogo ao lado de algumas pessoas assim e, quando a Inglaterra perdia por 2 a 1 (acabou vencendo na prorrogação, 3 a 2), eles chegaram a comemorar. Aqueles brutamontes racistas e bêbados que se enrolavam na bandeira nacional... Bem, no fundo eu me identificava mais com eles do que com meus simpáticos amigos liberais. Afinal, como poderia deixar de torcer pela Inglaterra? Esse é um tipo de coisa em que não há escolha possível, certo? A Copa de 1990 acabou marcando a virada da Inglaterra. O time parou de dar vexames. Assim como os torcedores. Depois de duas décadas horrendas, a seleção voltou a mexer com os sentimentos dos ingleses.

O problema é que esse renascimento durou apenas cinco minutos. A nomeação de um técnico desastroso fez com que mais uma vez o time não se classificasse, em 1994. Aí, em 1998, o futebol já havia se tornado algo completamente diferente. Muitos dos jogadores da primeira divisão eram estrangeiros. A globalização do mercado de passes estava acabando com a graça dos jogos internacionais. No passado, a gente avaliava os melhores jogadores dos vá-

rios times e pensava: “Como seria se jogassem juntos?” E a resposta é que seria algo parecido com a seleção. Agora, porém, o Chelsea, o Manchester United, o Real Madrid, a Juventus, o Milan e o Barcelona tomaram o lugar das seleções como os times dos nossos sonhos.

Em 1989, enfrentando a Suécia, a Inglaterra conseguiu um empate de 0 a 0 que lhe garantiu uma vaga na Copa de 90. O que mais lembramos daquela partida é o capitão inglês Terry Butcher cheio de ataduras, com a camisa e o calção branco da Inglaterra empapados do sangue que não parava de escorrer de um ferimento na cabeça. “Fora do campo, sempre fui um cara tranqüilo e bem educado”, contou Butcher em uma entrevista. “Mas basta eu vestir uma camisa de futebol que viro bicho, como se estivesse em uma trincheira, com a baioneta pronta, disposto a matar ou morrer.”

Assim era a velha e boa Inglaterra: as imagens bélicas, o crucial empate de 0 a 0 obtido contra uma oposição tenaz, o inevitável abandono do estilo e do talento em favor da luta sem quartel. Aqueles que odeiam David Beckham, o atual capitão da seleção, diriam que a única chance de vê-lo com uma baioneta e coberto de ataduras seria em uma festa a fantasia de alguma ridícula boate da moda. Isso não é lá muito justo, pois, a despeito de sua aparência e de sua fortuna, ele vem se esforçando bastante para compensar aquilo que lhe falta como jogador, sobretudo ritmo. Mas ninguém vai negar que Beckham é um rematado exemplo do novo tipo de esportista inglês: profissional, preocupado com sua imagem, ocasionalmente arrogante, e muito, muito rico.

Os torcedores ingleses que foram ao estádio ver, em 2005, o amistoso entre a Inglaterra e a Argentina (que terminou, no último instante, com uma vitória inglesa despropositada, mas emocionante) ainda cantaram o antigo refrão contra o IRA, e é quase certo que prefeririam ter visto em campo Terry Butcher e sua baioneta, e não David Beckham, um homem que, afinal, foi fotografado vestindo um sarongue. Por outro lado, essa é a cara da Inglaterra de hoje. Claro que preferiríamos ainda estar bombardeando os alemães, mas, 60 anos depois, começa lentamente a surgir a desconfiança de que aquela época já ficou para trás. Enquanto isso, para dar uma surra nos argentinos, somos obrigados a depender de galãs multimilionários que usam sarongue. Ninguém está contente com isso, mas o que se pode fazer?

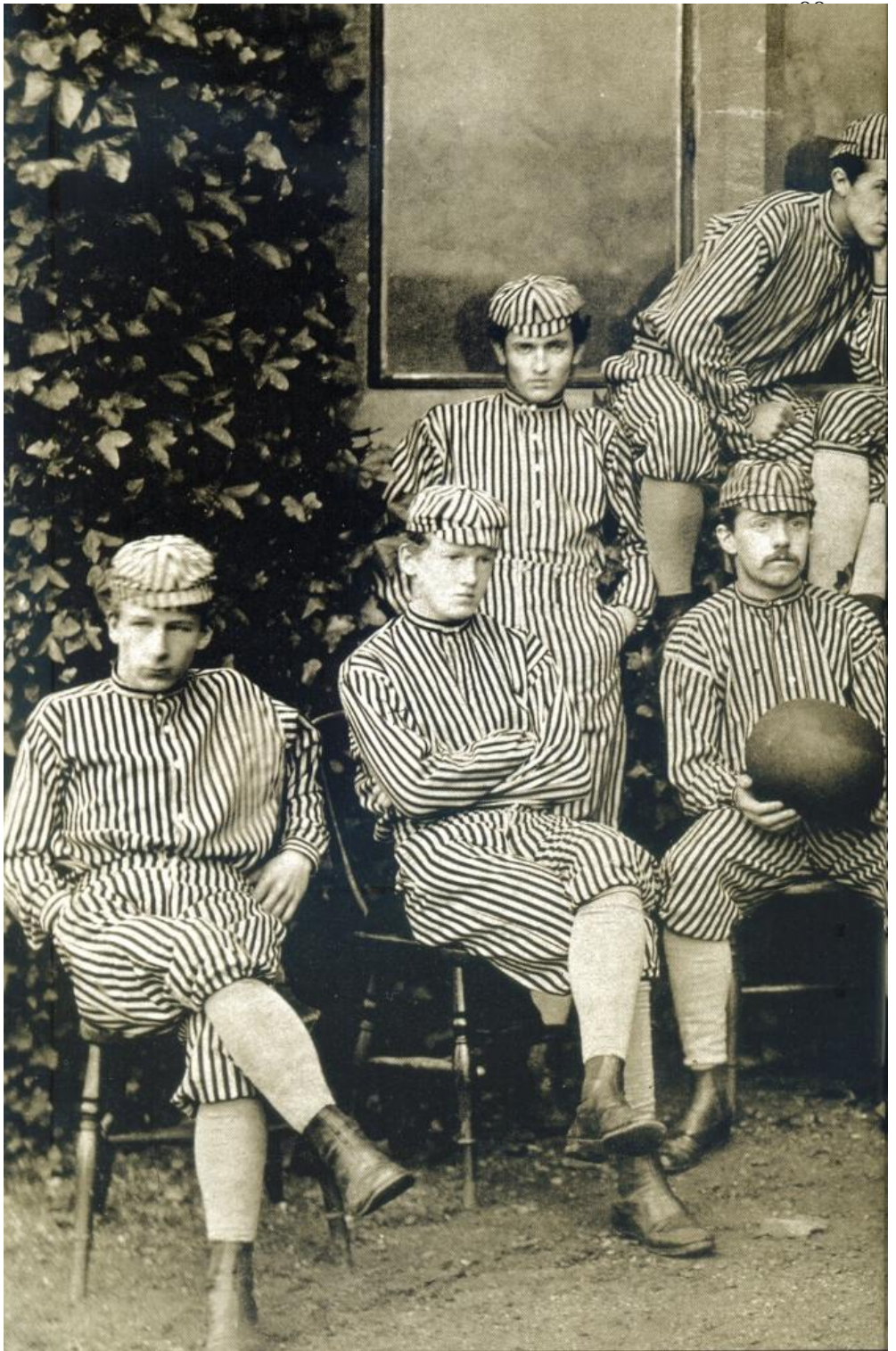
BRASIL

Magos da bola: uma paixão mundial

Por John Lanchester

Por que nos apaixonamos pelo futebol? O que acontece? No fundo, o que torna tão interessante esse jogo é que o bom futebol sempre tem duas qualidades relacionadas: a beleza e a dificuldade. Um time de jogadores lança a bola a um espaço vazio, de repente ocupado por alguém, que não estava ali segundos antes, que chega numa carreira desabalada e, sem olhar ou parar de correr, chuta a bola para um terceiro jogador, que ele não poderia ter visto, o qual, também sem interromper sua arremetida, passa a bola, digamos a 100 quilômetros por hora, de modo que ela caia (Continua na página 62)

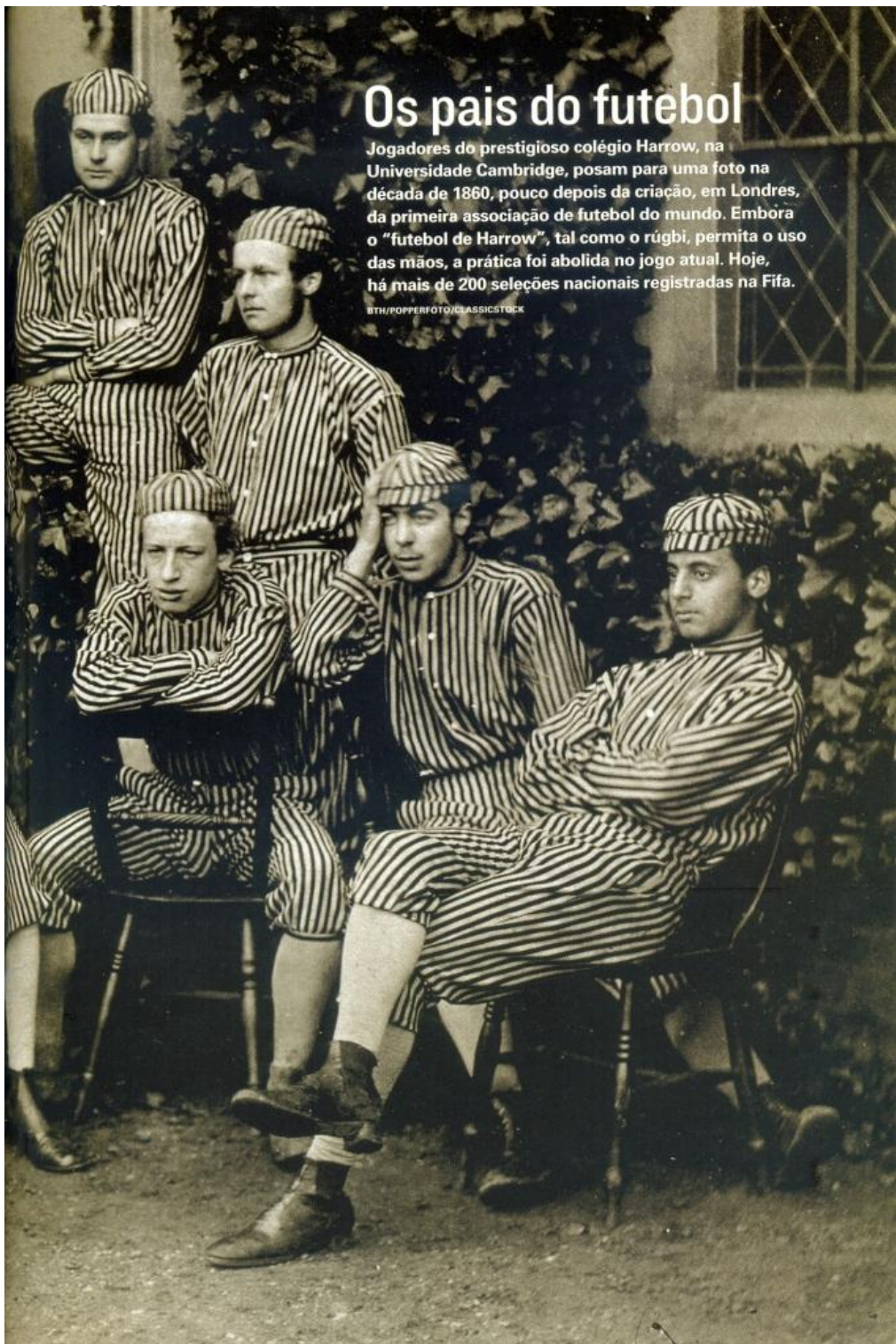
John Lanchester, escritor, começou sua carreira como cronista de futebol. Seu livro de memórias, Family Romance, sairá no ano que vem.



Os pais do futebol

Jogadores do prestigioso colégio Harrow, na Universidade Cambridge, posam para uma foto na década de 1860, pouco depois da criação, em Londres, da primeira associação de futebol do mundo. Embora o "futebol de Harrow", tal como o rúgbi, permita o uso das mãos, a prática foi abolida no jogo atual. Hoje, há mais de 200 seleções nacionais registradas na Fifa.

BTH/POPPERFOTO/CLASSICSTOCK

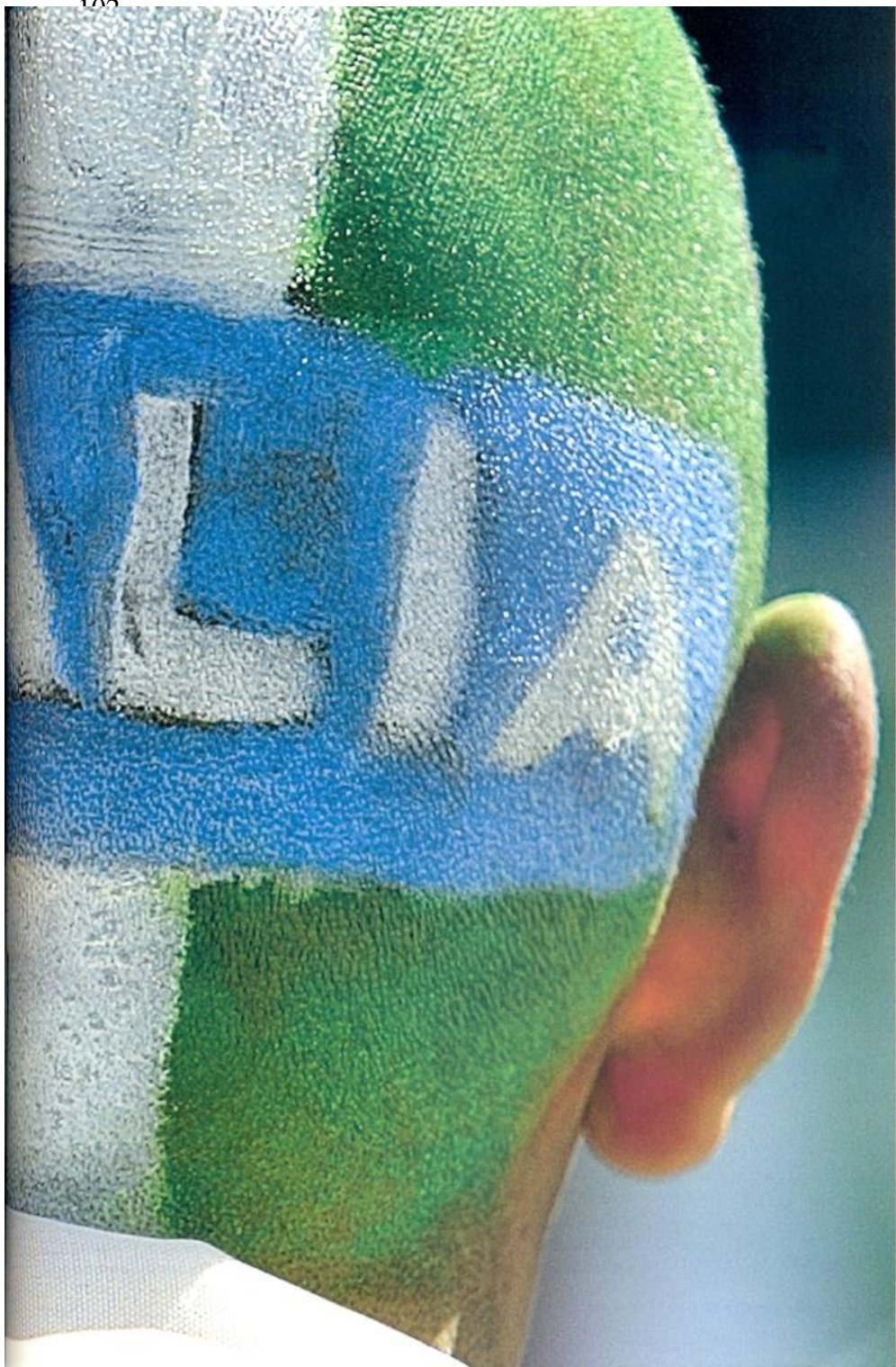




Cores da pátria

Um torcedor se produz para ver a Itália enfrentar a Dinamarca na Eurocopa de 2004. O fervor patriótico irá acirrar-se entre os 3 milhões de torcedores que assistirão à Copa na Alemanha – mais de 1 bilhão de pessoas ainda acompanharão pela TV.

SALVATORE GIGLIO



(Continuação da página 57) sobre a cabeça de um quarto jogador, que deu um pique de 70 metros para chegar ali, e que, também sem qualquer interrupção, salta e a cabeceia, com incrível força e precisão, para um dos cantos do gol, bem onde o goleiro, executando movimentos complexos e recorrendo sobretudo à sua memória muscular, esperava que ela estivesse, de modo que todos esses movimentos graciosos, essa velocidade, essa força e esse desempenho atléticos, essa atenção aos detalhes e essa precisão jamais irão aparecer em nenhuma tabela de resultados e serão esquecidos por todos no dia seguinte – aí está a curiosa fragilidade, a versatilidade do futebol. Não é nada fácil descrever o que ocorre em um jogo, e mais difícil ainda é jogar dessa maneira, mas, sem a menor dúvida, o jogo tem uma beleza assombrosa, uma beleza que mal pode ser traduzida e que todo torcedor descobre por si mesmo, uma coisa secreta.

Nenhum outro país empenha-se tanto, ou de maneira tão determinada, em buscar essa beleza no futebol quanto o Brasil. É uma coisa ideológica, e por isso os jogadores brasileiros são tão adorados. Não na América do Sul, é claro, onde são vistos antes como representantes de uma superpotência esportiva, mas em quase todo o resto do mundo. Na verdade, a seleção brasileira de futebol ocupa uma posição única nos esportes, como exemplo de um favorito pelo qual todos simpatizam. Em geral, os torcedores, sobretudo os de futebol, odeiam os favoritos (o Real Madrid na Espanha, a Juventus na Itália, o Manchester United/Chelsea na Inglaterra). Mas o time brasileiro, o único a vencer a Copa do Mundo por cinco vezes, em todos os continentes em que ela já foi disputada, é adorado. Por isso, muitos dos torcedores de futebol têm, em se tratando de seleções nacionais, dois times: o seu próprio e o do Brasil.

COSTA RICA

Fanatismo S.A.: erro de estratégia

Por Matthew Yeomans

Matthew Yeomans, jornalista baseado em Cardiff, no País de Gales, cobriu as últimas três Copas do Mundo.

Torcer pelos times da Costa Rica sempre foi uma atividade pacata quando comparada à loucura dos campeonatos na Argentina ou no Brasil. Quase todos os estádios do país são bastante simples – nada que lembre intimidantes caldeirões como a Bombonera do Boca Juniors – e os torcedores, ainda que às vezes exibam a obsessão cega dos *hinchas* (fanáticos) de outros países, não parecem sentir a necessidade de adotar comportamentos extremados. Talvez isso se deva a um espírito nacional mais calmo ou à constatação de que em meio século a seleção local sobressaiu. Enfim, em um continente no qual dois países vizinhos, Honduras e El Salvador, travaram uma guerra de verdade por causa de uma partida de futebol, os costa-riquenhos tinham uma atitude que deixava algo a desejar em termos de entusiasmos.

Em 1995, o Deportivo Saprissa resolveu tentar mudar essa situação. No que certamente deve ter sido o primeiro caso desse tipo, o Saprissa contratou torcedores fanáticos do time chileno Universidad Católica a fim de que os ajudassem a criar uma versão local das torcidas organizadas de outros países. Foi assim que surgiu La Ultra, um agrupamento de torcedores que procurou imitar o raivoso comportamento das *barras bravas*, as torcidas organizadas e vio-

lentas sul-americanas, para o qual foram compostos até gritos de guerra. Logo os membros da Ultra passaram a reunir-se em massa, vestidos com uniforme roxo, e bombas de fumaça começaram a explodir em locais antes pouco perigosos. Não demorou para que o clube Alajuelense reagisse, criando sua própria torcida organizada, La Doce (o 12º jogador).

As conseqüências desse investimento no fanatismo foram rápidas. Uma cultura de gangues logo prosperou em torno da Ultra e da Doce, incentivada pela sensação cada vez mais forte entre os costa-riquenhos pobres de que estavam sendo deixados à margem do surto de crescimento da economia nacional. O aumento da violência das torcidas resultou em pelo menos uma morte. A questão tornou-se tão problemática que os clubes se viram obrigados a tomar medidas para controlar La Ultra e La Doce. Os comportamentos criminosos diminuíram, mas a tradicional animosidade dos clássicos entre o Saprissa e o Alajuelense já havia adquirido uma nova e perversa marca.

ESPAÑA

Jogo moralista: um drama teatral

Por Robert Coover

Espanha, verão de 1982. A nuvem de poluição sobre Barcelona mais parece a tampa de uma panela de pressão rebrilhando sob o sol forte e ali em cima, na arquibancada superior do pequeno estádio de Sarriá, onde as seleções do Brasil, da Itália e da Argentina se enfrentam, em um mata-mata na segunda fase da Copa do Mundo, temos a impressão de que foram vendidos 30 ingressos para cada metro quadrado. E só conseguimos nos espremer ali porque chegamos com uma hora e meia de antecedência. Não dá nem para pensar em ficar sentado ou sair para buscar uma bebida e, quando começa o jogo, mal se consegue respirar. Meu filho adolescente passa a partida inteira pendurado sobre uma das saídas, agarrado ao corrimão de uma escada. Antes de cada partida, a gente diz: se o jogo não for sensacional, vamos sair e ver o resto pela TV, pois é insano ficar ali. Mas sempre ficamos até o fim.

Não é a primeira vez que passamos por isso. A outra foi em 1977, dois anos antes da morte do ditador Franco: então chovia, estava escuro e começava a esfriar. Mas também naquela ocasião suportamos até o fim, apertados sob um guarda-chuva bem no alto da arquibancada, sob os holofotes, açoitados pelo vento sibilante e pela chuva grossa nos únicos lugares que havíamos conseguido, e muito contentes de estarmos ali. Naquela noite de fim de outono vimos uma partida do campeonato espanhol entre os dois grandes times rivais da cidade: o Barcelona e o Español – um jogo que mais parecia reencenação da Guerra Civil Espanhola, não um mero evento esportivo.

Às vezes ficamos com a impressão de que existem apenas dois jogos comuns a todos os homens: a guerra e o futebol. Talvez a guerra esteja mais próxima da fantasia, enquanto o futebol se aproxima mais da realidade, mas ambos partilham essa posição central e universal como se emergissem de uma fonte libidinoso coletiva, de algo primário e intuitivo. Mesmo nos dias atuais, às vezes as duas coisas se confundem. Técnicos de futebol “declaram guerra”,

O romancista e ensaísta Robert Coover começou a interessar-se por futebol quando vivia na Espanha, décadas atrás. Desde então já assistiu a jogos em vários países. Seu livro mais recente é A Child Again.

gerais recorrem às táticas e ao jargão futebolísticos, a violência bélica explode no campo e transborda para as comunidades, os soldados usam as cores de seu time durante a batalha, as torcidas são militarizadas.

Inúmeras explicações já foram propostas para a intensa e misteriosa força do futebol, para a atmosfera hipnótica das grandes partidas, para sua predominância mundial em detrimento de outros esportes. É inegável a teatralidade inerente ao jogo – não o espetáculo um tanto pueril nos intervalos das partidas de futebol americano, mas os dramas íntimos do pecado e da redenção, o teste da virtude, a busca de padrão e sentido, o choque de forças paradoxais. O futebol já foi comparado à tragédia grega ou a uma espécie de drama moralista inconclusivo. Talvez a dificuldade de marcar um gol (e, em geral, uma conseqüente margem estreita de vitória, mesmo entre times muito desiguais) intensifica esse sentimento de drama, fazendo com que o desenlace – a catarse coletiva – seja quase sempre adiado até o apito final. E até esse soar tampouco há alívio na tirania do fluxo incessante do tempo: uma vez que se mergulha em um jogo não há como sair. O jogador precisa acompanhar esse fluxo, manter o ritmo, buscar uma vantagem, preservando todas as suas habilidades, sua mente concentrada em padrões que se sucedem; e o espectador, ainda que de modo menos exaustivo, participa dessa experiência.

No fim, não são os dados que ficam em nossa mente e sim as imagens impressionistas de corpos em movimento. Nenhuma estatística a respeito de uma partida é importante, exceto escanteios, tempo total de posse de bola, número de faltas, chutes a gol, gols e passes que possibilitam gols – e, no fundo, nada disso nos diz muita coisa sobre o próprio jogo. O jogador efetivamente responsável pela vitória de seu time pode ser aquele que se move no outro lado do campo, atraindo um zagueiro, impondo nova configuração à defesa adversária e tornando praticamente inevitável um gol, antes impossível, mas ninguém – nem mesmo o próprio jogador – pode se dar conta disso. O futebol é como uma narrativa e, portanto, extremamente subjetivo: cada partida é uma história, uma seqüência de metáforas ambíguas, uma revelação pessoal expressa na linguagem da fé. Até onde sei, nenhum outro jogo é tão dependente de elementos intangíveis, como “padrão”, “ritmo”, “visão” e “conhecimento”. Os quais podem todos não passar de ilusão. E ao mesmo tempo é um jogo muito simples: como um sonho, quase como uma brincadeira infantil.

ANGOLA

A meta: cicatrizar um país dilacerado

Por Henning Mankell

A primeira vez que visitei Angola nem sequer percebi que estava nesse país. Foi em 1987 e eu vivia no noroeste da Zâmbia, próximo da fronteira angolana. Uma região de estreitos caminhos arenosos em meio a mato sem fim. Qualquer descuido fazia o carro atolar e com freqüência eu me perdia a caminho de um remoto vilarejo. Quando parava para pedir informações, se a pessoa me respondesse em português, então era preciso voltar o mais rápido possível para o outro lado da fronteira. Após ter sido tão explorado no pe-

riodo colonial, Angola ainda foi dilacerado por uma longa guerra civil após declarar-se independente de Portugal. Os violentos homens do rebelde Jonas Savimbi estavam por toda parte. Uma geração inteira de angolanos não soube o que significava viver em país onde reinasse a paz.

Mas também havia algo mágico naquela terra: ali todo mundo jogava futebol. Em campos de terra batida e na areia das praias, nas ruas e praças, as bolas estavam sempre presentes, feitas dos mais estranhos materiais: camiseta velha, rede de pesca, sacola recheada de papel e grama. A guerra nunca acabou com o jogo em Angola. Os campos eram zonas desmilitarizadas, e o confronto dos times, em batalhas aguerridas, mas amistosas, funcionava como defesa contra o horror dos combates de verdade que estavam sendo travados em volta. Aqueles que jogam futebol juntos não saem matando uns aos outros.

Angola já viu muitos de seus jogadores abandonarem o país em busca de melhores condições de vida, quase sempre em Portugal. Mas eles não renunciaram sua cidadania. E, quando são convocados de volta, não hesitam em vestir o calção preto e as meias e camiseta vermelhas da seleção nacional, apelidada carinhosamente de “Palancas Negras”, ou antílopes negros.

Em 8 de outubro de 2005, a seleção angolana entrou no estádio Amahoro, em Kigali. Para surpresa de todos, se o time angolano vencesse o de Ruanda por apenas um gol, estaria garantida sua vaga na Copa do Mundo, à frente da Nigéria – independentemente do resultado do jogo entre a Nigéria e o Zimbábue. A espera fora angustiada para todos os angolanos, grudados a seus radinhos de pilha. Tudo parou em Luanda; em Huambo, Lubango, Namibe, Lobito, Benguela, Malanje, nas cidades e nos vilarejos, todos estavam reunidos. Talvez até mesmo os antílopes estivessem de orelha em pé na savana.

Quando terminou o primeiro tempo, o jogo continuava 0 a 0. Enquanto isso, a Nigéria aproximava-se cada vez mais de uma vitória sobre o Zimbábue. Mas, em Kigali, nada de gol. A gente começava a se perguntar o que o técnico e os jogadores tanto conversavam no intervalo. E era evidente o nervosismo no gramado. O time de Ruanda, que jogava apenas por sua honra, em várias ocasiões quase fez gol. Todos reconheciam que os angolanos estavam péssimos. O time estava à beira de um colapso, desarticulado e perdendo cruzamentos. Restavam apenas dez minutos de jogo. Então, Zé Kalanga, convocado do banco de reservas no último minuto, fez um cruzamento inesperado e brilhante. Fabrice Maieco, o “Akwa”, estava a postos e, cabeceando com perfeição, marcou o único gol do jogo, com a bola caindo atrás do goleiro ruandês, quicando no chão e subindo de novo para sacudir a rede.

Só alguém que tivesse vivido por muito tempo na África poderia entender todo o significado dessa vitória. Claro que, hoje, ninguém imagina que a seleção angolana irá muito longe na Copa. Mas a imprevisibilidade faz parte da própria natureza do futebol. Se não houvesse a possibilidade de os azarões derrotarem às vezes os favoritos, o futebol seria bem menos interessante.

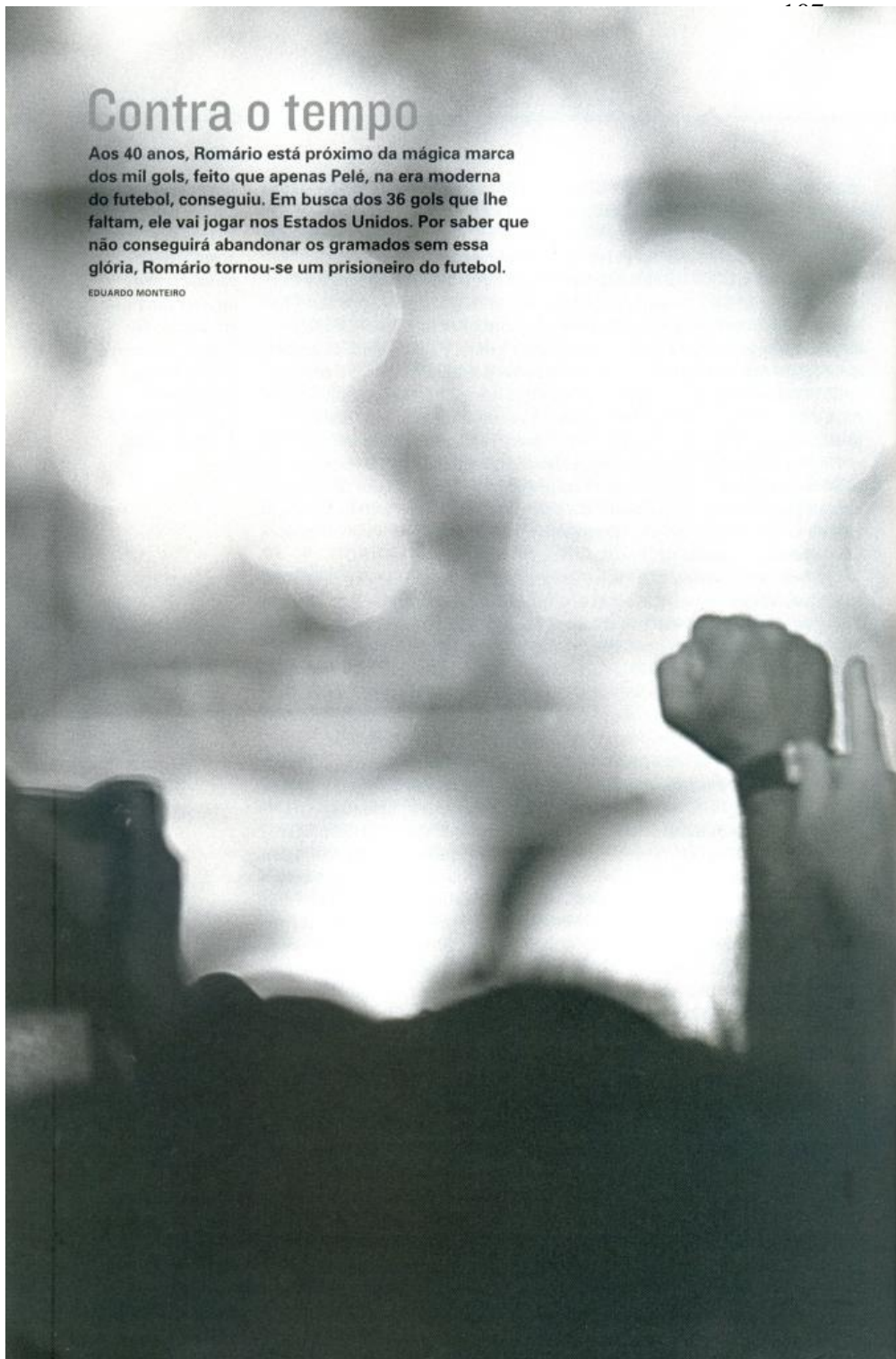
Todavia, uma grande vitória fora conquistada, ainda que não tenha resultado em nenhuma taça reluzente. Antes de tudo, é um triunfo que ficou gravado no coração e no espírito do povo angolano. O fato de sua seleção classificar-se para a Copa do Mundo significa muito como reforço da confiança popular em um país destroçado pela guerra e pela miséria. Depois de tantas tribulações, Angola agora pode enfrentar a tarefa de sua reconstrução.

Henning Mankell é autor de cerca de 40 romances, entre os quais a série policial com o inspetor Kurt Wallander. Ele divide o seu tempo entre a Suécia e Moçambique, onde é diretor do Teatro Avenida.

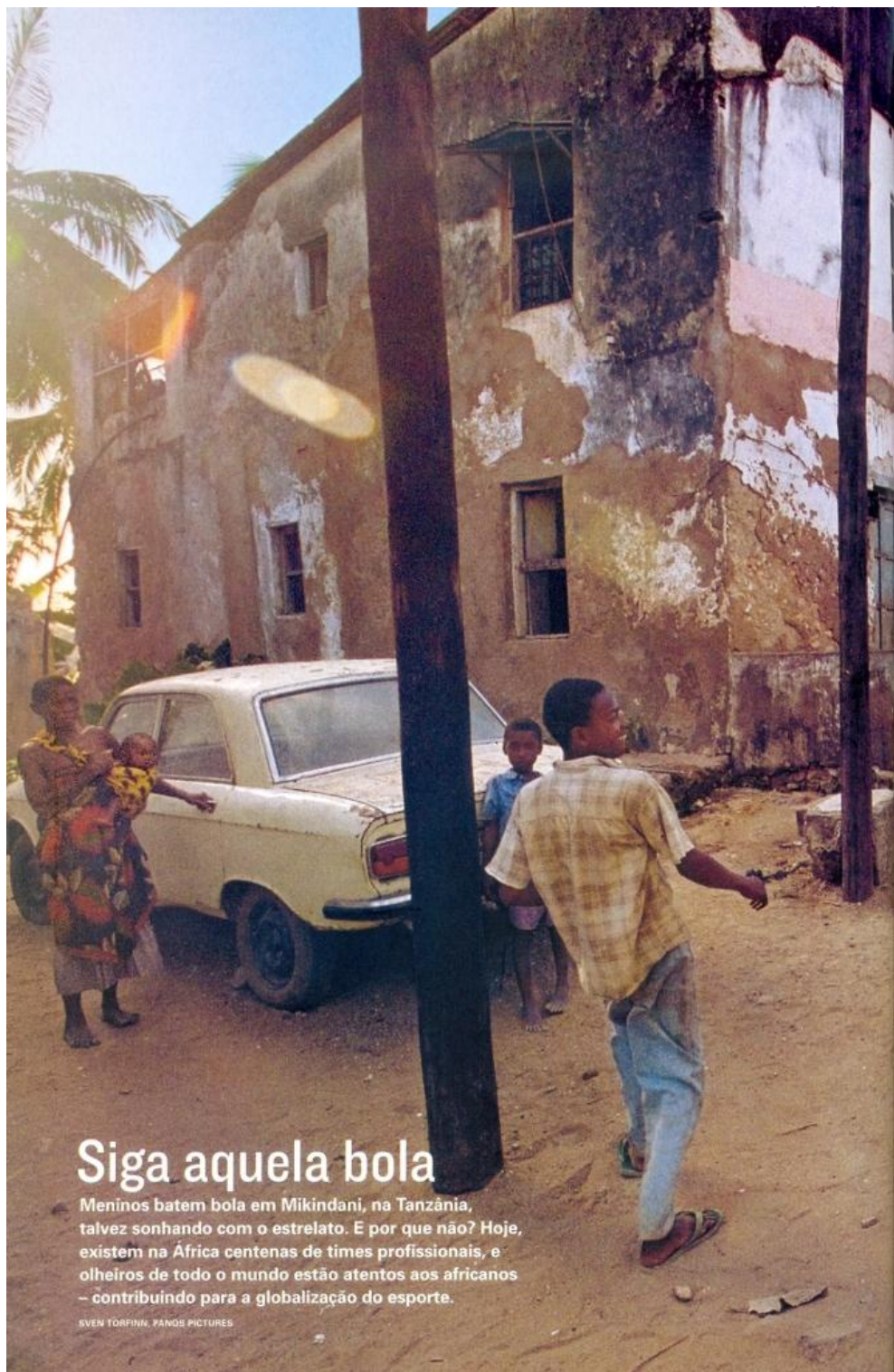
Contra o tempo

Aos 40 anos, Romário está próximo da mágica marca dos mil gols, feito que apenas Pelé, na era moderna do futebol, conseguiu. Em busca dos 36 gols que lhe faltam, ele vai jogar nos Estados Unidos. Por saber que não conseguirá abandonar os gramados sem essa glória, Romário tornou-se um prisioneiro do futebol.

EDUARDO MONTEIRO

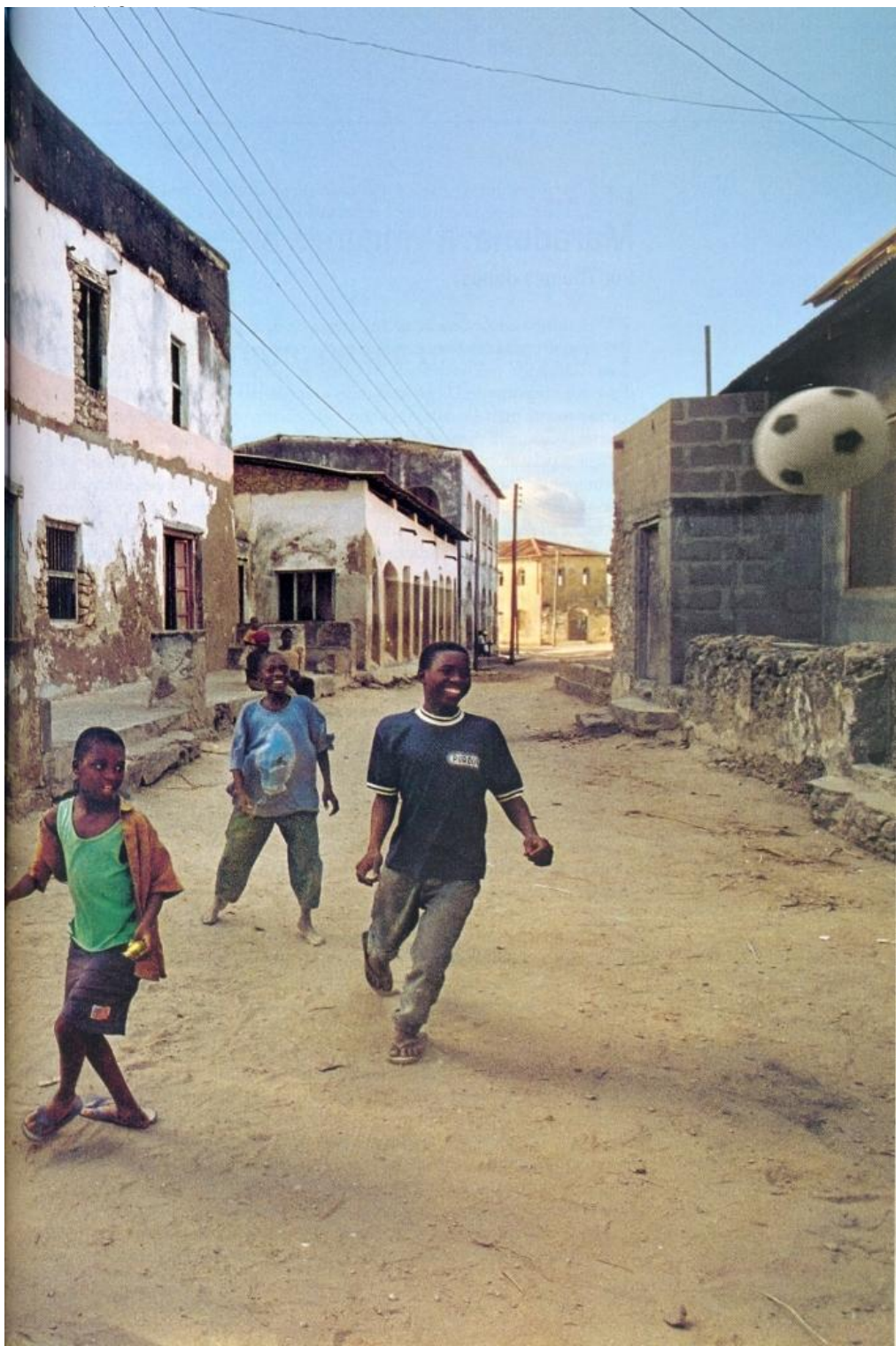






Siga aquela bola

Meninos batem bola em Mikindani, na Tanzânia, talvez sonhando com o estrelato. E por que não? Hoje, existem na África centenas de times profissionais, e olheiros de todo o mundo estão atentos aos africanos – contribuindo para a globalização do esporte.



ARGENTINA

Maradona: a vingança argentina

Por Thomas Jones

Thomas Jones é editor e redator da revista literária London Review of Books.

Em minha adolescência, na Inglaterra da década de 1980, o maior elogio que se podia fazer era chamar alguém ou algo de “brilhante” (como em “Cara, esse seu novo skate é brilhante”), e ninguém era tão merecedor desse adjetivo quanto Diego Armando Maradona. O nome dele era evocado como a forma mais elevada de elogio, tanto dentro como fora dos campos de futebol (“Cara, seu novo skate é Maradona”). Levei algum tempo para perceber que a palavra se referia a um ser humano e, mais ainda, a um jogador de futebol. Então eu o vi marcar um gol contra a Itália na Copa de 1986, saltando no ar junto à linha esquerda da área, passando com a bola com destreza por sobre a perna direita estendida do capitão do time italiano, para além dos braços abertos do goleiro, e lançando-a no canto direito do gol.

Em 22 de junho, Maradona marcou outro gol, desta vez contra a Inglaterra. Os dois países haviam se enfrentado quatro anos antes, não em um estádio de futebol, mas na Guerra das Malvinas, um conflito que o escritor argentino Jorge Borges classificaria mais tarde de “uma luta de dois carecas por causa de um pente”. Quando as tropas britânicas conseguiram retomar o controle das ilhas, mais de 900 homens (em sua maioria argentinos) haviam perdido a vida. A vitória militar fez subir a popularidade de Margaret Thatcher na Grã-Bretanha; já na Argentina a derrota contribuiu para a queda do regime militar de direita que controlava o país desde 1976.

Quatro anos depois, tudo isso era história antiga – ou, pelo menos, era o que diziam ambos os times antes do jogo. Maradona foi autor dos dois gols com que a Argentina venceu a Inglaterra, em uma partida que terminou em 2 a 1. O segundo desses gols, 11 vertiginosos segundos de um brilho sobre-humano, seria, em 2002, eleito o Gol do Século. Quando Maradona executou um refinado arabesco, estendendo com elegância sua perna direita para trás, eu não teria ficado surpreso caso ele tivesse se elevado no ar e começado a voar. Maradona parecia mover-se em um plano temporal diferente dos jogadores ingleses, que só caíam em cima dele quando já os havia deixado para trás.

Para minha surpresa, nenhum de meus conhecidos queria falar sobre aquele segundo e inacreditável gol. Só estavam interessados naquele que Maradona marcou quatro minutos antes, com o punho. Os antigos admiradores do argentino estavam furiosos, como se tivessem sido pessoalmente traídos pelo jogador. Da noite para o dia, o nome de Maradona tornou-se um insulto, sinônimo de trapaça. Eu fiquei perplexo. Aquilo que ficaria conhecido como o incidente da “Mão de Deus” não me parecia tão terrível assim – até hoje não me parece. Um dos motivos é que acho assombroso que Maradona, com seu 1,65 metro de altura, tenha sobrepujado o goleiro, quase 30 centímetros mais alto. E a culpa não caberia antes ao juiz e ao bandeirinha, que nada viram de errado e aceitaram o gol? Sempre desconfie de que os protestos contra a Mão de Deus não passavam de uma maneira de disfarçar a decepção e a frustração com a derrota da Inglaterra; e que a atitude de Maradona, que os torcedores

ingleses jamais serão capazes de perdoar, não é o fato de ter trapaceado, mas o de ter ultrapassado nada menos que cinco jogadores ingleses, que mais pareciam postes de madeira, e marcado o maior gol da história, ao mesmo tempo que eliminava a Inglaterra da Copa do Mundo.

CROÁCIA

Terapia de grupo: nasce uma nação

Por Courtney Angela Brkic

Não faz muito, quando a Croácia ainda fazia parte da Iugoslávia, o futebol era um canal para a expressão de valores étnicos, políticos e pessoais. Muita gente acha que a luta pela independência da Croácia teve início em 1990, por ocasião de um jogo entre o Dinamo de Zagreb e o Estrela Vermelha de Belgrado. Torcedores de ambos os times se engalinharam na arquibancada. A polícia, controlada pelos sérvios, arremeteu contra os croatas, ao mesmo tempo que fazia vista grossa à violência dos torcedores sérvios. Essa parcialidade fez com que a frustração disseminada pela Iugoslávia alcançasse seu ponto de fervura. Até os jogadores não puderam ficar imunes. Ao ver um policial espancar um torcedor do Dinamo já estatelado no chão, o meia Zvonimir Boban não hesitou em aplicar ao agressor um golpe de caratê, tornando-se um herói do crescente movimento pela independência croata.

A guerra que se seguiu foi longa e brutal. Mais de 10 mil pessoas foram mortas, e cerca de mil seguem desaparecidas até hoje. Não é de admirar que por um bom tempo os turistas deixaram de visitar a paradisíaca costa da Croácia. Foi um golpe brutal contra um país de tanto potencial, e tão entusiástico a respeito do futuro, o fato de na época estar isolado e ser visto apenas como uma zona de guerra ou uma antiga república iugoslava.

A independência da Croácia foi reconhecida em 1992, mas a Copa de 1998 conferiu ao país outro tipo de reconhecimento. O orgulho começou a tomar conta da nação quando a Croácia derrotou o poderoso time da Alemanha nas quartas-de-final. "Será que isso é possível?", as pessoas pareciam perguntar umas às outras, incapazes de conter o otimismo. Em Zagreb, telões foram instalados nas praças para que as pessoas pudessem assistir ao jogo entre Croácia e Holanda, na primeira fase. Era um sábado, e acompanhei a partida em meu apartamento, ao lado de amigos, indo de quando em quando à varanda para ouvir as conversas excitadas nos cafés lá embaixo. Gritos de alegria eram ouvidos por toda parte quando a Croácia marcou seu primeiro gol. A cidade parecia uma gigantesca sala de estar, com todo mundo de olhos pregados na televisão. As ruas estavam desertas. Quando o jogo terminou, com a vitória croata, todos desceram às ruas e seguiram até a praça principal. E, durante toda a noite, ouvimos cantorias e gritos de gente feliz e embriagada.

Quase três anos após o término da guerra, aquele foi um momento de grande emoção na história da jovem nação. Em programas de TV, os repórteres entrevistavam homens adultos que não conseguiam parar de chorar. O país não via comemoração tão abrangente desde a declaração da independência. Depois disso ninguém poderia negar à Croácia seu lugar no mapa. □

Courtney Angela Brkic é a autora de Stillness: and Other Stories e The Stone Fields: an Epitaph for the Living.

📖 **Histórias do futebol** Leia os ensaios de Sean Wilsey, Nick Hornby e Robert Coover, extraídos do livro *The Thinking Fan's Guide to the World Cup*, em www.ngbrasil.com.br/0606

ANEXO III
NATIONAL GEOGRAPHIC ESPANHA

WWW.NATIONALGEOGRAPHIC.COM.ES

JUNIO 2006

NATIONAL GEOGRAPHIC

ESPAÑA

A polar bear is shown in profile, roaring with its mouth wide open, revealing its teeth and tongue. It is standing on a dark, rocky shore. The background is a clear blue sky. The bear's fur is white and appears thick and textured.

Alaska

un refugio natural
en peligro

**FÚTBOL, EL DEPORTE
QUE UNE AL MUNDO
CON MAPA SUPLEMENTO**

**EL MISTERIO DE
LA MOMIA TATUADA**

NANOTECNOLOGÍA

PELÍCANOS

2,95 €



NATIONAL GEOGRAPHIC

JUNIO 2006 • VOL. 18 • NÚM. 6

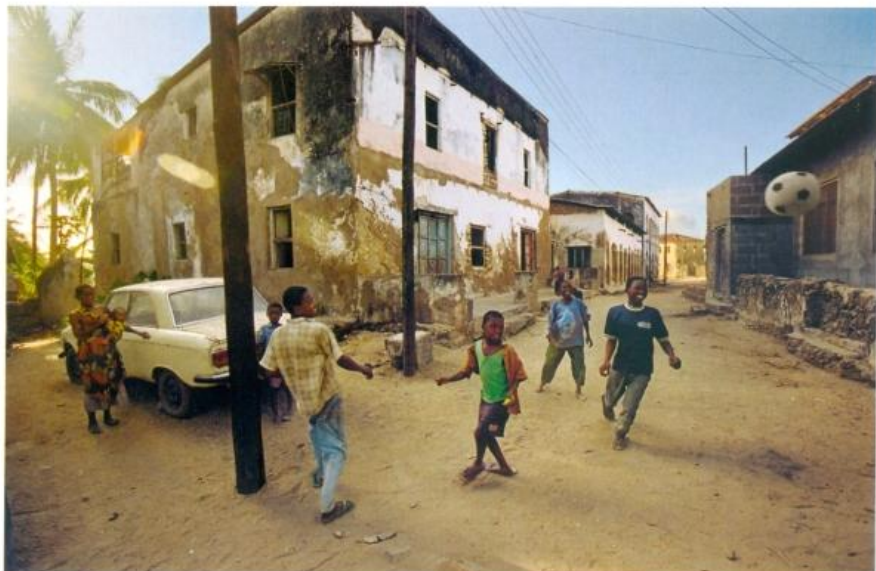


FOTO: SVEN TORFINN, PANOS PICTURES

Fútbol Unos niños juegan con un balón en Mikindani, Tanzania, quizá soñando con llegar a ser estrellas de fútbol. Cazatalentos de todo el mundo intentan captar a los mejores jugadores profesionales del continente africano.

Secciones

FORUM

VISIONES DE LA TIERRA

MEDIO AMBIENTE

GEOGRAFÍA

ARQUEOLOGÍA

CULTURA

FÓSILES

VIDA SALVAJE

TECNOLOGÍA

EXPEDICIONES

Noticias del techo del mundo

EDITORIAL

Reportajes

2 Alaska, un refugio natural en peligro

La necesidad de petróleo está poniendo en grave peligro este vasto refugio natural del Ártico, donde la fauna y las poblaciones nativas comparten territorio con enormes depósitos del preciado combustible. Ecología, intereses económicos y poder político dibujan un conflicto que crece día a día.

POR JOEL K. BOURNE, JR. FOTOGRAFÍAS DE JOEL SARTORE

34 Fútbol, el deporte que une al mundo

Con motivo de la Copa del Mundo de fútbol que se celebra este mes en Alemania, analizamos desde diversas perspectivas el «juego bonito» de Pelé, el deporte más universal del planeta.

INTRODUCCIÓN DE SEAN WILSEY

MAPA SUPLEMENTO: EL FÚTBOL UNE AL MUNDO

EN PORTADA Un oso polar se alimenta de un cadáver de ballena a orillas del mar de Beaufort, en la pendiente ártica de Alaska.

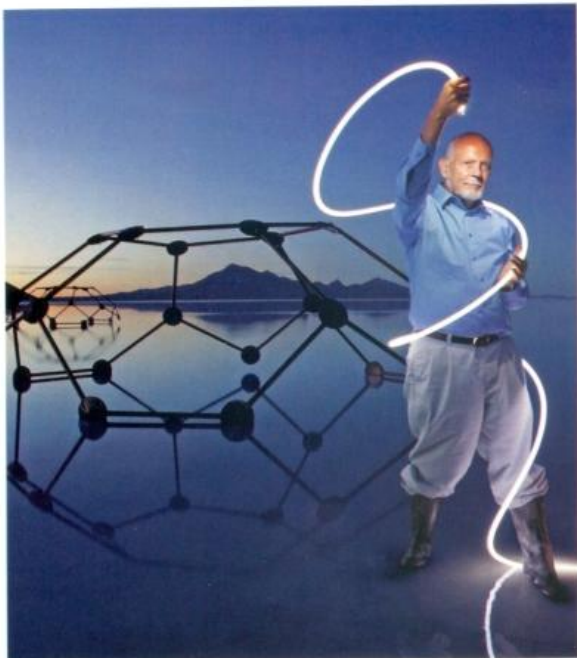
FOTO DE JOEL SARTORE



2 - Alaska



62 - El misterio de la momia tatuada



76 - Nanotecnología

Secciones

FLASHBACK

MIRADAS

William Albert Allard

GRANDES REPORTAJES

Islas Salomón

NGS EN ACCIÓN

EN TELEVISIÓN

NG.COM

PRÓXIMO NÚMERO

Reportajes

62 El misterio de la momia tatuada

El descubrimiento en un yacimiento mochica de una momia tatuada de 1.600 años de antigüedad podría cambiar la idea que hasta ahora se tenía de este pueblo preincaico.

POR A. R. WILLIAMS · FOTOGRAFÍAS DE IRA BLOCK

76 Nanotecnología

La tecnología de lo minúsculo, que manipula la materia a escala atómica, augura grandes recompensas en un futuro próximo, como la posibilidad de ahorrar energía y curar enfermedades.

**POR JENNIFER KAHN · FOTOGRAFÍAS DE MARK THIESSEN
ILUSTRACIONES DE KENNETH EWARD**

98 Pelicanos

El pelicano blanco norteamericano vive en grandes colonias, desde Canadá hasta México, y pesca en grupo para alimentar a sus crías.

POR MEL WHITE · FOTOGRAFÍAS DE KLAUS NIGGE

Más información

Suscripciones Tel. 902 392 392 **Atención al cliente** Tel. 902 392 397

Horario: de 9.00 a 20.00 de lunes a viernes.

Para solicitar números atrasados de la revista, archivadores y otros servicios consulte también nuestra web www.nationalgeographic.com.es

JOSEP M. CABELLO, *Director*
ANA LLUCH, *Jefa de Redacción*
MERCEDES ARIZA, *Directora de Cartografía*
TERESA ESMATGES, *Directora de Arte*
EVA VAN DEN BERG, *Editora de Secciones*
BÁRBARA ALIBÉS, SERGI ALCALDE,
Redacción

M^a MAR BOTIJA, CAROLINA EYZAGUIRRE,
Maquetación

ANNA DE QUADRAS, *Editora Gráfica*
JAVIER CARMONA, *Tratamiento de Imagen*
LUIS MERINO, *Corresponsal*
MIREIA PLANELLES, *Coordinadora Editorial*

ASESORES

MARÍA TERESA ALBERDI, *Paleontología*
JUAN LUIS ARSUAGA, *Paleoantropología*
EUDALD CARBONELL, *Arqueología*
JOSEFINA CASTELLVÍ, *Oceanografía*
ASUNCIÓN CATALÁ, *Astronomía*
JOSÉ ISIDRO GORDITO, *Alpinismo*
CARMEN HUERA, *Etnología*
JAUME JOSÀ, *Investigación General*
ENRIK LLUCH, *Geografía*
RAMÓN MASALLES, *Botánica*
ALBERT MASÓ, *Entomología*
JACINT NADAL, *Zoología*
M^a JOSÉ PASCUAL, *Historia de la Ciencia*
MANUEL REGUIERO, *Geología*
VICTOR REVILLA, *Historia Antigua*
JOANDOMÉNEC ROS, *Ecología*
ÓSCAR RUIZ, *Nanotecnología*
ADOLFO DE SOSTOA, *Ictiología*

TRADUCTORES

CLAUDIA CONDE, MARTA PÉREZ,
VICENTE VILLACAMPA

WEB

www.nationalgeographic.com.es
SERGI MESEGUER

PUBLICIDAD

www.rbapublicidad.com
ARIADNA HERNÁNDEZ, *Directora General*
FERNANDO DE LA PEÑA, *Director Comercial*
SERAFÍN GONZÁLEZ, *Director Servicios Comerciales*
MAITE MARTÍN, *Directora de Marketing Publicitario*

Madrid

López de Hoyos 141, 5^a 28002 Madrid (España)
Tel. 915 10 66 00 Fax 915 19 48 13
M^a LUZ MAÑAS, *Directora de Ventas*
BELÉN GONZÁLEZ, *Directora de Publicidad*
GEMA PEÑA, *Publicidad*
LUCÍA RELANO, *Coordinadora*

Barcelona

Pérez Galdós 36 08012 Barcelona (España)
Tel. 934 15 73 22 Fax 932 38 07 30
MARÍA DEL MAR CASALS, *Directora de Ventas*
ARTUR ALEPUZ y PERE F. BOU, *Directores de*
Publicidad
MAGDA LÁZARO, *Coordinadora*

SUSCRIPCIONES

Servicio de Atención al Cliente
ROCÍO GARCÍA
Pérez Galdós 36
08012 Barcelona (España)
Teléfonos: 902 392 392 (Nuevos suscriptores)
902 392 397 (Atención al cliente)
Fax: 902 392 902
(De lunes a viernes, de 9 a 19 horas)
e-mail: suscripciones-ngme@rba.es

Distribución: SGEL

Impresión-Encuadernación:
Printer Industria Gráfica, S.A.
Deposito legal: B-33367-1997

ISSN 1138-1434

Printed in Spain - Impreso en España



REVISTA OFICIAL DE NATIONAL
GEOGRAPHIC SOCIETY
«PARA EL INCREMENTO Y LA DIFUSIÓN
DEL CONOCIMIENTO GEOGRÁFICO»

JOHN M. FAHEY, JR., *President and CEO*

EXECUTIVE VICE PRESIDENTS

Terrence B. Admsom
Linda Berkeley, *President, Enterprises*
Terry D. Garcia, *Mission Programs*
John Q. Griffin, *President, Magazine Group*
Nina D. Hoffman, *President, Books and*
School Publishing Group
Christopher A. Liedel, *CFO*

BOARD OF TRUSTEES

Gilbert M. Grosvenor, *Chairman*

INTERNATIONAL LICENSING

Robert W. Hernandez, *Chairman*
Fierce, Gretchen Franke, Cynthia Galtbois, Katie
Hayes, Christine Hoggins, Patricia Hill, Amy Johnson,
Koray Kotan, Maysee Lee, Dasha V. Leskovic, Rachel
C. Love, Howard Payne, Marsha V. Roberts, John
Robertson, Desiree Sullivan

RESEARCH AND EXPLORATION COMMITTEE

Peter H. Raven, *Chairman*
John M. Francis, *Vice Chairman*
Martha E. Church, Steven M. Colman, Scott V. Edwards,
Philip Gingerich, William L. Graf, Nancy Knowlton,
Dan M. Martin, Scott E. Miller, Jan Nijman, Stuart L.
Pimm, Elsa M. Redmond, Bruce D. Smith, Patricia C.
Wright, Melinda A. Zeder

EXPLORERS-IN-RESIDENCE

Robert Ballard, Wade Davis, Sylvia Earle, Zahi Hawass,
Louise Leakey, Meave Leakey, Johan Reinhard, Paul
Serenio, Spencer Wells
Conservation Fellow: J. Michael Fay

National Geographic Society fue fundada en
Washington, D.C., como una institución científica y
educativa sin fines lucrativos. Desde 1888 la sociedad
ha dado su apoyo a más de 8.000 exploraciones y
proyectos de investigación, contribuyendo al
conocimiento de la tierra, el mar y el cielo.

Copyright © 2006 National Geographic Society. Todos
los derechos reservados. National Geographic y
Yellow Border: Registered Trademarks Marcas
Registradas. National Geographic declina toda
responsabilidad sobre los materiales no solicitados.



RBA GRUPO EDITORIAL

RICARDO RODRIGO, *Presidente*
ENRIQUE IGLESIAS, *Consejero Delegado*

Edita RBA REVISTAS

www.rbarevistas.com
Licenciataria de
NATIONAL GEOGRAPHIC SOCIETY y
NATIONAL GEOGRAPHIC TELEVISION
Pérez Galdós 36 - 08012 Barcelona (España)
Tel. 934 15 73 74 Fax 932 17 73 78

ANA RODRIGO, JUAN MANUEL RODRIGO
Directores Generales

M^a CARMEN MARCO, *Directora General*
Madrid

ANA PUÉRTOLAS, *Directora Editorial*
JORDINA SALVANY, *Directora Creativa*

M^a CARMEN CORONAS, *Directora de*
Marketing

LUIS MOTJE, *Director de Planificación*

JOSÉ ORTEGA, *Director de Circulación*

RICARD ARGILÉS, *Director de Producción*

CHRIS JOHNS, *Editor in Chief*
Victoria Pope, *Managing Editor*
Dennis R. Dimick, Bill Marr, Carolyn White, *Executive Editors*
Robert L. Booth, *Associate Editor*
Amy Kolczak, *Editorial Director, International Editions*

SENIOR EDITORS

Tim Appenzeller, *Science*
Don Bell, *Geography & World Affairs*
Bill Doughitt, *Story Development*
John A. Echeave, *Research Grants*
Ken Geiger, *Technology*
David Griffin, *Photography*
Lisa Moore LaRoe, *Staff Writers*
Valerie A. May, *New Media*
Peter Miller, *Expeditions*
Kathy Moran, *Natural History*
Oliver Payne, *Manuscripts*
Lesley B. Rogers, *Research*
Christopher P. Sloan, *Graphics*
David C. Whitmore, *Design & Typography*

INTERNATIONAL EDITIONS

Darren Smith, *Design Editor*
Justin Kavanagh, *Text Editor*
Julie McCord, *Text Editor*
Angela Botzer, *Production Editor*
Shannon Hibberd, *Design Editor*
Sarah White, *Editorial Coordinator*

ENGRAVING AND PRINTING

George Boumalis, *Director*

NG MAPS

Maureen Flynn

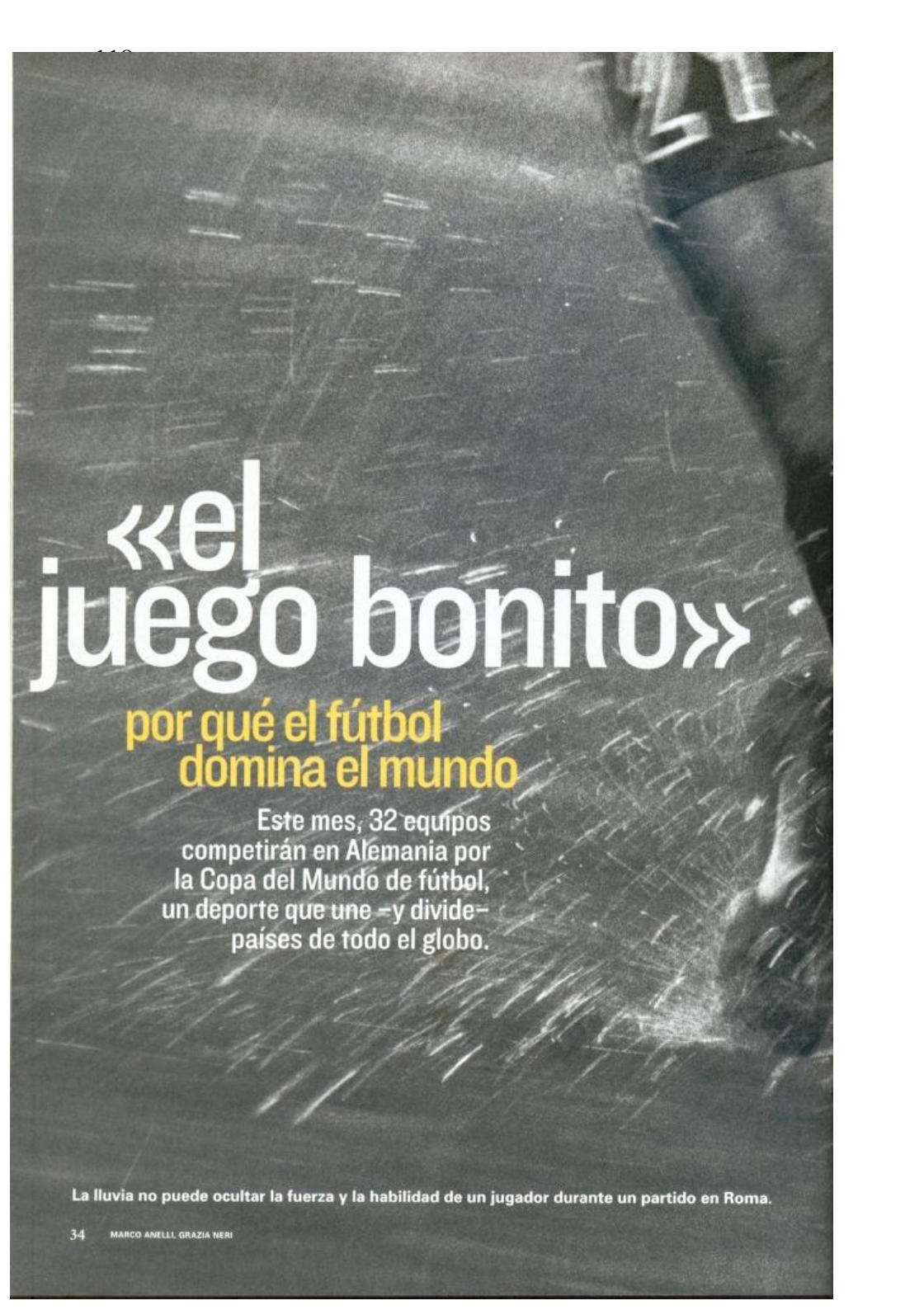
CONSULTANTS

Michelle Harris, Elizabeth Levine



DIFUSIÓN CONTROLADA PD





«el juego bonito»

por qué el fútbol
domina el mundo

Este mes, 32 equipos
competirán en Alemania por
la Copa del Mundo de fútbol,
un deporte que une –y divide–
países de todo el globo.

La lluvia no puede ocultar la fuerza y la habilidad de un jugador durante un partido en Roma.

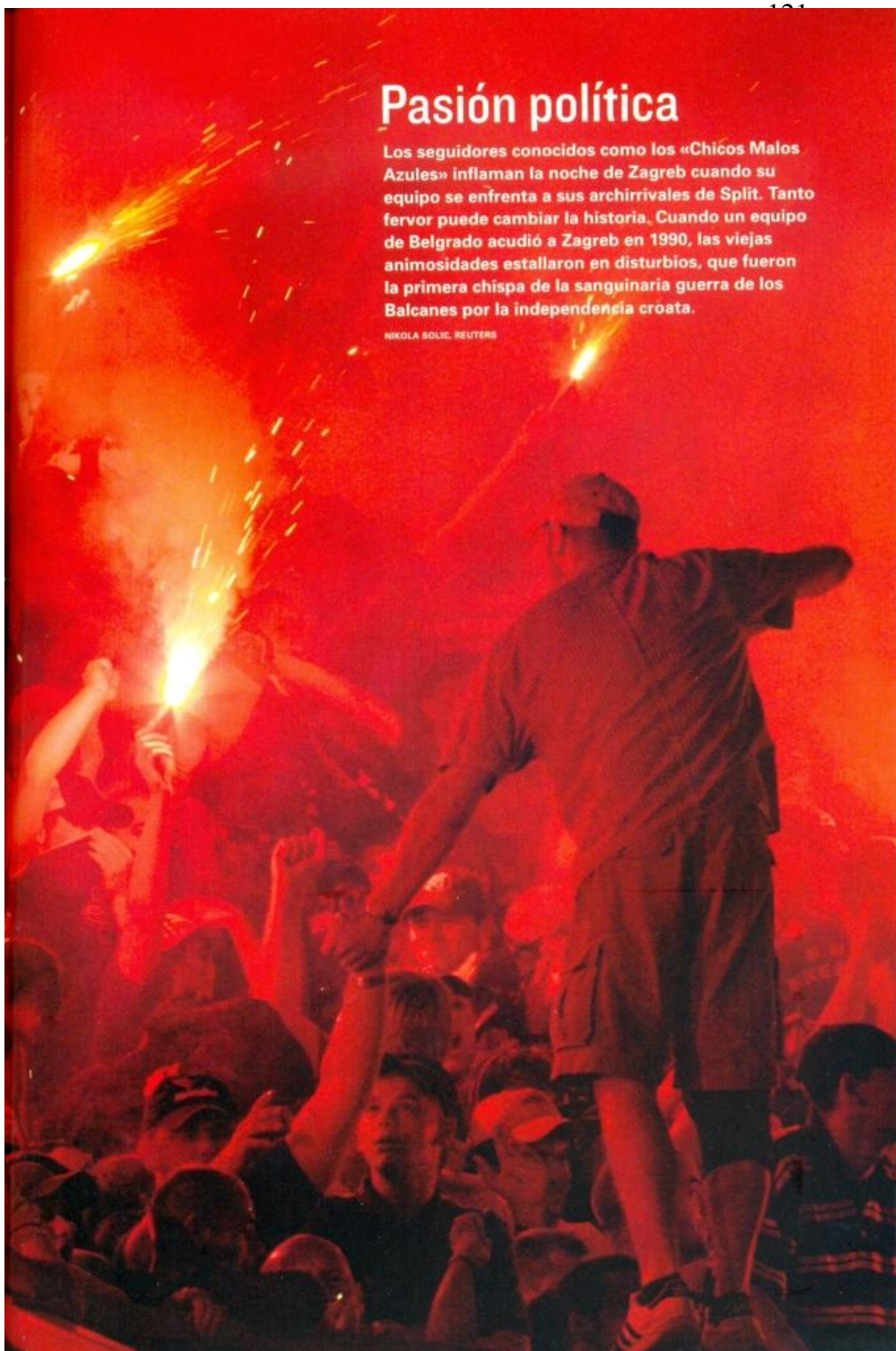




Pasión política

Los seguidores conocidos como los «Chicos Malos Azules» inflaman la noche de Zagreb cuando su equipo se enfrenta a sus archirrival de Split. Tanto fervor puede cambiar la historia. Cuando un equipo de Belgrado acudió a Zagreb en 1990, las viejas animosidades estallaron en disturbios, que fueron la primera chispa de la sangrienta guerra de los Balcanes por la independencia croata.

NIKOLA SOLIC, REUTERS



Introducción de Sean Wilsey

Esto de ser un seguidor estadounidense de la Copa del Mundo de fútbol tiene muchas cosas bonitas, y la primera de todas es la ignorancia. La sociedad en la que te criaste no se reunía cada cuatro años delante del televisor durante un mes entero, conteniendo la respiración. Tu país nunca ha ganado. Puedes elegir la selección nacional que más te guste y animarla sin avergonzarte ni temer represalias. No tienes que respetar fidelidades tribales indeseadas pero ineludibles, inculcadas por tus compatriotas locos por el fútbol. Eres un aficionado, en el sentido más puro de la palabra. Por lo tanto, con la celebración de la Copa del Mundo que tiene lugar este mes en Alemania, se abre ante ti un mes en el paraíso.

Es mi caso. Quiero vivir el mundo del Mundial. No puedo resistirme a esas Naciones Unidas de la espectacularidad y la nobleza, al despliegue apolítico de emblemas nacionales, a la revelación de profundas debilidades humanas e inesperadas grandezas, ni al hecho de que países enteros salgan antes del trabajo o se despierten a las tres de la madrugada para ver a unos hombres corriendo detrás de un balón. Hay selecciones verdaderamente multirraciales, como las de Francia, Inglaterra o Estados Unidos, mientras que otras son enteramente rubias, asiáticas o latinoamericanas. Un vendedor de neumáticos eslovaco, un policía italiano o un pianista alemán —una vez superadas las pruebas físicas oficiales— se pluriemplearán como árbitros. Hay seguidores irritantes que no dejan de gritar «¡USA! ¡USA! ¡USA!» (aunque por fortuna son pocos). Hay niños que entran en el terreno de juego de la mano de cada jugador. Los hombres se pintan con los colores nacionales y lloran abiertamente cuando su equipo pierde. «¡GOOOOOOOOOOL! ¡GOL, GOL, GOL!», grita el comentarista del canal en español que estás mirando, uno de los pocos que transmite el partido en directo en Estados Unidos. Hay dos segmentos sucesivos, de 45 minutos cada uno, sin cortes

Adaptado de The Thinking Fan's Guide to the World Cup, editado por Matt Weiland y Sean Wilsey. Harper Collins, 2006. Impreso con permiso de los editores.

publicitarios. Como dice la Biblia que todo deportista viajero encuentra en las habitaciones de los hoteles de algunos países del mundo: «Alegraos y regocijaos, porque vuestra recompensa será grande en los cielos». O como dice mi ejemplar de *El fútbol y sus reglas*: «¿Estáis listos? ¿Listos para jalear a los jugadores hasta la victoria, para maravillaros por su buena forma, su velocidad y su habilidad, para animarlos a que ganen cada disputa por el balón y a estallar ante un potente chut? ¿Listos para la emoción de las carreras de los extremos, la transmutación de los defensas en delanteros, los saques de esquina con efecto, los pases de pared y los goles marcados con estilo?».

Yo estoy listo.

La popularidad mundial del fútbol no es sorprendente si se tiene en cuenta lo que siempre ha movido a la humanidad: el dinero y Dios. Hay mucho dinero en el fútbol, naturalmente. El fútbol de clubes (como el capitalismo) es básicamente el deseo infantil de hacer realidad los sueños, cueste lo que cueste, puesto en práctica por hombres con suficiente dinero para combinar sus recursos de la mejor manera posible. Cogen un delantero brasileño, un centrocampista holandés, un defensa británico y un portero alemán y los enfrentan al equipo que otros multimillonarios hayan conseguido formar. Es una situación injusta que refleja en gran medida cómo es el mundo en la actualidad. Pero lo sobrenatural también está ahí.

¿Qué es el fútbol sino todo lo que la religión debería ser? Universal, pero particular; fuente de una reserva infinitamente renovable de esperanza; ocasionalmente milagroso, y gobernado por unas reglas simples y nunca contradictorias (oficialmente llamadas «leyes») que todo el mundo puede seguir. Las leyes del fútbol son leyes de equidad, de no violencia y de autocontrol, y quedan abiertas a la reinterpretación de un árbitro razonable. Lo que diga el árbitro vale, aunque sus decisiones estén en flagrante violación del dogma. Después de presentar una detallada enumeración de las 17 leyes del fútbol, mi libro del reglamento oficial añade que el árbitro puede pasar por alto cualquiera de esas normas, en aplicación de lo que místicamente denomina «el espíritu del *fair play*».

La subterránea corriente religiosa del fútbol se torna especialmente profunda en los años de Mundial. Selecciones de todo el mundo convergen en el país anfitrión en una especie de cruzada deportiva sin armas. Como en las Cruzadas, la nación anfitriona suele salir bien librada del encuentro. Hay un extraño poder en la ventaja del equipo local, como si Dios (llevando esta metáfora a su inevitable conclusión) estuviera de su parte.

Es bien sabido que el fútbol, como la religión, puede provocar violencia: los desmanes de los *hooligans* y los tumultos en estadios abarrotados son lo que muchos estadounidenses asocian con este deporte. Pero el fútbol también ha demostrado tener una capacidad única para salvar diferencias y superar prejuicios nacionales. El hecho de que el Mundial pudiera celebrarse a la vez en Corea del Sur y Japón, como sucedió en 2002, fue una victoria de la tolerancia y el entendimiento. En menos de medio siglo, Corea del Sur ha pasado de impedir que la selección japonesa cruce sus fronteras para disputar un partido de clasificación para la Copa del Mundo, a organizar el torneo junto con su antiguo invasor. Démosle al mundo 50 años más y puede que veamos un Mundial organizado conjuntamente por Israel y Palestina.

Sean Wilentz
es autor de las
memorias *Oh*
the Glory of It
All y editor de
la revista literaria
McSweeney's
Quarterly.

¿Por qué no? La universalidad del fútbol estriba en su sencillez, en que puede jugarse en cualquier lugar, con cualquier cosa.

«El juego bonito» (llamémosle combinación de negocio y religión) alcanzará su máxima injusticia, frustración y magnificencia este mes en el primer Mundial de la Alemania unificada. Y lo que hace más bonito al Mundial es el mundo: todos nosotros juntos. La alegría de formar parte de los mil millones de personas o más que mirarán cómo 32 países acatan 17 reglas me inspira la convicción, quizás infundada —pero como muchas convicciones infundadas, firmemente sostenida—, de que el fútbol puede unirnos a todos.

COSTA DE MARFIL

El camino de la victoria: brujería en el terreno de juego

Por Paul Laity

Paul Laity es editor de la London Review of Books y juega de defensa izquierdo en partidos de aficionados.

La fiesta empezó a las seis menos diez. Costa de Marfil se había clasificado para el Mundial por primera vez en la historia. En un instante, la ciudad de Abidján se llenó de gente y de ruido. Seguidores enfundados en naranja, blanco y verde aflúan en masa, los conductores tocaban las bocinas, resonaba la música *zouglou* a todo volumen y la gente aporreaba alegremente ollas y cacerolas. Los participantes en el festejo bailaban una danza nueva, la *drogbacité*, así bautizada en honor a la estrella goleadora de la selección, Didier Drogba. Los *maquis* (terrazas, bares y diminutas discotecas) permanecieron abiertos toda la noche. Muchos de los bebedores llevaban pintado en el pecho el nombre con que se conoce su selección nacional: *les Éléphants*. Los elefantes son símbolo de fuerza, y dicen que también traen buena suerte, al estar protegidos por un hechizo. El equipo había sufrido muchas decepciones; pero ahora, finalmente, el nombre parecía apropiado. Entusiasmados seguidores proclamaban que el fútbol podía hacer mucho más que cualquier político por poner fin a la guerra civil.

En los seis últimos años, el régimen de Costa de Marfil, que tiene su base en el sur, ha azuzado el odio contra los inmigrantes y los musulmanes. Sin embargo, muchos de los mejores futbolistas del país pertenecen a familias musulmanas o inmigrantes, por lo que la selección nacional se ha convertido en un irresistible símbolo de unidad. Al final del desfile de la victoria en Abidján, el presidente de la Federación de Fútbol de Costa de Marfil se dirigió a Laurent Gbagbo, presidente de la nación: «Los jugadores me han pedido que le transmita que su mayor deseo es que nuestro dividido país vuelva a unirse. Quieren que esta victoria sirva de catalizador para la paz en Costa de Marfil, ponga fin al conflicto y una al pueblo. Este éxito tiene que unirnos».

El presidente Gbagbo hizo todo cuanto estuvo a su alcance para identificarse con el equipo victorioso. Habló de un país rejuvenecido y otorgó a cada uno de los jugadores una condecoración y una casa lujosa. Pero fue notable la ausencia de Henri Michel, el entrenador francés de la selección marfileña, de la celebración en la residencia del presidente Gbagbo, quizá por ser un incómodo recuerdo del pasado colonial. Pero los impulsores

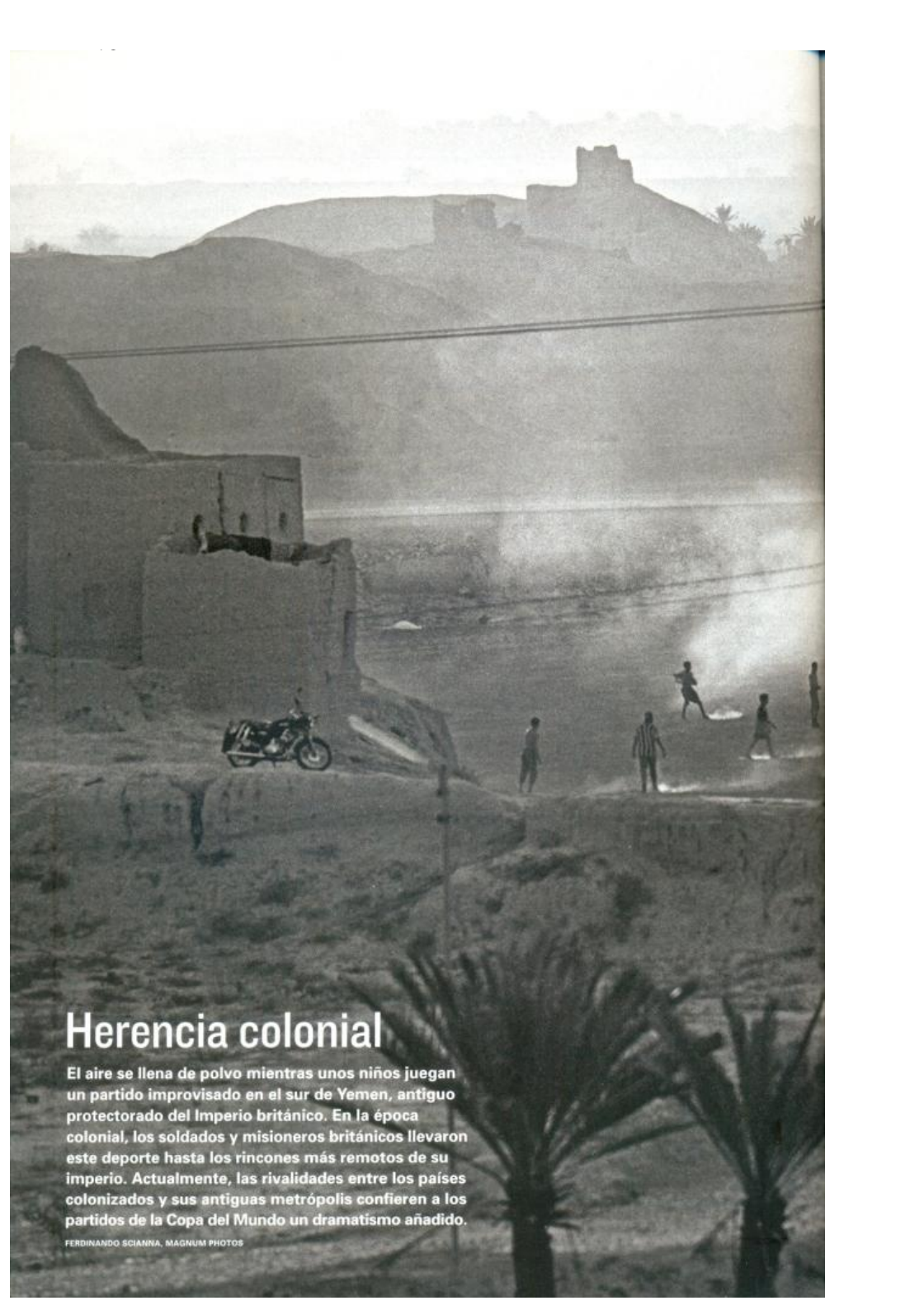
gubernamentales de las posturas antifrancesas en la actual Costa de Marfil tienen dificultades cuando se trata del fútbol. Muchos de los titulares de la selección nacional juegan en equipos franceses y algunos han vivido en Francia la mayor parte de su vida.

Gbagbo prefiere ignorar la importancia de Francia para el fútbol marfileño mientras Costa de Marfil siga ganando, y ha publicitado a bombo y platillo el presupuesto asignado por su gobierno a la selección nacional. Pero es muy probable que se distancie de otro tipo de ayuda. En 1992, la única vez aparte de este año que Costa de Marfil ha jugado una final de la Copa de África, el ministro de Deportes enroló a un ejército de *fétisheurs* (brujos) para conferir a la selección marfileña una ventaja sobrenatural respecto a la de Ghana. Cuentan que cuando el ministro quebrantó su promesa de pagar a los brujos, éstos lanzaron una maldición sobre la selección, que sufrió una mala racha de diez años. En abril de 2002, Moise Lida Kouassi, ministro de Defensa, inició conversaciones con los curanderos para reparar el daño, ofreciéndoles botellas de ginebra y grandes sumas de dinero. El maleficio fue anulado y, ¡abracadabra!: se han clasificado para el Mundial.

Los brujos esparcen amuletos por el campo o embadurnan la portería con ungüentos mágicos para impedir que entre el balón. En 1984, por lo menos 150 *fétisheurs* se alojaron en el hotel de la selección marfileña antes de un partido decisivo de la Copa de África. Cada jugador se dio un baño en agua tratada con diversas pociones y a continuación se les indicó que pidieran un deseo al oído de una paloma.

El organismo rector del fútbol africano, consciente del daño que las historias de brujería causan a su imagen, ha prohibido la presencia de «asesores» en el entorno oficial de las selecciones. Pero la superstición, de un tipo u otro, siempre ha desempeñado un papel importante en el deporte, y seguramente la brujería seguirá presente en el fútbol marfileño. Antes de que se disputara el importantísimo partido de clasificación para la Copa del Mundo ante Camerún el pasado mes de septiembre, el agua que corría por las alcantarillas de Abidján era roja, teñida con sangre de gallinas. Para bien o para mal, ésta es el África de V. S. Naipaul: un lugar de magia que también puede verse en los controles que cortan las carreteras del norte y el oeste del país, donde los soldados creen firmemente que los amuletos que llevan colgados del cuello detendrán las balas. También la guerra fomenta la superstición.

Todos —los dos bandos en guerra— esperan que la selección haga un buen papel en Alemania. Pero la mezcla de fútbol y política puede volverse desagradable. Cuando los marfileños perdieron por segunda vez ante Camerún en la ronda de clasificación y creyeron que sus probabilidades se esfumaban, Drogba (que había jugado brillantemente) recibió amenazas y mensajes intimidatorios de los aficionados. Estaba lo bastante preocupado como para considerar la idea de no jugar con la selección nacional. En el año 2000, el general Robert Guei, que acababa de dar el primer golpe de Estado militar del país, mantuvo bajo arresto durante dos días a los integrantes de la selección como castigo por haber sido eliminados de la Copa de África en la primera fase de clasificación. Confiscó a los jugadores los pasaportes y los móviles, los denunció públicamente y sugirió que debían aprender un poco de disciplina cuartelera. «Deberíais habernos ahorrado la vergüenza», dijo.



Herencia colonial

El aire se llena de polvo mientras unos niños juegan un partido improvisado en el sur de Yemen, antiguo protectorado del Imperio británico. En la época colonial, los soldados y misioneros británicos llevaron este deporte hasta los rincones más remotos de su imperio. Actualmente, las rivalidades entre los países colonizados y sus antiguas metrópolis confieren a los partidos de la Copa del Mundo un dramatismo añadido.





Un partido encendido

Dos jugadores luchan por llegar al balón, en un duelo entre Atenas y El Pireo, mientras en las gradas los aficionados esgrimen bengalas. Tras un penalti dudoso, los hinchas arrojaron piedras, atacaron al árbitro y destrozaron los asientos. «Esa violencia es tribal —dice Peter Marsh, experto en cultura futbolística—. Comportarse como un tipo duro confiere estatus.»

ARIS MESSINIS, AP



Con la clasificación para la Copa del Mundo asegurada, de momento no hay vergüenza. El fútbol nunca traerá por sí solo la reconciliación nacional. Pero el verano de 2006 promete recordar a los marfileños, aunque sea fugazmente, una vida nacional más allá de la política.

INGLATERRA

Gloria marchita: cómo domesticar a los *hooligans*

Por Nick Hornby

Nick Hornby es autor de *Fiebre en las gradas, sus memorias como seguidor de toda la vida del Arsenal*. Su última novela es *A Long Way Down*.

Todo era tan sencillo en los años sesenta, cuando empecé a ver fútbol. Inglaterra acababa de ganar la Copa del Mundo de 1966 y, por lo tanto, era, indiscutiblemente, el mejor equipo del mundo: era un hecho y punto. Después las cosas se torcieron, más o menos para siempre. Para empezar, yo me hice mayor y comencé a cuestionarme lo que significaba pertenecer a un país, al tiempo que el fútbol inglés se convertía en un caso perdido. (Quizás el tema del patriotismo no me habría planteado tantos conflictos si la selección inglesa hubiese sido buena.) Inglaterra ni siquiera se clasificó para los Mundiales de 1974 y 1978; los jugadores de talla mundial con que habíamos sido bendecidos en los años sesenta se habían retirado, y en los ochenta todo el tema del patriotismo y el fútbol se volvió mucho más complejo.

Los partidos de Inglaterra de aquella década apenas se podían ver entre los gases lacrimógenos utilizados por la policía europea para dispersar a nuestros desenfadados *hooligans*. Los seguidores de Inglaterra se estaban convirtiendo en una pandilla bastante siniestra. Si ibas a Wembley a ver jugar a Inglaterra, tenías a tu alrededor a gente que hacía el saludo nazi mientras sonaba el himno nacional, y eran corrientes los insultos a los jugadores negros, incluso a los que jugaban en la selección. A veces era como si los hinchas más ruines de cada uno de los clubes se hubieran congregado en Wembley para hacer el ruido del mono y entonar canciones contra el IRA.

Por eso algunos aficionados empezaron a sentirse algo incómodos con su selección nacional. En 1990, cuando Inglaterra se enfrentó a Camerún en cuartos de final de la Copa del Mundo, no era difícil encontrar ingleses (gente de clase media, profesionales liberales) que querían que ganara Camerún. Yo vi el partido con algunas de esas personas, y cuando Inglaterra encajó el gol que suponía el 2-1 en su contra (al final ganó por 3-2 en la prórroga), gritaron de alegría. Yo podía entenderlo, pero no pude gritar con ellos. Después de todo, esos canallas borrachos y racistas eran mi gente, e Inglaterra, mi selección. El Mundial de 1990 resultó ser un punto de inflexión. El equipo ya no daba vergüenza. Los hinchas, tampoco. Después de un par de décadas horribles, la selección volvió a medrar al calor del afecto de la nación.

El renacimiento duró unos cinco minutos. Hubo un nombramiento desastroso de entrenador, que una vez más impidió la clasificación. Y para 1998, el fútbol era un deporte diferente. Muchos de los jugadores de nuestra primera división procedían de fuera de las islas Británicas. La globalización del mercado de los fichajes estaba empezando a despojar de gran parte de su

Con la clasificación para la Copa del Mundo asegurada, de momento no hay vergüenza. El fútbol nunca traerá por sí solo la reconciliación nacional. Pero el verano de 2006 promete recordar a los marfileños, aunque sea fugazmente, una vida nacional más allá de la política.

INGLATERRA

Gloria marchita: cómo domesticar a los *hooligans*

Por Nick Hornby

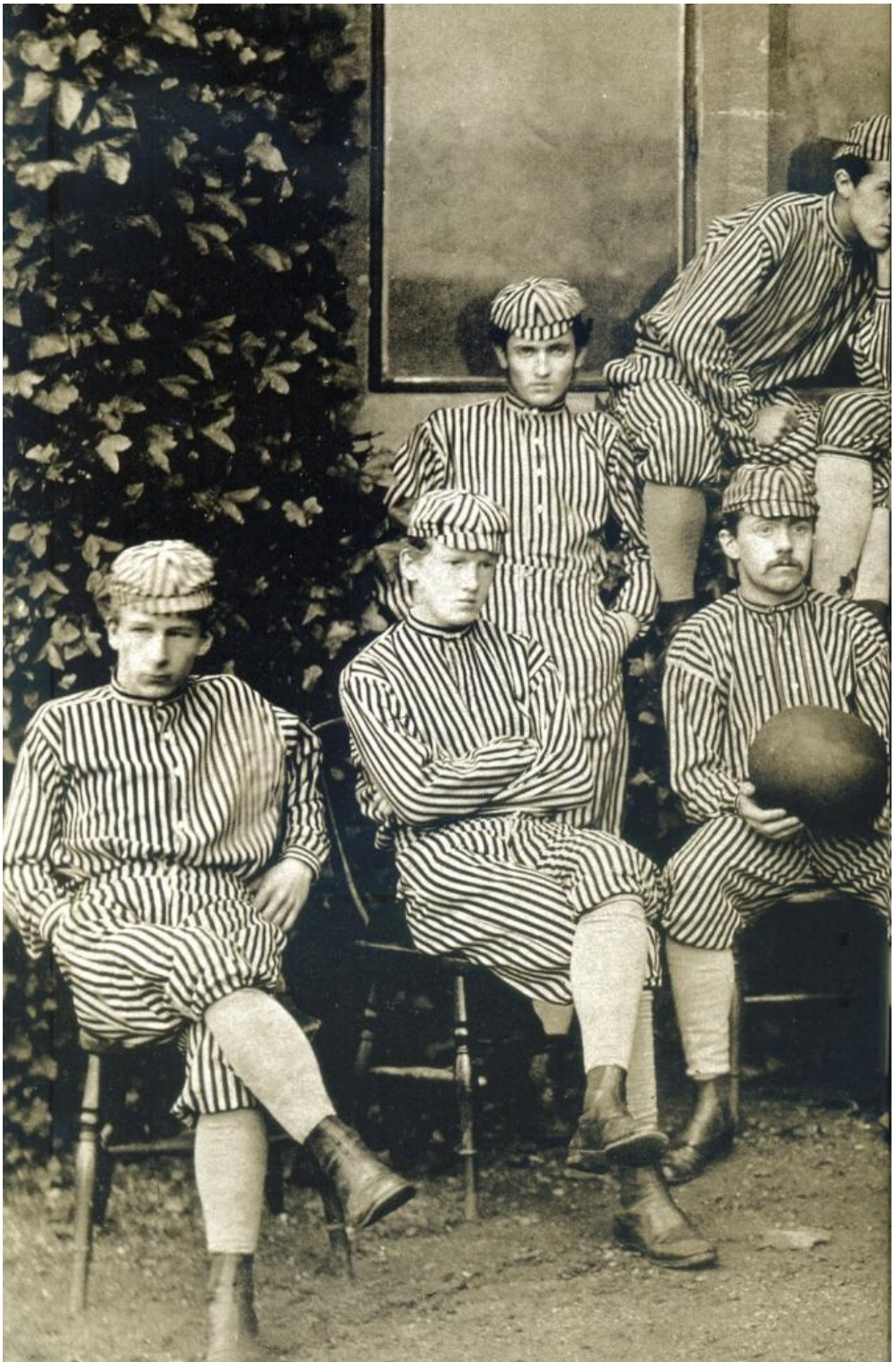
Nick Hornby es autor de Fiebre en las gradas, sus memorias como seguidor de toda la vida del Arsenal. Su última novela es A Long Way Down.

Todo era tan sencillo en los años sesenta, cuando empecé a ver fútbol. Inglaterra acababa de ganar la Copa del Mundo de 1966 y, por lo tanto, era, indiscutiblemente, el mejor equipo del mundo: era un hecho y punto. Después las cosas se torcieron, más o menos para siempre. Para empezar, yo me hice mayor y comencé a cuestionarme lo que significaba pertenecer a un país, al tiempo que el fútbol inglés se convertía en un caso perdido. (Quizás el tema del patriotismo no me habría planteado tantos conflictos si la selección inglesa hubiese sido buena.) Inglaterra ni siquiera se clasificó para los Mundiales de 1974 y 1978; los jugadores de talla mundial con que habíamos sido bendecidos en los años sesenta se habían retirado, y en los ochenta todo el tema del patriotismo y el fútbol se volvió mucho más complejo.

Los partidos de Inglaterra de aquella década apenas se podían ver entre los gases lacrimógenos utilizados por la policía europea para dispersar a nuestros desenfrenados *hooligans*. Los seguidores de Inglaterra se estaban convirtiendo en una pandilla bastante siniestra. Si ibas a Wembley a ver jugar a Inglaterra, tenías a tu alrededor a gente que hacía el saludo nazi mientras sonaba el himno nacional, y eran corrientes los insultos a los jugadores negros, incluso a los que jugaban en la selección. A veces era como si los hinchas más ruines de cada uno de los clubes se hubieran congregado en Wembley para hacer el ruido del mono y entonar canciones contra el IRA.

Por eso algunos aficionados empezaron a sentirse algo incómodos con su selección nacional. En 1990, cuando Inglaterra se enfrentó a Camerún en cuartos de final de la Copa del Mundo, no era difícil encontrar ingleses (gente de clase media, profesionales liberales) que querían que ganara Camerún. Yo vi el partido con algunas de esas personas, y cuando Inglaterra encajó el gol que suponía el 2-1 en su contra (al final ganó por 3-2 en la prórroga), gritaron de alegría. Yo podía entenderlo, pero no pude gritar con ellos. Después de todo, esos canallas borrachos y racistas eran mi gente, e Inglaterra, mi selección. El Mundial de 1990 resultó ser un punto de inflexión. El equipo ya no daba vergüenza. Los hinchas, tampoco. Después de un par de décadas horribles, la selección volvió a medrar al calor del afecto de la nación.

El renacimiento duró unos cinco minutos. Hubo un nombramiento desastroso de entrenador, que una vez más impidió la clasificación. Y para 1998, el fútbol era un deporte diferente. Muchos de los jugadores de nuestra primera división procedían de fuera de las islas Británicas. La globalización del mercado de los fichajes estaba empezando a despojar de gran parte de su

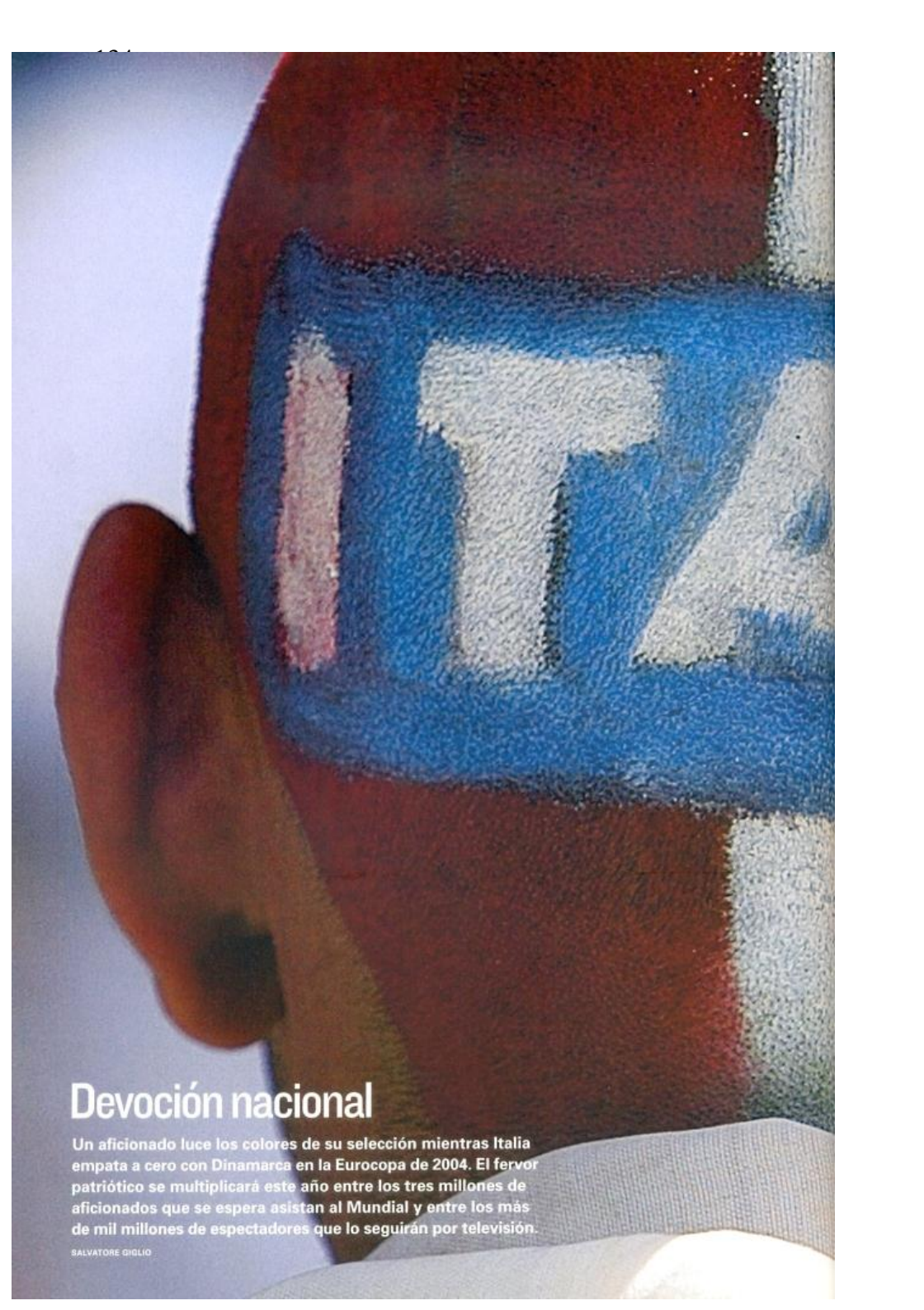


Los padres fundadores

Los jugadores del prestigioso colegio inglés Harrow School posan a finales de la década de 1860, poco después de la fundación en Londres de la primera asociación de fútbol del mundo. Aunque el «fútbol de Harrow», como el rugby, permitía coger el balón con las manos, el fútbol evolucionó hasta convertirse en el deporte que es actualmente. Hoy, más de 200 países tienen selecciones nacionales de fútbol.

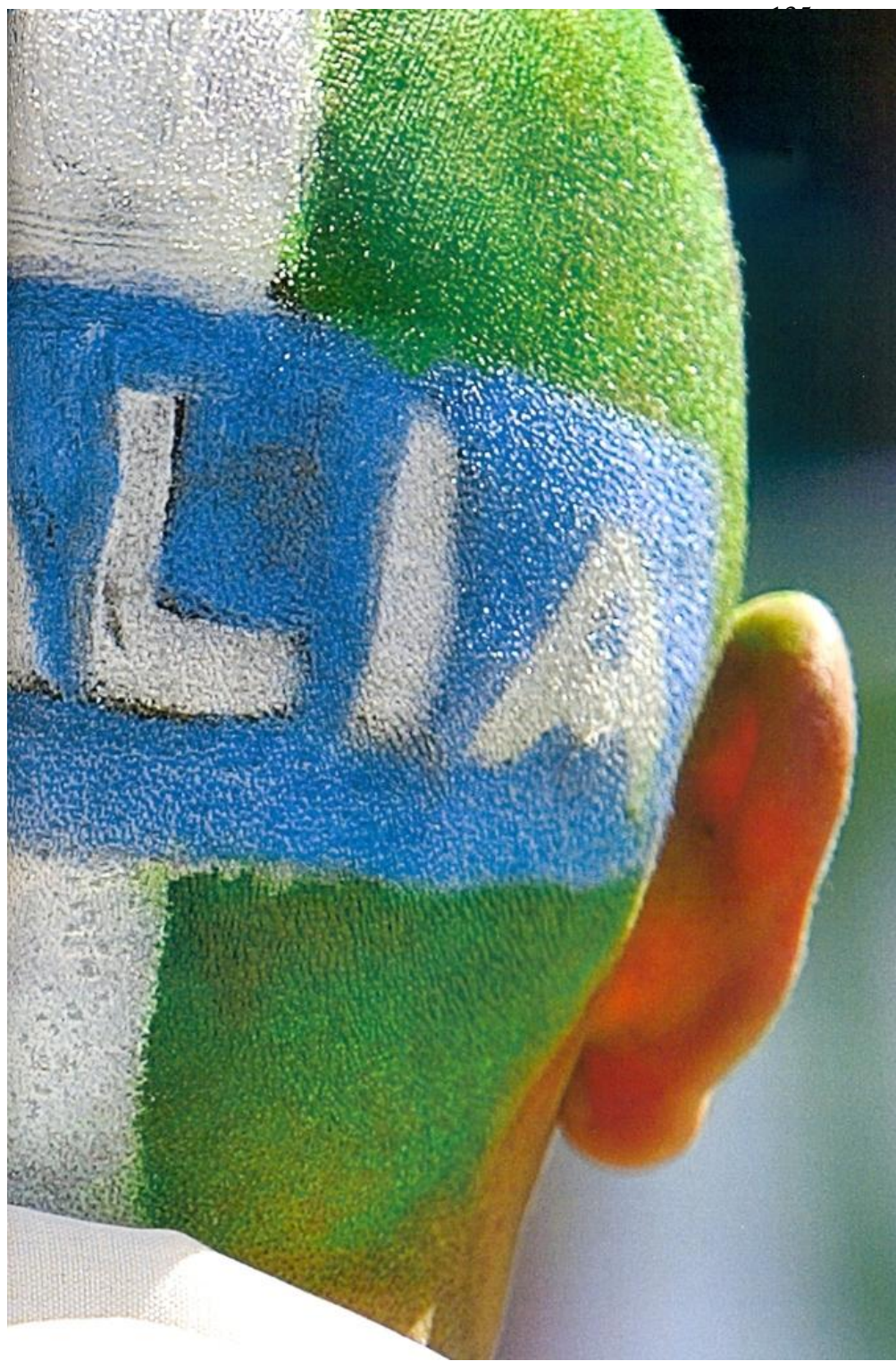
BTH / POBPERFOFO / CLASSICSTOCK





Devoción nacional

Un aficionado luce los colores de su selección mientras Italia empata a cero con Dinamarca en la Eurocopa de 2004. El fervor patriótico se multiplicará este año entre los tres millones de aficionados que se espera asistan al Mundial y entre los más de mil millones de espectadores que lo seguirán por televisión.



de 90 kilómetros por hora a la cabeza de un cuarto jugador que ha corrido 70 metros para estar allí y que, también sin alterar su ritmo, salta y cabecea con una precisión y una fuerza increíbles hacia una esquina de la portería, que es exactamente donde el portero, tras ejecutar algún complejo cálculo de física sin intervención del pensamiento consciente y por puro reflejo, lo está esperando, para que después toda esa gracia, esa velocidad, esa fuerza muscular, esa forma física y esa precisión no aparezcan en ningún acta y caigan en el olvido al día siguiente. Esa es la extraña fragilidad, la evanescencia del fútbol. Es difícil de describir y aún más difícil de practicar, pero sin duda tiene una belleza profunda, una belleza difícil de contar con palabras y que todo el mundo que ve un partido descubre por sí mismo. Esa es la razón por la que el fútbol, que tiene tanta fealdad a su alrededor, sigue llevándonos tan adentro: porque es, porque puede ser, tan bonito.

Ningún país intenta con tantas ganas y tanta perseverancia como Brasil jugar un fútbol bonito. Es algo ideológico. Por eso son tan queridos los jugadores brasileños. No en América del Sur, desde luego, donde tienen la categoría de superpotencia deportiva, sino prácticamente en todo el resto del mundo. De hecho, la selección brasileña de fútbol es un ejemplo único de equipo fuerte que despierta la simpatía de todos. Los aficionados al deporte en general y al fútbol en particular suelen detestar a los más fuertes. Pero la selección de Brasil, la única que ha ganado cinco Copas del Mundo y la única que lo ha logrado fuera de su continente, es muy querida. Así, muchos aficionados al fútbol son seguidores de dos selecciones nacionales: la suya y la de Brasil. Es el único favorito que es además el favorito.

COSTA RICA

Fútbol S.A.: fanáticos del marketing

Por Matthew Yeomans

*Matthew Yeomans,
periodista de
Cardiff, Gales, ha
cubierto los tres
últimos Mundiales.*

Qué sentido tiene convertir el fútbol en un negocio si los aficionados siguen considerando el deporte como un simple juego? Mirar el fútbol costarricense («tico») siempre había sido una actividad discreta, en comparación con la locura del fútbol argentino, mexicano o brasileño. Para empezar, la mayoría de los estadios eran rudimentarios—nada que ver con los intimidatorios calderos del San Siro del Milan, el Santiago Bernabéu del Real Madrid o la Bombonera del Boca Juniors—, y si bien los aficionados de vez en cuando demostraban el ciego frenesí de los hinchas más apasionados, habitualmente no veían la necesidad de hacerlo. Quizá se debiera al carácter relajado de los ticos o quizás a medio siglo de mediocres resultados futbolísticos, pero en una región donde dos de sus vecinos—Honduras y El Salvador— habían entrado literalmente en guerra por un partido de fútbol, los seguidores de Costa Rica carecían en cierto modo de entusiasmo.

Así pues, en 1995, el club de fútbol Sapriisa decidió enfervorizar a su base de aficionados. En lo que seguramente fue el primer caso de reclutamiento de *hooligans* en calidad de asesores por parte de un club, el Sapriisa mandó

llamar a los ardorosos hinchas de la Universidad Católica de Chile para fomentar una cultura local del fanatismo. El resultado fue La Ultra, una Peña de superfanáticos que intentaba emular el vehemente compromiso de las barras bravas mejor organizadas. Se compusieron cánticos, La Ultra se congregó en masa, todos vestidos de violeta, y empezaron a aparecer bengalas en los fondos de los estadios. El club Alajuelense no tardó en seguir el ejemplo y pronto tuvo su propio grupo de ultras, conocido como La Doce.

Los resultados de esa inversión en fanatismo fueron rápidos y espectaculares. No tardó en arraigar una cultura de pandillas vinculada a La Ultra y La Doce, alimentada por una creciente sensación entre los ticos pobres de que la floreciente economía nacional los estaba dejando atrás. La violencia llegó a ser tan problemática que el Saprissa y el Alajuelense tomaron medidas para controlar a La Ultra y La Doce. Actualmente, la delincuencia lisa y llana ha retrocedido, pero el clima subyacente de furia entre los hinchas se mantiene.

ESPAÑA

Una obra con moraleja: el fútbol como teatro

Por Robert Coover

España, verano del 82. La bóveda de calor sofocante y humedad que se cierne sobre Barcelona es como la tapa de una olla a presión, resplandeciente de luz, y aquí arriba, en la grada más alta del pequeño estadio de Sarriá, donde Brasil, Italia y Argentina se enfrentan en la primera fase del Mundial, parece como si hubiesen vendido 30 entradas por cada metro cuadrado de espacio. Tenemos que ir una hora y media antes sólo para poder apretujarnos dentro. Cuando empiezan los partidos, se hace difícil respirar. Mi hijo adolescente pasa todo un encuentro sentado en la barandilla de una escalera. Cada día nos decimos: a menos que sea absolutamente fantástico, veremos el partido en un bar; esto es una locura. Pero cada día nos quedamos.

Ya hemos estado aquí. Fue en 1977, dos años después de la muerte de Franco. Llovía, era de noche y empezaba a hacer frío. También nos quedamos en aquella ocasión, acurrucados bajo un paraguas, arriba de todo, bajo los focos, con vientos racheados y una lluvia torrencial, en las únicas localidades que pudimos conseguir, y felices por haberlas conseguido. Aquella noche de finales de otoño asistimos a un partido de la Liga española entre los dos rivales de esta ciudad, el FC Barcelona y el Real Club Deportivo Español, un encuentro que era más una representación de una guerra atávica entre adversarios que un mero acontecimiento deportivo.

A veces se diría que sólo hay dos juegos universales: la guerra y el fútbol. Quizá sean simplemente variantes del mismo juego, ritualizaciones propias de la moderna era industrial de alguna actividad perteneciente a la Era de los Sueños de nuestra especie, una época en que ambos se jugaban con los mismos jugadores y en el mismo terreno de juego, que es como decir con todos los hombres de la tribu y en todo el territorio. Aún hoy se siguen confundiendo entre sí. Los entrenadores se «declaran la guerra»; los generales

Robert Coover, novelista y ensayista, se obsesionó con el fútbol cuando vivía en España. Desde entonces lo ha perseguido a través de varias décadas y continentes. Su libro más reciente es A Child Again.

aplican tácticas y terminología futbolísticas; la violencia bélica invade los campos de fútbol, se extiende por las gradas y alcanza al resto de la comunidad; los soldados van a la batalla vistiendo los colores de su equipo, y las peñas de fanáticos se conocen como «ejércitos».

Muchas han sido las explicaciones que se han propuesto para el misterioso e intenso poder del fútbol, para el estado casi de trance que inducen los grandes partidos y para su predominio mundial sobre los demás deportes. Está el carácter inherentemente teatral del fútbol, que no tiene nada que ver con la alegre espectacularidad de los descansos en el deporte norteamericano, sino con profundos dramas de pecado y redención, con las pruebas que ha de superar la virtud, con la búsqueda de pautas y cohesión y con la colisión de fuerzas paradójicas. El fútbol a menudo ha sido comparado con la tragedia griega, o asimilado a una obra moralizante de final abierto. Quizá la dificultad para marcar (y en consecuencia el estrecho margen para la victoria, incluso entre equipos de capacidad muy desigual) intensifica esa sensación de teatralidad, determinando que el desenlace, o la catarsis colectiva, quede pendiente casi siempre hasta el toque de silbato del final del partido.

Lo que queda al final no son datos, sino impresionistas imágenes de cuerpos en movimiento. Nada importante en un partido se puede registrar estadísticamente, excepto los saques de esquina, los disparos a puerta, los goles y las paradas (el esfuerzo norteamericano por registrar las asistencias es admirable pero, en cierto modo inconducente, puesto que a menudo resulta difícil establecer, incluso viendo las repeticiones, quién es el verdadero artífice de un gol), y dichas estadísticas no dicen casi nada del partido en sí mismo. El jugador que de verdad decide un partido puede ser el que se mueve en la otra punta del campo, atrayendo hacia sí a un defensa, forzando una nueva configuración de la línea defensiva del equipo rival y haciendo inevitable un gol que poco antes habría sido imposible; pero puede que nadie, ni siquiera él mismo, lo note. Todo es narrativa, y por tanto, subjetivo. Cada partido es una historia, una secuencia de metáforas ambivalentes, una revelación personal envuelta en el idioma de la fe. Ningún otro deporte que yo conozca depende tanto de fluctuantes intangibles como las «pautas», el «ritmo», la «visión» y la «interpretación», que quizá no sean más que ilusiones. Y al mismo tiempo, es un deporte muy simple: como los sueños, casi infantil.

ANGOLA

La principal meta: curar a un país desgarrado por la guerra

Por Henning Mankell

La primera vez que visité Angola no fui consciente de que estaba en ese país. Corría el año 1987 y yo estaba viviendo en el extremo noroccidental de Zambia, cerca de la frontera angoleña. Estrechadas carreteras de arena serpenteaban a través de la interminable espesura, y a menudo me desorientaba cuando iba hacia alguna aldea lejana. Cuando me paraba a preguntar el camino, si la persona a quien hablaba me respondía en portugués,

entonces era imperativo volver rápidamente al lado derecho de la frontera invisible. Angola, tan profundamente herida por su largo periodo colonial, quedó asfixiada después de la liberación de Portugal por una violenta guerra civil. Las tropas del líder rebelde Jonas Savimbi, tristemente famosas por su indiscriminada violencia, estaban por todas partes. Toda una generación de angoleños ignoraba lo que era vivir en un país donde reinara la paz.

Pero había algo mágico en ese país más allá de la frontera invisible: el fútbol era omnipresente. En campos de grava, en la playa, en las calles y en las plazas de las ciudades, la pelota iba y venía entre hordas de muchachos. Los balones se fabricaban con los materiales más dispares: una camiseta vieja, una red de pesca o un bolso de mujer relleno de hierba y papel. Pero rodaban y botaban, y con ellos se podía cabecear y marcar goles. La guerra nunca pudo matar este deporte en Angola. Los campos de fútbol eran zonas desmilitarizadas, y el enfrentamiento entre equipos que libraban una batalla intensa, aunque esencialmente amistosa, servía como defensa contra los horrores que arreciaban alrededor. Es más difícil que las personas que juegan juntas al fútbol se maten al salir del terreno de juego.

Angola ha visto a muchos de sus futbolistas abandonar el país en busca de una vida mejor, sobre todo en Portugal. Pero no han renunciado a su nacionalidad, y cuando los llaman para volver a su tierra y vestir el pantalón negro y la camiseta y los calcetines rojos, los colores de su selección, no se lo piensan dos veces. Se les conoce cariñosamente como las Palancas Negras, los «antilopes negros».

El 8 de octubre de 2005, Angola llega al estadio Amahoro, en Kigali. En ese momento la sorprendente situación es que si Angola consigue marcar un solo gol en su encuentro ante Ruanda, se clasificará para la Copa del Mundo por delante de Nigeria, sin importar lo que suceda en el partido entre Nigeria y Zimbabwe. La espera es de pesadilla para todos los angoleños, sentados con los oídos pegados a las radios. Luanda está desierta, y también Huambo, Lubango, Namibe, Lobito, Benguela y Malanje. Todas las ciudades y aldeas están reunidas en torno a las radios. Quizás incluso los antilopes estén inmóviles en la sabana, con las orejas erguidas.

Cuando termina el primer tiempo, el marcador está empatado a cero. Mientras tanto, Nigeria se está imponiendo a Zimbabwe. Pero en Kigali, el encuentro sigue sin goles. Parece que las cosas van a terminar mal para Angola. El nerviosismo se extiende entre los jugadores. Todos coinciden en que Angola está jugando muy mal. Es un equipo al borde del colapso, perdiendo pases y sin entendimiento entre los jugadores. Quedan diez minutos. Los angoleños están casi inconscientes de desesperación. Entonces, Zé Kalanga, que entra en el campo en el último minuto, hace un pase cruzado tan sorprendente como brillante. Fabrice «Akwa» Maieco está en el sitio justo y, con un cabeceo perfecto, hace posible el único gol del partido: el balón supera al portero de Ruanda, bota una vez en el suelo y vuela a la portería.

Es preciso haber vivido mucho tiempo en África para comprender lo que significa esta victoria. Desde luego, nadie imagina hoy que Angola pueda llegar muy lejos en el torneo, pero el fútbol es impredecible por naturaleza. Si los más débiles no derrotaran de vez en cuando a los favoritos, el fútbol carecería de interés.

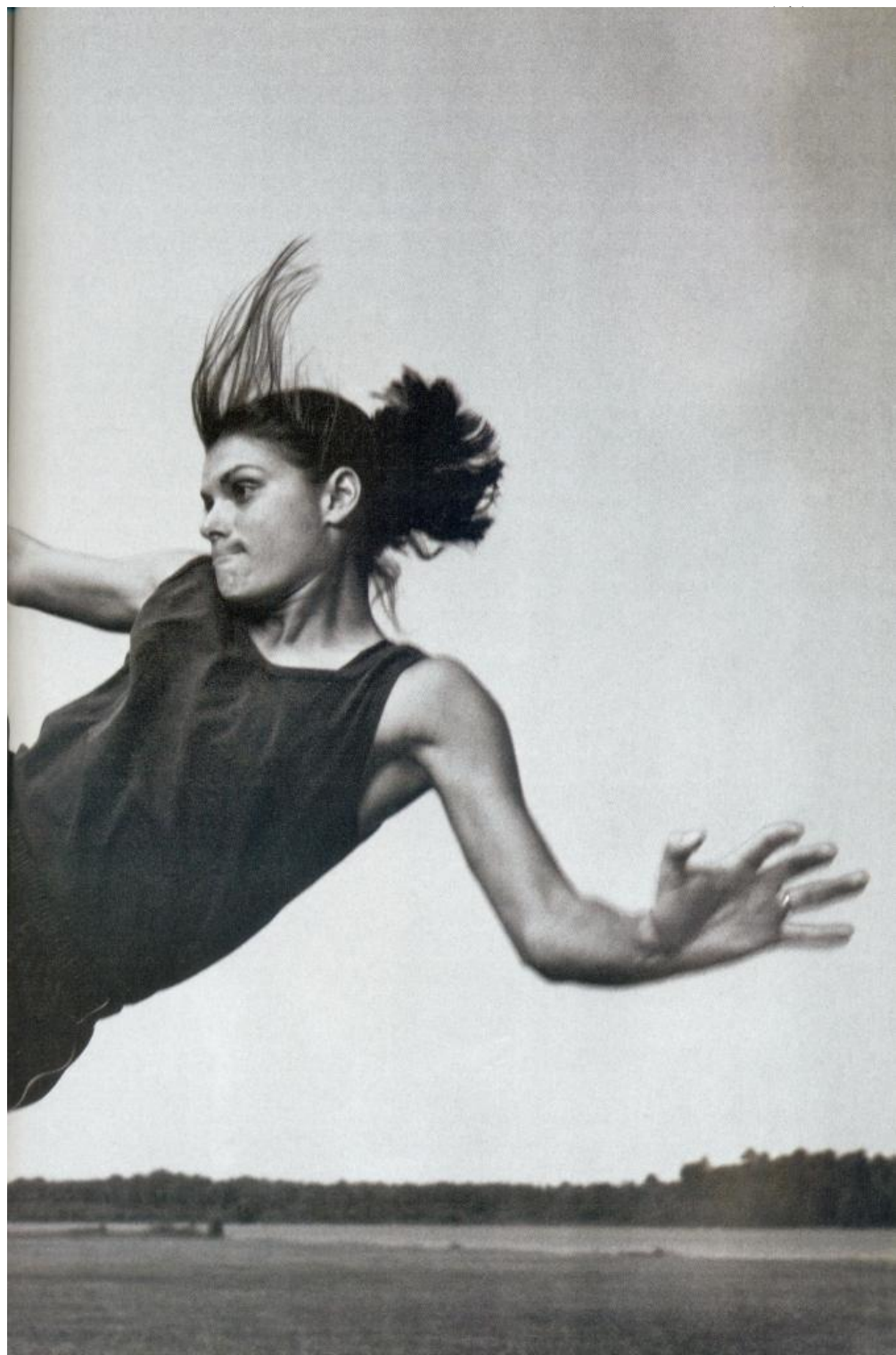
Henning Mankell es autor de unas 40 novelas, entre ellas las de género policiaco que están protagonizadas por el inspector Kurt Wallander. Divide su tiempo entre Suecia y Mozambique, país donde dirige el Teatro Avenida.

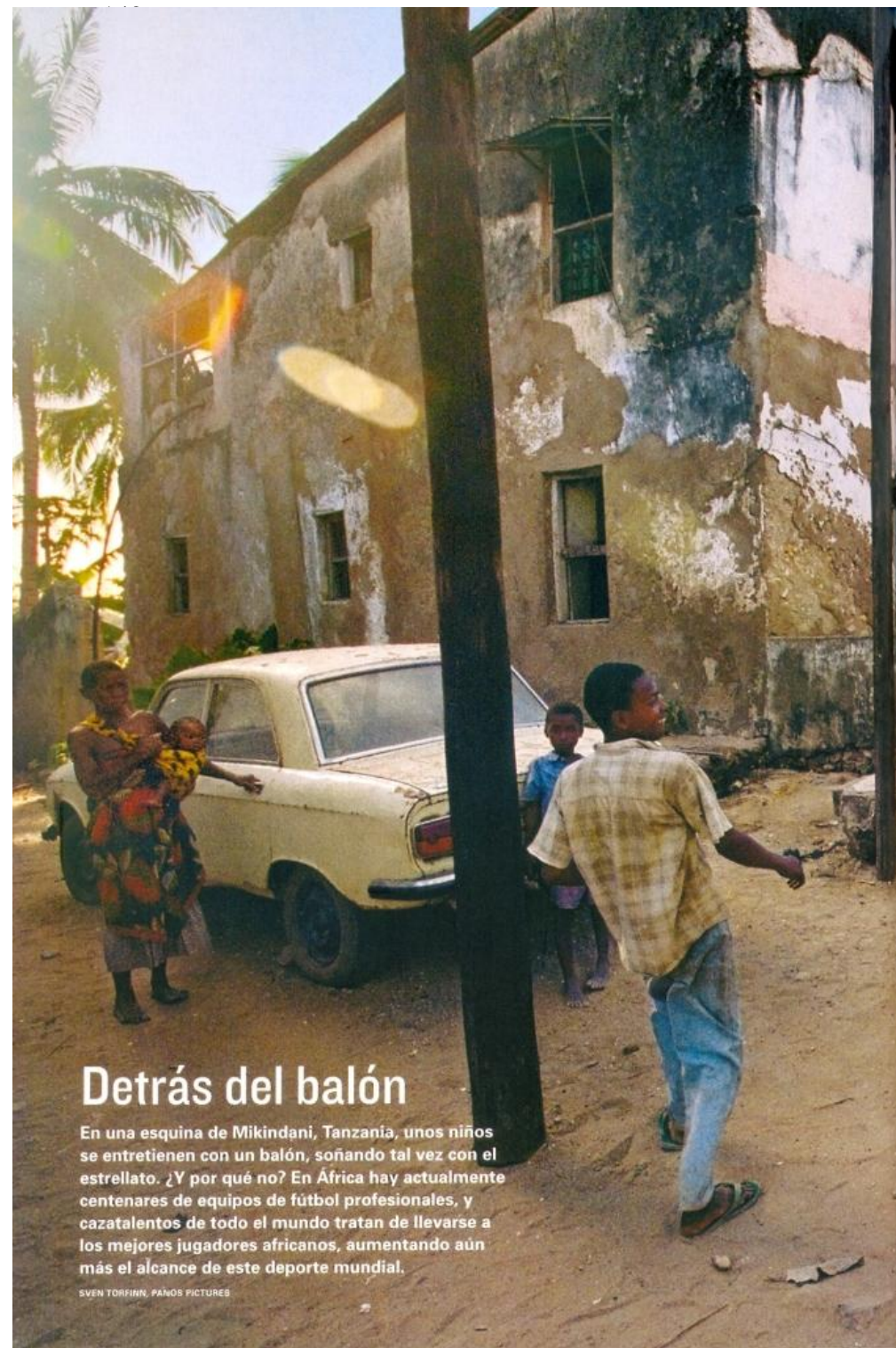
Juego inspirado

La estrella estadounidense Mia Hamm hace gala de la forma física que la ayudó a impulsar a su equipo hacia la victoria sobre China, en la Copa del Mundo femenina de 1999. En 1987 Hamm entró en la selección de Estados Unidos, de la que fue la integrante más joven de la historia al incorporarse con sólo 15 años de edad. En los últimos 20 años, la Youth Soccer League ha sumado más de un millón de jugadores.

ANNIE LEIBOVITZ, CONTACT PRESS IMAGES

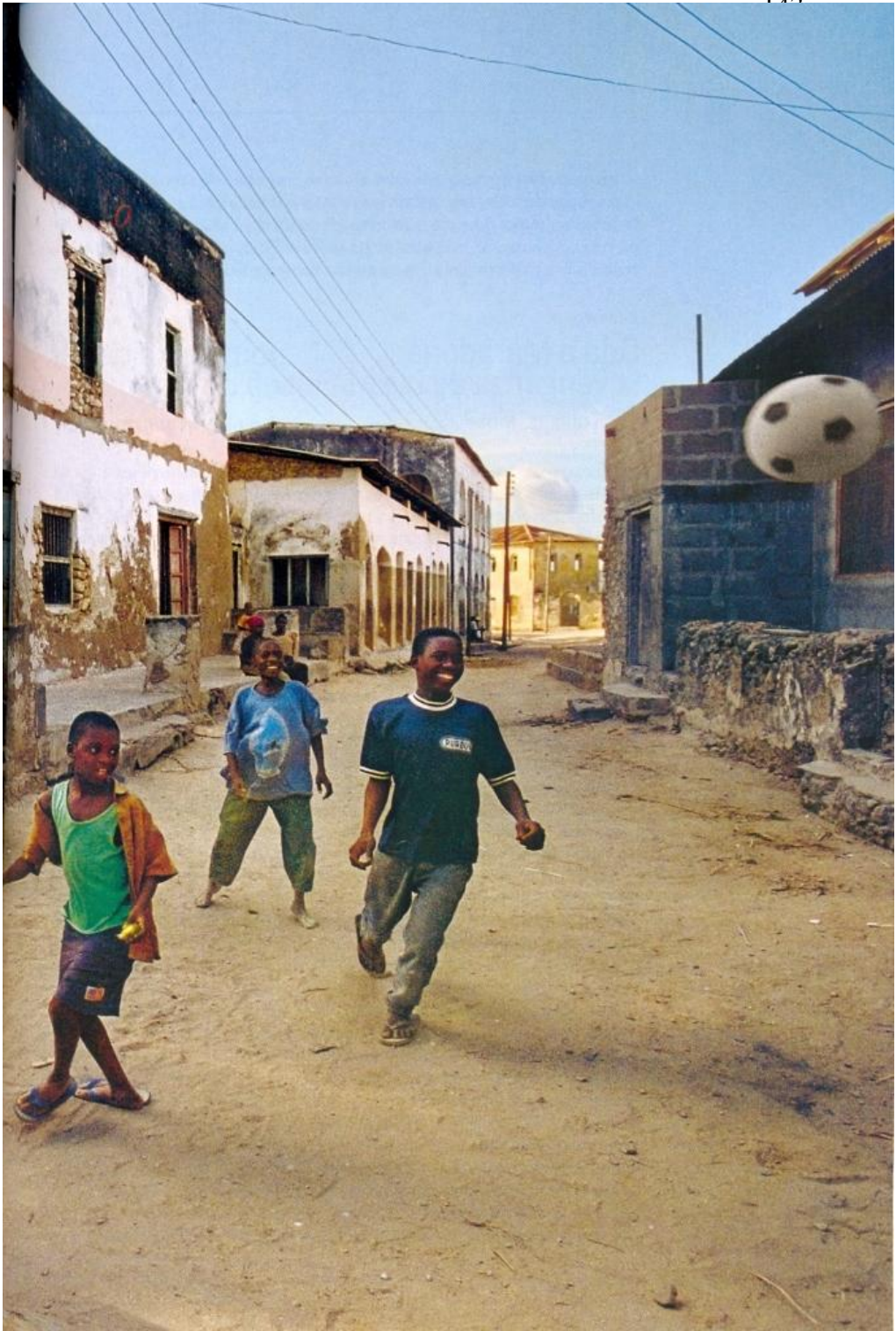






Detrás del balón

En una esquina de Mikindani, Tanzania, unos niños se entretienen con un balón, soñando tal vez con el estrellato. ¿Y por qué no? En África hay actualmente centenares de equipos de fútbol profesionales, y cazatalentos de todo el mundo tratan de llevarse a los mejores jugadores africanos, aumentando aún más el alcance de este deporte mundial.



Pero ya se ha logrado una gran victoria, y aunque no ha traído ninguna copa resplandeciente, este triunfo existe antes que nada en el corazón y la mente de los angoleños. Llegar a la fase final de la Copa del Mundo significa mucho para la confianza de un país que ha sufrido los estragos de la guerra y la pobreza. Un país castigado durante tanto tiempo volverá a creer en sí mismo.

ARGENTINA

Oda a Maradona: la venganza de las Malvinas

Por Thomas Jones

Thomas Jones es editor y redactor en la London Review of Books

El mayor cumplido que se podía hacer a alguien durante mi infancia en Inglaterra, en los años ochenta, era «*skill*» (algo así como «genial», «hábil»; decíamos, por ejemplo: «¡Tío, tú tabla de skate sí que es genial!»), y nadie era más genial que Diego Armando Maradona. Su nombre se invocaba como el más elevado de los elogios, dentro y fuera del terreno de juego («¡Tío, tu tabla de skate sí que es Maradona!»). Tardé bastante tiempo en saber que Maradona era un ser humano, y más tiempo aún en saber que era un futbolista. Luego lo vi marcar ante Italia en el Mundial de 1986. Era evidente, incluso para mí, que Maradona no sólo era genial, sino la genialidad personificada.

La siguiente vez que Maradona marcó fue el 22 de junio, el día que Argentina jugó contra Inglaterra. Los dos países se habían enfrentado cuatro años antes, no en un campo de fútbol, sino en la guerra de las Malvinas, que el escritor argentino Jorge Luis Borges comparó más tarde con la disputa «entre dos calvos peleándose por un peine». Cuando Gran Bretaña recuperó las islas reivindicadas por Argentina, habían muerto más de 900 hombres, argentinos en su mayoría. En Gran Bretaña, la victoria supuso un auge de popularidad para Margaret Thatcher; en Argentina, la derrota contribuyó a la caída de la junta militar de extrema derecha que había gobernado desde 1976.

Cuatro años después todo aquello era historia, o al menos eso dijeron ambas selecciones antes del partido. Maradona marcó los dos goles de Argentina, en el triunfo por 2-1 sobre Inglaterra. El segundo de ellos, once segundos de genialidad sobrehumana, fue elegido Gol del Siglo en 2002. Maradona parecía moverse en un marco temporal distinto del de los jugadores ingleses, que se precipitaban sobre él para pararlo cuando ya los había superado.

Para mi sorpresa, ninguno de mis conocidos quiso comentar aquel segundo y extraordinario gol. Sólo querían hablar del que había marcado cuatro minutos antes con el puño. Los que hasta entonces habían sido admiradores de Maradona estaban furiosos, como si él los hubiera traicionado personalmente. De la noche a la mañana, su nombre se había convertido en insulto, en sinónimo de trampa. Yo estaba desconcertado. Lo que llegaría a conocerse como el incidente de la Mano de Dios no me parecía tan malo, y tampoco me lo parece ahora. Por un lado, me resultaba impresionante que Maradona, con 1,65 metros de estatura, hubiese podido llegar al balón antes que el portero, 30 centímetros más alto. Además, ¿no eran más reprobables el árbitro y el juez de línea por no haber visto la falta y conceder el gol? Siempre he

sospechado que la moralista censura a la Mano de Dios era una manera de disfrazar la decepción y la frustración ante la derrota de Inglaterra, y que la conducta que los aficionados ingleses nunca perdonarán a Maradona no es su trampa, sino haber eludido a cinco jugadores ingleses para marcar el mejor gol de la historia y eliminar a Inglaterra de la Copa del Mundo.

CROACIA

Terapia de grupo: el nacimiento de una nación

Por Courtney Angela Brkic

No hace mucho tiempo, cuando Croacia formaba parte de Yugoslavia, el fútbol era una expresión de la identidad étnica, la orientación política o la individualidad. Muchos creen que un partido disputado en 1990 entre el Dinamo de Zagreb y el Estrella Roja de Belgrado marcó el comienzo de la guerra de la independencia de Croacia. Al principio del partido hubo choques en las gradas y en el campo entre los seguidores de ambos equipos. La policía, dominada por los serbios, reprimió a los aficionados croatas mientras permitía que la afición serbia se desbocara. Aquellos sucesos determinaron que la frustración con Yugoslavia, que ya burbujaba, entrara en ebullición. Ni siquiera los jugadores eran inmunes. Al ver cómo un policía golpeaba a un seguidor del Dinamo que yacía en el suelo, el centrocampista Zvonimir Boban propinó al agente una patada de kárate, convirtiéndose así en un héroe del creciente movimiento por la independencia.

La guerra que siguió fue larga y brutal. Murieron más de 10.000 personas y aún se cuentan 1.000 desaparecidos. Como era de esperar, los turistas dejaron de visitar las costas croatas y la región quedó asociada con el sufrimiento. Para un país de tan rico potencial, tan entusiasta por lo que podía lograr con la independencia, verse clasificado simplemente como zona de guerra o como antigua república yugoslava era un golpe.

La independencia croata fue reconocida en 1992, pero la Copa del Mundo de 1998 trajo consigo otra forma de reconocimiento. La exaltación se adueñó del país cuando Croacia venció a Alemania en cuartos de final. «¿Realmente será posible?», parecían preguntarse los croatas, incapaces de contener su optimismo. En Zagreb se instalaron pantallas gigantes de televisión para que la gente pudiera ver el partido entre Croacia y Holanda en el que se disputaban la tercera plaza. Era sábado y yo lo vi en mi piso con amigos. Las aclamaciones llenaron el aire cuando Croacia marcó. Era como si la ciudad fuese un gigantesco salón y los ojos de todos estuvieran fijos en un único televisor. El tráfico se detuvo y la calle estaba desierta. Cuando acabó el partido, con victoria para Croacia, la gente invadió las calles.

Tres años después del fin de la guerra, fue un momento muy emotivo en la historia de un joven país. Los periodistas de la televisión entrevistaron a hombres mayores que no podían reprimir las lágrimas. El país no había visto una celebración unificada como aquella desde su declaración de independencia. Ahora nadie podría negar a Croacia su lugar en el mapa. □

Courtney Angela Brkic es autora de Stillness: And Other Stories y The Stone Fields: An Epitaph for the Living.

➤ **Más fútbol** Lea el texto completo de los artículos de Sean Wilsey, Nick Hornby y Robert Coover, recopilados en *The Thinking Fan's Guide to the World Cup*, en ngm.com/0606.

ANEXO IV

NATIONAL GEOGRAPHIC AMÉRICA LATINA

GRATIS
MAPAMUNDO
DE SOCCER

NATIONALGEOGRAPHIC.COM/ESPAÑOL

JUNIO DE 2006

NATIONAL GEOGRAPHIC

EN ESPAÑOL



futbol

el juego universal

ADEMÁS Pelícanos: belleza
americana 30 Promesas de
la nanotecnología 72

Argentina \$ 7.00 (recargo envío al interior \$0.20) / Paraguay



Con el corazón en La Boca

Esta vivienda mira a Caminito, paseo obligado de todo viajero que aterriza en Buenos Aires. Con sus típicas paredes de chapa acanalada, esta vieja casa de madera, o "conventillo", brilla con las luces que enciende, a su modo, la industria del turismo: los inmigrantes que le dieron vida ya no están, pero sus huellas permanecen indelebles.



ADRIÁN PÉREZ

Reportajes

- Fútbol, el juego universal** **2** Este mes, 32 naciones competirán por la Copa Mundial de Fútbol, el "hermoso juego" que unifica y divide naciones en todo el orbe.
INTRODUCCIÓN DE JUAN VILLORO
SUPLEMENTO: MAPAMUNDI DEL FÚTBOL
- Pelicanos: belleza americana** **30** En tierra, esta ave ha sido calificada como un "sabueso emplumado". En el aire, los pelicanos son poemas alados.
POR MEL WHITE FOTOGRAFÍAS DE KLAUS NIGGE
- Vida comunal en Montana** **44** Hace 37 años, un joven fotógrafo viajó a Montana para documentar la vida de los huteritas, una pequeña colonia religiosa. En el fondo, jamás volvió a casa.
TEXTO Y FOTOGRAFÍAS DE WILLIAM ALBERT ALLARD
- Promesas de la nanotecnología** **72** La tecnología de lo diminuto promete grandes recompensas. Quizás algunas de ellas ya están en su ropero.
POR JENNIFER KAHN FOTOGRAFÍAS DE MARK THIESSEN
ILUSTRACIONES DE KENNETH EDWARD

PORTADA El mundo entero es un campo de fútbol para un joven jugador que practica el cabeceo en Tegucigalpa, Honduras.

FOTOGRAFÍA DE DAVID ALAN HARVEY



Los caballos salvajes de Mongolia



Poderosas voladoras

IMÁGENES DE LA TIERRA VIDA SALVAJE

FÓSILES
GEOGRAFÍA
CIENCIA
DE PASO

Secciones

California, EUA

Los caballos libres
de Mongolia

¿Guarderías de dinosaurios?

Nuez de betel

Poderosas voladoras

El corazón en La Boca

POR MARÍA MANSILLA
FOTOGRAFÍAS DE ADRIÁN PÉREZ

Miscelánea

EDITORIAL

FORO

FOTO DEL LECTOR

INSTANTÁNEA

DETRÁS DE LAS CÁMARAS

FLASHBACK

ngm.com

HUTERITAS

Conozca las creencias y estilo de vida de los huteritas de la colonia Surprise Creek, en Montana, EUA, visitando:

nationalgeographic.com/espanol

FOTO DEL LECTOR

Ahora es su oportunidad de convertirse en fotógrafo de NATIONAL GEOGRAPHIC. Cada mes, tanto en la revista como en línea, publicaremos las fotografías seleccionadas. Lea los lineamientos en:

nationalgeographic.com/espanol

Y envíe su foto a: natgeoweb@editorial.televisa.com.mx

EL JUEGO UNIVERSAL

Admire una galería fotográfica, descargue nuestro papel tapiz y conozca más sobre los soldados británicos y alemanes que se reunieron a jugar fútbol durante una tregua en la primera guerra mundial, visitando:

nationalgeographic.com/espanol

Membresía

Argentina: (54 11) 4000 8300
suscripciones@televisa.com.ar

Chile: (562) 399 6262
suscripciones@televisa.cl

Perú: Telefax (511) 441 2321
suscripciones@editorialtelevisa.com.pe

DIRECTORIO

NATIONAL GEOGRAPHIC EN ESPAÑOL

OMAR LÓPEZ VERGARA

Director editorial

JAVIER MARTÍNEZ STAINES

Director general editorial

RODRIGO XOCONOSTLE W.

Director ejecutivo

EDITORIAL

Bekis Maldonado

Editora general

Ivett Montalván Edición de secciones

Alejandro Olmedo

Juan Ernesto Nava

Corrección de estilo

Cynthia Tenorio

Coordinadora de traducciones

ARTE

Virgilio Valdes

Coordinador de arte

Daniel Somohano

Brenda Gómez

Valeria Prado

Osvaldo Arana

Adam Wiseman

Editor de fotografía

PRODUCCIÓN

Fra Zarraga

Director de Producción Internacional

Juan Carlos Espinosa

Director de Producción México

William Salamanca

Jefe de Producción Colombia

ASESORES

Dr. Adrián Guillermo Aguilar, Asesor honorario en Geografía, David Vázquez Ruiz, Coordinador de asesores en Biología, Clara Hilera Ramos, Botánica, José Palacios Vargas, Biopaleontología, Adolfo Ibarra, Entomología, Georgina Santos, Herpetología, Alicia Durán, Angélica Álvarez, Luis Zambrano, Ictología, Jesús Pacheco Rodríguez, Mastozoología, Patricia Escalante, Ornitología, René Hernández, Paleontología, Rafael Triguero, Veterinaria y mamíferos africanos, José Luis Mateos, Nanotecnología

TRADUCTORES

Carolina Alvarado, Ofelia Arruti, Estrella Burgos, Mariana Gurmukh, Soledad Moreno, Mario Murgia, María del Carmen Navarrete, Bernardo Rivera, José I. Rodríguez, Adriana Rosado-Bonavet, Suzanne Stephens, Marco A. Vargas, Luis Alborés



EDITORIAL

Televisa

EDITORIAL TELEvisa, S.A. DE C.V.

EDUARDO MICHELSEN, Director General/International/Vicpresidente

IRENE CARRERA, Vicepresidenta Editorial

RICARDO LÓPEZ RIVERA, Vicepresidente Comercial

BERDIO CARRERA, Vicepresidente de Administración y Finanzas

© National Geographic. Marca Registrada. Vol. 18, número 6. Fecha de publicación: junio de 2006. Revista mensual, editada por los editores del mes por **EDITORIAL TELEvisa, S.A. DE C.V.** Av. Vasco de Quiroga N.º 2003, Buzos E, Col. Santa Fe, Del. Álvaro Obregón, C.P. 02130, México, D.F., tel. (52 55) 5061-2903, por correo de la oficina centralizado con **NATIONAL GEOGRAPHIC SOCIETY**, Washington, D.C. Oficina Internacional de Producción: Av. Vasco de Quiroga N.º 2003, Buzos E, Col. Santa Fe, Del. Álvaro Obregón, C.P. 02130, México, D.F., tel. (52 55) 5061-2903. Oficina Internacional de Por: Westcott 6335 Ave. 20th Street, Miami, Florida 33156 U.S.A., tel. (305) 871-6489. **Editor responsable:** Irene Carrera. **Impreso en Estados Unidos por:** De Kay Highway 2025 Murray Hill, West Hollywood, CA, 90069 U.S.A., tel. (310) 349-5231. **Impreso en Chile por:** Quetzal World Chile, S.A., Santiago, Chile, tel. (56 2) 440-8830. **ARGENTINA:** Publicada por Editorial Televisa Argentina, S.A., Av. Paseo Colón N.º 275, Piso 10 (C1016AAC) Buenos Aires, Argentina, tel. (0431) 4000-8230. **Colombia:** Publicada por Editorial Televisa Colombia, S.A., Calle 72 N.º 74B, Piso 10, Bogotá, Colombia, tel. (571) 310-6910. **Chile:** Publicada por Editorial Televisa Chile, S.A., Maipo N.º 794, 9.º piso, oficina 207, (10961) Div. Edición Interior. Distribución de revistas: Editorial de Chile S.A., Av. Villar Sanz 1590 (1282), Ad adherida a la Asociación Argentina de Editores de Revistas, Registro de la propiedad intelectual en trámite. **COLOMBIA:** Publicada por Editorial Televisa Colombia, S.A., Calle 72 N.º 74B, Piso 10, Bogotá, Colombia, tel. (571) 310-6910. **Chile:** Publicada por Editorial Televisa Chile, S.A., Maipo N.º 794, 9.º piso, oficina 207, (10961) Div. Edición Interior. Distribución de revistas: Editorial de Chile S.A., Av. Villar Sanz 1590 (1282), Ad adherida a la Asociación Argentina de Editores de Revistas, Registro de la propiedad intelectual en trámite. **CHILE:** Publicada por Editorial Televisa Chile, S.A., Reyes Lavand N.º 3194, Las Comas, Santiago, Chile, tel. (56 2) 594-2969. **Costa Rica:** Publicada por NGA S.A., Calle Wellington 251, Santiago, Chile. P.O. Box 1180-00, Baguette, I. y N.º 11, San José, Costa Rica, S.A., tel. (506) 270-4999. **ECUADOR:** Publicada por Imprenta Ecuadoriana, S.A., Rumburata 706, entre República y Amazonas, Pinarosa, Quito, Ecuador, tel. (593) 2226-2711 y (593) 2226-7336. **ESTADOS UNIDOS:** Publicada por Editorial Televisa International, S.A., 6335 N.W. 30th Street, Miami, Florida 33166 U.S.A., tel. (305) 871-6400. **PERÚ:** Publicada por Editorial Televisa Perú, S.A., Av. República de Panamá N.º 36-28, 3er. piso, San Nicolás, tel. (511) 441-2321 y (511) 441-7853. **PUERTO RICO:** Publicada por Editorial Televisa Puerto Rico, Inc., Calle Diana N.º 25, Amélica Distribution Center, Guayama, Puerto Rico. **VENEZUELA:** Publicada por Editorial Televisa Venezuela International, S.A. Información sobre ventas: Venezuela Publicadora, S.A., Avenida Páez de Miranda, Centro LÍ, Torre A, Piso 12, Oficina 1054-A, El Rosal, Caracas, Venezuela, P.O. Box 1060, tel. (582) 1295-5490, fax (582) 1295-6264. El material editorial que aparece en esta edición es propiedad registrada de **NATIONAL GEOGRAPHIC SOCIETY**, Editorial TELEvisa, S.A. DE C.V. Investiga sobre la veracidad de sus anuncios, pero no se responsabiliza por las ofertas relacionadas con los mismos. Prohibida la reproducción parcial o total del material editorial publicado en esta edición. Edición en Español de revistas: Editorial Televisa International, S.A. office of publication: 6305 N.W. 30th Street, Miami, Florida 33166 U.S.A. Suscripciones en USA y Puerto Rico: para servicios al consumidor, llamar al 1 800 288-6817, otros países llamar al: (305) 473-2796, y e-mail en www.editorialtelevisa.com. **National Geographic en Español:** LSPS #023 701; May 2006. Publicación mensual por Editorial Televisa International, S.A. 6335 N.W. 30th Street, Miami, Florida 33166 U.S.A. by permission of **NATIONAL GEOGRAPHIC SOCIETY**. Periodicals postage paid at Miami, FL. 33512 and at additional mailing offices. Annual subscription rate is US\$34.00. Price per copy is US\$3.95 in the USA and Puerto Rico only. **POSTMASTER:** Send address changes to **National Geographic en Español**, Subscriptions Service Department, P.O. Box 633, Mt. Morris, IL 61051-0633 or by e-mail at www.editorialtelevisa.com. Export sales by Editorial Televisa, S.A. de C.V. Prohibida su reproducción por correo o total. **Todos los derechos reservados.** All rights reserved. © Copyright 2006, National Geographic Society.

www.nationalgeographic.com/espanol national.geographic.com/latinoamerica



OFFICIAL JOURNAL OF THE NATIONAL GEOGRAPHIC SOCIETY
"PARA EL INCREMENTO Y LA DIFUSIÓN DEL CONOCIMIENTO GEOGRÁFICO"

JOHN M. FAHEY, JR., President and CEO

EXECUTIVE VICE PRESIDENTS

Terrance B. Adamson
Linda Berkeley, President, Enterprises
Terry D. Garcia, Mission Programs
John D. Griffin, President, Magazine Group
Nina D. Hoffman, President, Books and School Publishing Group
Christopher A. Liedel, CFO

BOARD OF TRUSTEES

Gilbert M. Grosvenor, Chairman

INTERNATIONAL LICENSING

Robert W. Hernandez, Cynthia Combs, Heather C. Pierce, Gretchen Frank, Cynthia Gethelboer, Kate Hayes, Christine Higgins, Patricia Hill, Amy Johnson, Koray Kotar, Marylee Lane, Diane Z. Leskova, Rachel C. Love, Howard Payne, Marsha V. Roberts, John Robertson, Desiree Sullivan

RESEARCH AND EXPLORATION COMMITTEE

Peter H. Raven, Chairman
John M. Francis, Vice Chairman
Martha E. Church, Steven M. Colman, Scott V. Edwards, Philip Gingerich, William L. Graf, Nancy Knowlton, Dan M. Martin, Scott E. Miller, Jan Nimmo, Stuart L. Pimm, Elise M. Redmond, Bruce D. Smith, Patricia C. Wright, Melinda A. Zeder

EXPLORERS-IN-RESIDENCE

Robert Ballard, Wade Davis, Sylvia Earle, Zahi Hawass, Louise Leakey, Meave Leakey, Johan Reinhard, Paul Sereno, Stephen Shaver
Conservation Fellow: J. Michael Fay

The National Geographic Society fue fundada en Washington, D.C. como una institución científica y educativa sin fines lucrativos. Desde 1888 la Sociedad ha dado su apoyo a más de veinte mil exploraciones y viajes de investigación, cartografiando el conocimiento de la tierra, el mar y el cielo.

NATIONAL GEOGRAPHIC

CHRIS JOHNS, Editor in Chief
Victoria Pope, Managing Editor
Dennis R. Dimick, Bill Marti
Carolyn White, Executive Editors
Robert L. Booth, Associate Editor
Amy Kotzack, Editorial Director, International Editions

SENIOR EDITORS

Tim Appenzeller, Science
Don Bell, Geography & World Affairs
Bill Douthett, Story Development
John A. Echave, Research Grants
Ken Ganger, Technology
David Griffin, Photography
Lisa Moore LaRoche, Staff Writers
Valerie A. May, News Media
Peter Miller, Expeditions
Kathy Moran, Natural History
Oliver Vayer, Manuscripts
Lesley B. Rogers, Research
Christopher P. Sloan, Graphics
David C. Whitmore, Design & Typography
Margaret G. Zackwitz, Departments

INTERNATIONAL EDITIONS

Darren Smith, Design Editor
Justin Kavanagh, Text Editor
Julie McCord, Text Editor
Angela Botter, Production Editor
Shannon Hiltner, Design Editor
Sarah White, Editorial Coordinator

ENGRAVING AND PRINTING

NG Group Bounella, Director

NG MAPS

Maureen Flynn

CONSULTANTS

Michele Harris, Elizabeth Levine

Copyright © 2006 National Geographic Society. Todos los derechos reservados. National Geographic y Yellow Border Registered Trademarks ® Marcas Registradas. National Geographic declina toda responsabilidad sobre materiales no solicitados.

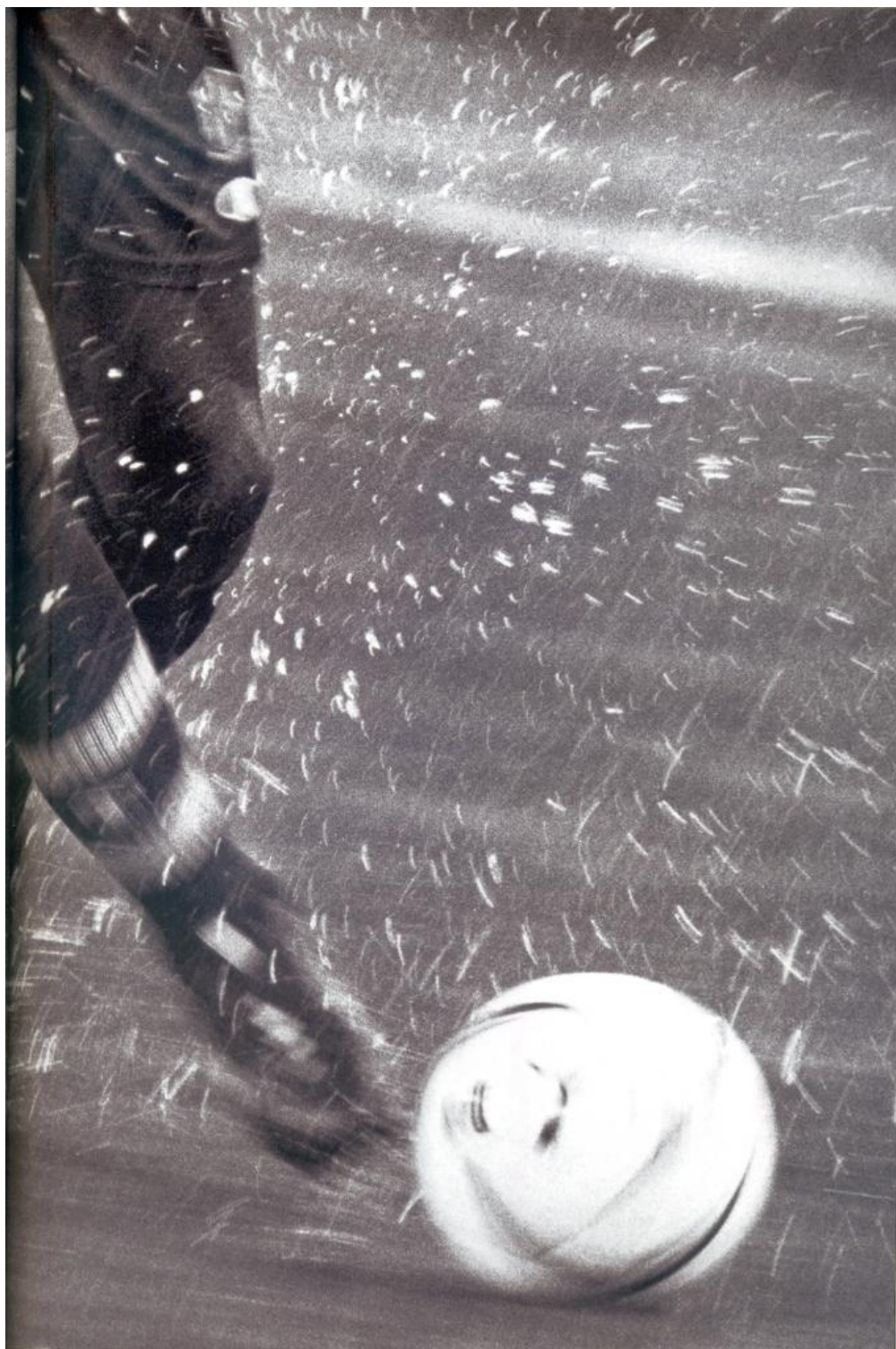


futbol el hermoso juego

por qué gobierna
al mundo

Este mes, 32 equipos competirán en Alemania en la Copa del Mundo, en el juego que une —y divide— a países de todo el orbe.

La lluvia no puede ocultar la fuerza y la gallardía de un jugador durante un encuentro en Roma.





Furor político

Unos aficionados, conocidos como los Bad Blue Boys, iluminan la noche en Zagreb, Croacia, mientras su equipo vence a sus archirrival del Split. Este fervor puede cambiar la historia. Cuando un equipo de Belgrado visitó Zagreb en 1990, las viejas rencillas estallaron en un levantamiento, una temprana chispa en la guerra de los Balcanes por la independencia croata.

NIKOLA SOLIC, REUTERS



Introducción de Juan Villoro

Si hubiera un campeonato mundial de aficiones de fútbol, una final posible sería México-Escocia. Se trata de países que nunca han tenido protagonismo internacional y quizá por ello han buscado el placer compensatorio de llenar estadios. Desde niño sé que no soy testigo de los mejores partidos. La sensación de estar lejos de los empujones prodigiosos se recrudeció cuando empezamos a ver goles por televisión satelital. De cualquier forma, en mi calidad de aficionado mexicano, sabía desde un principio que la pasión por el juego no puede depender de los resultados, tantas veces adversos.

El sentido de la tragedia inventa insólitos recursos; sin embargo, a veces el fútbol se parece a la canción ranchera y lo bueno consiste, precisamente, en salir ultrajado: “¡Qué manera de perder...!”

Colombia ha aportado lo suyo a la psicología de la derrota. La selección dirigida por Pacho Maturana venció 0-5 a Argentina en vísperas del Mundial de 1994 y parecía candidata a logros superiores. Desde cuatro años antes había representado una coreográfica amenaza, cuando ostentó las melenas más densas y las barbas más ralas de Italia 90, desproporción capilar digna de los mosqueteros y los piratas. Además, contaba con jugadores negros que parecían dormidos y de pronto corrían 100 metros en tiempo récord. Los emblemas del equipo, Higuity y Valderrama, pertenecían a esa clase de genios latinoamericanos a los que les convendría ponerse nerviosos para demostrar que en verdad les importa lo que hacen. Dueños de una seguridad sin fisuras, Higuity y Valderrama saltaban al campo como si ya hubieran jugado. Su solo estar sobre el césped representaba una superación personal tan obvia que no podían someterse a las reglas de todo mundo; intentaban peligrosas jugadas inútiles sólo para demostrar lo horribles que son las ju-

Introducción adaptada del libro Dios es redondo, editado por Planeta, y publicada con permiso del autor.

Los demás textos, adaptados de The Thinking Fan's Guide to the World Cup, editada por Matt Weiland y Sean Wilsey, HarperCollins, 2006, también publicados con autorización.

gadas necesarias. Ningún portero ha transmitido tal autosatisfacción como Higuíta al salir de su área a regatear como en una calle de barrio, o al despejar un tiro en su línea de gol convirtiendo sus pies en el aguijón de un alacrán. Por su parte, el Pibe Valderrama encarna a la perfección la frase que me dijo el poeta Darío Jaramillo Agudelo: "Nuestro fútbol es estupendo, pero en cámara lenta." El mediocampista que nunca tuvo prisa no siempre fue oportuno en un deporte donde los rivales corren. Su calma era cuestión de principios. Nadie ha tenido el mismo temple ante la adversidad. Valderrama hubiera sido capaz de roncar ante un pelotón de fusilamiento, invalidando así la sentencia de sus adversarios.

La selección colombiana de 1990 y 1994 jugó como si tuviera permiso para perder. En este sentido se apartaba de la gran selección peruana de México 70, entrenada por Didi, que también ofrecía un fútbol de temerario optimismo, pero luchaba por ganar hasta el último minuto. Los colombianos corrían con un sentido total de apropiación del juego. Eran dueños del marcador, aunque les resultara adverso. Nadie les ganaba nunca porque ellos mismos administraban sus caídas. Contra la meritocracia y las vulgares costumbres de los vencedores, la gran Colombia que duró cuatro años mostró que el resultado es una opinión subjetiva. Maestros del extravío, pusieron en escena las virtudes que sólo son posibles sin rebajarse a tener éxito. Higuíta lanzaba un tiro libre y luego debía volver a su arco con una velocidad que no estaba en sus piernas. Y sin embargo, fue siempre feliz con el peligro de una antijugada.

Colombia ha sido el máximo exponente de una tendencia que los mexicanos admiramos sin dominar a fondo. El grito de guerra de la selección mexicana es: "Si se puede." Como lo esperado es la derrota, no basta con decirle a los nuestros que los queremos y son fantásticos: hay que revelarles que la realidad incluye la ignorada posibilidad del triunfo.

Jorge Valdano ha recuperado una anécdota esencial del fútbol. En 1969 Chacarita Juniors salió campeón en Argentina contra todos los pronósticos. Este equipo humilde y sorpresivo era entrenado por un señor de respuestas tan rotundas como su nombre, Geronazzo. Cuando le pidieron la receta para la corona, respondió: "La primera vez que los vi me dije: 'Ningún equipo puede jugar bien si tiene más de 30% de bobos.' Bajé el porcentaje y fuimos campeones."

En el fútbol está prohibido abusar de la tontería. Todo equipo que representa a la condición humana debe incluir a un par de tarados, pero de ahí no puede pasar la cosa. Esto no significa que un mediocampista deba pensar como Julio Verne, pero sí que sea capaz de mover el balón no en función de lo que sucede sino de lo que puede suceder. Algo distingue al jugador de prosapia del esforzado atleta: sus prodigios sólo resultan razonables cuando ocurren; un segundo antes eran imposibles.

La alegría es un valor subjetivo, qué duda cabe. Hay quienes celebran con hermetismo pero experimentan una pamplonada interior, y quienes corren como poseídos para abrazarse con su entrenador y derribar las cantimploras de agua.

Por desgracia para la pluralidad de la pasión, el fútbol exige reglamentos. Los desorbitados que bailan una lambada muy larga ven la tarjeta amarilla.

Juan Villoro ha obtenido los premios: Heralde, por su novela El testigo; Mazatlán, por su libro de ensayos Efectos personales, y el Villaurrutia por La casa pierde (cuentos). Como cronista de fútbol ha reseñado los mundiales de Italia 90 y Francia 98.

En el código de urbanidad de la FIFA está mal visto que un jugador exagere su emoción. Como la sanción depende del criterio del árbitro, algunas coreografías cuentan con su beneplácito y otras son castigadas como crímenes de lesa teatralidad.

El crack seduce y convierte las ovaciones en su espejo; se mide en ellas. En una ocasión, el escritor argentino Osvaldo Soriano llegó al hotel donde estaba concentrada la selección argentina y pasó junto a Maradona sin hacerle caso. ¿Podía un cronista ignorar al máximo dignatario del buen toque? No pudo: Maradona tomó una mandarina y empezó a dominarla como un mago. Una sonrisa cruzó su rostro de divo gordo al saber que encandilaba al escritor.

¿Y qué decir de la burla? El engaño hace interesante un deporte que moriría si pudiera preverse. El destronque de cintura, la pausa mortífera y la rosca de dudosa trayectoria son algunos de sus asombros esenciales. Incluso las jugadas a balón parado se diseñan para la sorpresa.

De niño, yo temía a los hombres de boina y puro apagado que se acercaban a contarme las hazañas de Isidro Lángara. Aquel héroe de la selección vasca que se quedó en México a causa de la guerra civil, llegó a modificar el habla popular. Ser "un lánagara" era ser pícaro, astuto, habilidoso.

Aunque procuro no ser un nostálgico perdido, el tiempo hace lo suyo y ninguna anotación contemporánea puede emocionarme como una vista hace 35 años. Estoy en el desenlace de México 70, el célebre Italia-Brasil, y escucho la tremebunda frase de mi padre: "En la final, el equipo que anota primero pierde; así ha sido en todos los mundiales." Veo el salto del Rey para llegar a la cita del destino con su frente, el balón en las redes, la mirada de Gerson rumbo al cielo y sus manos unidas en plegaria, el estadio Azteca volcado en la emoción compensatoria de apoyar a los brasileños. "El que anota primero pierde." La negra profecía carga de dramatismo el festejo. Tengo 13 años y mi padre siempre ha tenido razón. Pero Brasil tiene a Pelé.

Dieciséis años después, en el estadio Azteca de 1986, vi a Maradona anotar sus dos goles de leyenda ante Inglaterra, el más perfecto en la historia de la ilegalidad y el más perfecto en la historia del Mundial. Decir que el gol de Pelé me gustó más sería un rencor nostálgico; decir que el gol de Maradona me emocionó más sería un atropello digno de tarjeta roja.

Un mexicano adicto al fútbol es, entre otras cosas, un masoquista que colecciona agravios, jueves de dolor para los que no hay domingo de resurrección. ¿Qué sería de nosotros sin este agitado melodrama?

En 1970 mi generación conoció los nombres de dos huesos, la tibia y el peroné, porque Alberto Onofre se los fracturó en el último entrenamiento antes del Mundial. El mediocampista resbaló y chocó contra el defensa Juan Manuel Alejándrez. No llovió mucho durante el Mundial; tenía que llover antes para perfeccionar la tragedia.

Hijo de un tornero que enfrentó a puñetazos su pasión por las canchas, Alberto Onofre llegó tan golpeado al equipo Guadalajara que se avergonzaba de que le vieran los moretones en los vestidores. El jugador superó todo lo que hubiera podido superar un personaje encarnado por Pedro Infante, y en la temporada 1969-1970 jugó con una brillantez que sólo puede ser descrita evocando a dos leyendas de las Chivas Rayadas. A los 22 años era el mariscal de campo que la selección no había tenido ni volvería a tener.

Cualquier fanático de mi edad recordará la demolición que significó saber que el mejor de los nuestros quedaba fuera del Mundial del que éramos anfitriones. Una vez más, la fatalidad jugaba de local. Una ambulancia con escolta llevó al herido del Centro de Capacitación al hospital. En el quirófano, quisieron ponerle una bata. Para perfeccionar la épica, el jugador pidió que lo operaran como estaba, con el uniforme de la selección. No volvería a usar esos colores.

¿En qué medida el entorno impidió su recuperación? La cultura norteamericana vive para el *comeback*; más importante que triunfar es hacerlo contra todos los pronósticos. En cambio, la afición mexicana, predispuesta a la derrota, se resignó a que su mayor esperanza se disipara en el acuchillante sol del mediodía. Nada más emblemático del fútbol nacional que el portento fuera posible pero no durara.

El 8 de abril de 2000 murió Moacyr Barbosa, primer portero negro de la selección brasileña. Unas 30 personas se acercaron a velar el ataúd cubierto por la bandera del desaparecido equipo Ypiranga. Poco antes de que el féretro fuera trasladado al cementerio, un directivo del Vasco da Gama llevó una bandera del club de la franja negra.

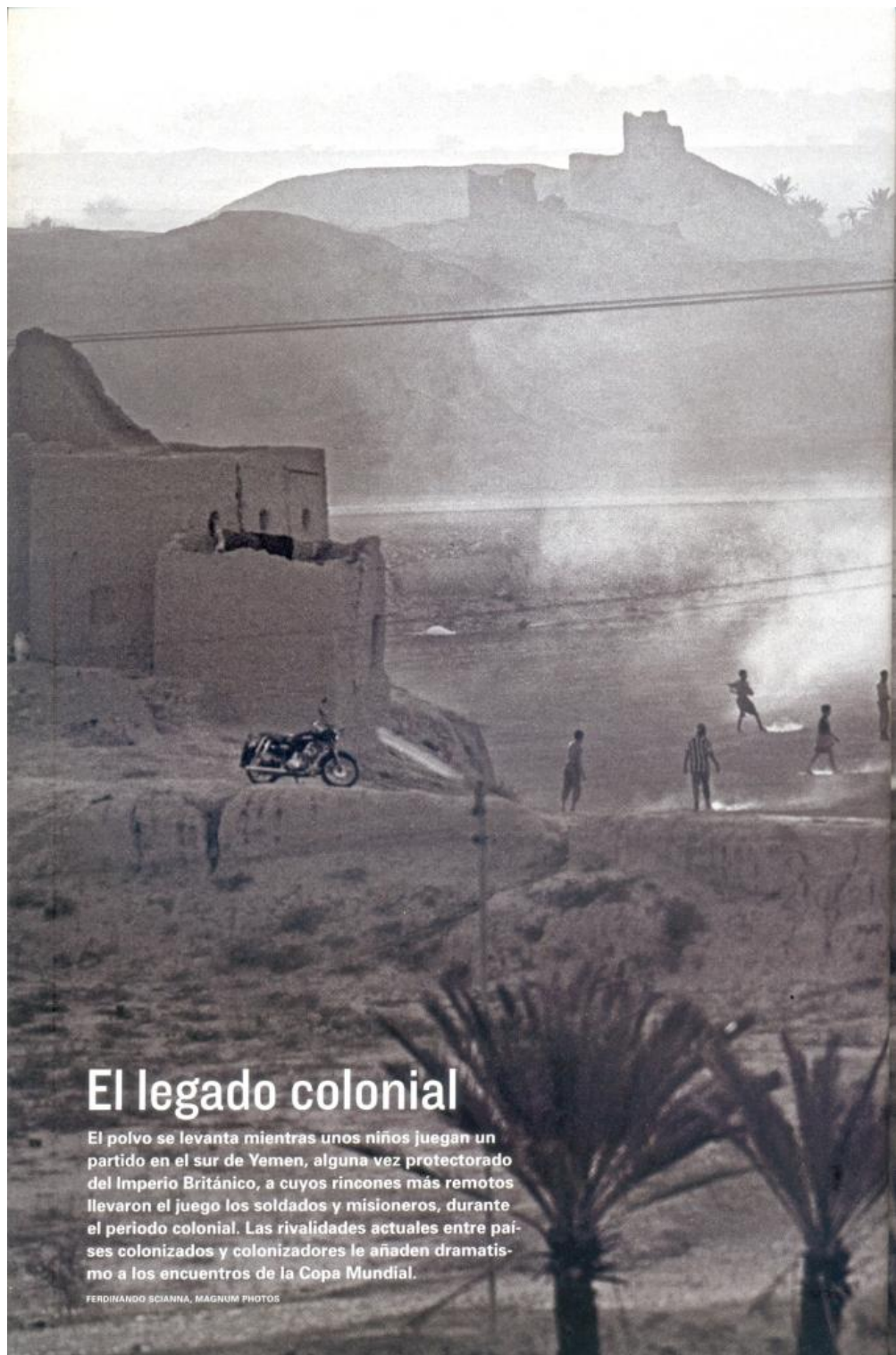
En un país donde los futbolistas alcanzan el rango de semidioses, Moacyr Barbosa fue despedido como un fantasma. Poco importó que el portero hubiera contribuido a darle cinco títulos de la liga de Rio y un título de Sudamérica al Vasco da Gama. Su tragedia se cifró en un instante del que no podría recuperarse.

La escena ocurrió el 16 de julio de 1950. El recién inaugurado estadio Maracaná reunió a 200 mil fanáticos —cifra récord en la historia del fútbol— para la final de la Copa del Mundo entre Brasil y Uruguay. De acuerdo con el reglamento de entonces, al equipo sede le bastaba un empate para levantar el trofeo. Los periódicos de Brasil ya tenían listos los titulares del día siguiente con desafortunados vtores para la oncena verde-amarilla. Por su parte, Jules Rimet, inventor de los mundiales, llevaba un discurso en el que elogió la destreza de los futbolistas cariocas y la calidez de su público. Aquellas palabras no abandonaron el bolsillo de Rimet.

Un lance de muerte decidió el partido: Ghiggia lanzó un tiro cruzado y Moacyr Barbosa, guardameta curtido ante las roscas más sofisticadas del planeta, viajó en pos del balón. La subjetividad de los héroes no siempre tiene que ver con la realidad. El último hombre de Brasil tocó la pelota y se desplomó con alivio en el pasto sagrado de Maracaná. Estaba seguro de haber desviado el tiro de Uruguay. El silencio lo devolvió a un país de espanto donde lo observaban 200 mil espectadores mudos. La pelota estaba en las redes. Uruguay se había puesto 2 a 1.

En la película que narra la vida del Rey Pelé, este es el momento en que el joven león se lanza sobre el radio y lo golpea entre sollozos. Brasil perdía en su propia cancha, contra todos los pronósticos. La historia de Pelé iba a ser, en buena medida, la historia de una enmienda. Sus más de mil goles estarían destinados a corregir el que no pudo detener Moacyr Barbosa.

El trágico portero de Maracaná siguió jugando hasta 1962, y aún obtuvo varios títulos con el Vasco da Gama. *(continúa en la p. 14)*



El legado colonial

El polvo se levanta mientras unos niños juegan un partido en el sur de Yemen, alguna vez protectorado del Imperio Británico, a cuyos rincones más remotos llevaron el juego los soldados y misioneros, durante el periodo colonial. Las rivalidades actuales entre países colonizados y colonizadores le añaden dramatismo a los encuentros de la Copa Mundial.

FERDINANDO SCIANNA, MAGNUM PHOTOS





Encuentro feroz

Unos jugadores cabecean el balón en un duelo entre el Atenas y el Pireo, mientras los aficionados empuñan bengalas en las tribunas. Después de un polémico penalti, los aficionados lanzaron piedras, agredieron a un árbitro y destrozaron sus butacas. "Esta violencia es tribal", dice Peter Marsh, experto en cultura futbolística.

ARIS MESSINIS, AP



(viene de la p. 9) Los prejuiciosos que nunca faltan lo acusaron de hacer del temple de los jugadores blancos. El primer portero negro de la selección brasileña tuvo que sufrir la derrota y el desprestigio de su sangre.

Barbosa se jubiló con una pensión de 85 dólares mensuales que luego le mejoró el Vasco da Gama. Durante noches sin número soñó con el gol del desastre y padeció toda clase de humillaciones públicas. En una ocasión, una mujer lo señaló en la calle y le dijo a su pequeño hijo: "Ese es Barbosa, el hombre que hizo llorar a un país."

En 1993 la televisión inglesa rodó un documental para preparar el ambiente del Mundial de Estados Unidos. El equipo de grabación quiso que Barbosa visitara a la selección brasileña, pero el entrenador, Mario Lobo Zagallos, le negó la entrada para impedir que el embajador de la mala suerte contagiara su desgracia a sus muchachos. Cuando lo interrogaron acerca de este incidente, Barbosa miró a una cámara con ojos desolados y dijo que en Brasil la condena máxima por un crimen era de 30 años. En un país sin cadena perpetua sólo él estaba condenado de por vida.

Finalmente, a los 79 años, el guardameta cayó por última vez.

La primera muerte de aquel hombre había ocurrido medio siglo antes, en la soleada cancha de Maracanã.

En cambio, ciertos equipos organizan la memoria de tal forma que la convierten en su razón de ser. Durante decenios de sequía, la Universidad de Chile se amparó en un canto que recordaba al lejano Ballet Azul que había sido campeón: "Volveremos, volveremos / Volveremos otra vez / Volveremos a ser grandes / Grandes como fue el Ballet." En 1994, ganar la liga significó para ellos un formidable regreso al pasado.

Fernando Marcos, decano de los locutores mexicanos, afirmaba al final de cada partido: "el último minuto también tiene 60 segundos". El refrán condensa la lucha del fútbol contra el reloj.

Cuando el silbato del árbitro lanza sus tres notas fúnebres, el partido concluye como trámite jurídico y ofrece su saldo de obituarios y estadísticas: los aficionados eternizan a los héroes breves y en el rostro de los entrenadores aparece una nueva arruga. El juego entra a la zona de las promesas; lo que ha ocurrido es ya lo que vendrá, el venturoso remedio para los enfermos de tiempo que llenan los estadios.

COSTA DE MARFIL

Brujería: qué forma de ganar

Por Paul Laity

Paul Laity es editor de The London Review of Books. Juega como defensa izquierda en partidos informales.

La fiesta empezó a las 5:50 p.m. Costa de Marfil acababa de calificar por primera vez para el Mundial. La ciudad de Abidjan se llenó al instante de personas y animado bullicio. Los aficionados, vestidos de anaranjado, blanco y verde, se volcaron hacia las calles; los automovilistas hacían sonar sus bocinas; se oía música *zouglou* a todo volumen y con júbilo se golpeaban ollas y cacerolas. Las personas que festejaban bailaban una nueva danza, el "Drogbacité", llamada así en honor del delantero estrella del equipo,

Didier Drogba: imitaban sus fintas, sus jugadas y los movimientos característicos de sus tiros imparables. Otros practicaban el *fouka-fouka*, el festivo quiebre de cadera típico de Drogba: un pedacito de cultura marfileña conocido por los aficionados del fútbol de todas partes. Los *maquis*—cafés al aire libre, bares y miniclubes nocturnos— permanecieron abiertos toda la noche sirviendo “Drogbas”, botellas de cerveza llamadas así en alusión al tamaño y potencia del futbolista. Varios de los bebedores tenían pintado en el pecho el apodo del equipo nacional: “Les Éléphants.” Los elefantes representan el poder y se dice que también son de buena suerte, pues están protegidos por un hechizo. El equipo había sufrido varias decepciones, pero finalmente la buena fortuna de su nombre parecía estar de su lado. Los entusiasmados aficionados anunciaban que el fútbol podía hacer más que cualquier político para poner fin a la guerra civil.

Al final del desfile de la victoria en Abidjan, el jefe de la Federación Marfileña de Fútbol hizo una petición al presidente Laurent Gbagbo: “Los jugadores me han pedido que le diga que lo que más desean ahora es que nuestro dividido país se unifique de nuevo, desean que esta victoria funcione como catalizador para la paz en Costa de Marfil, para poner fin al conflicto y volver a unir a sus habitantes. Este éxito debe reunirnos.” La fiesta en las calles se prolongó un día más.

El presidente Gbagbo hizo todo lo posible para que se le identificara con el equipo vencedor. Habló de una nación rejuvenecida y le dio a cada uno de los jugadores el equivalente a un título de caballero y una lujosa casa de campo. Sin embargo, la ausencia de Henri Michel—el entrenador francés de la selección nacional marfileña— fue notable durante la celebración en la residencia del Presidente. Es de suponer que el entrenador fuera una especie de incómodo recordatorio del legado colonial. No obstante, los impulsores gubernamentales de la corriente antifrancesa en la actual Costa de Marfil enfrentan dificultades en lo que al fútbol se refiere. Muchos de los mejores jugadores de la selección juegan en equipos franceses durante la temporada regular y varios han vivido en Francia la mayor parte de su vida.

Gbagbo prefiere hacer caso omiso de la importancia que tiene Francia para el fútbol marfileño, siempre y cuando Costa de Marfil siga ganando; además, ha hecho gran alharaca sobre el considerable financiamiento que su gobierno le ha otorgado a la selección nacional. Sin embargo, no parece temer otras formas de ayuda. En 1992, la única vez—además de este año— que Costa de Marfil jugó en la final de la Copa Africana de Naciones, el ministro de Deportes ofreció dinero a muchos *fétisheurs* (brujos) para darle al equipo marfileño una ventaja sobrenatural contra Ghana. Reza la historia que cuando el ministro no cumplió sus promesas de pagarles a los brujos, estos lanzaron una maldición contra el equipo, que durante 10 años tuvo resultados decepcionantes. En abril de 2002, el ministro de Defensa, Moise Lida Kouassi, se acercó a los brujos para hacer las paces; les dio licor y grandes sumas de dinero. La maldición se levantó, y listo: el equipo calificó para la Copa Mundial.

Los brujos esparcen amuletos en la cancha o untan ungüentos mágicos en la portería para que el balón no entre. En 1984 no menos de 150 *fétisheurs* permanecieron en el hotel en que se hospedaba la selección marfileña antes de un juego decisivo en la Copa Africana de

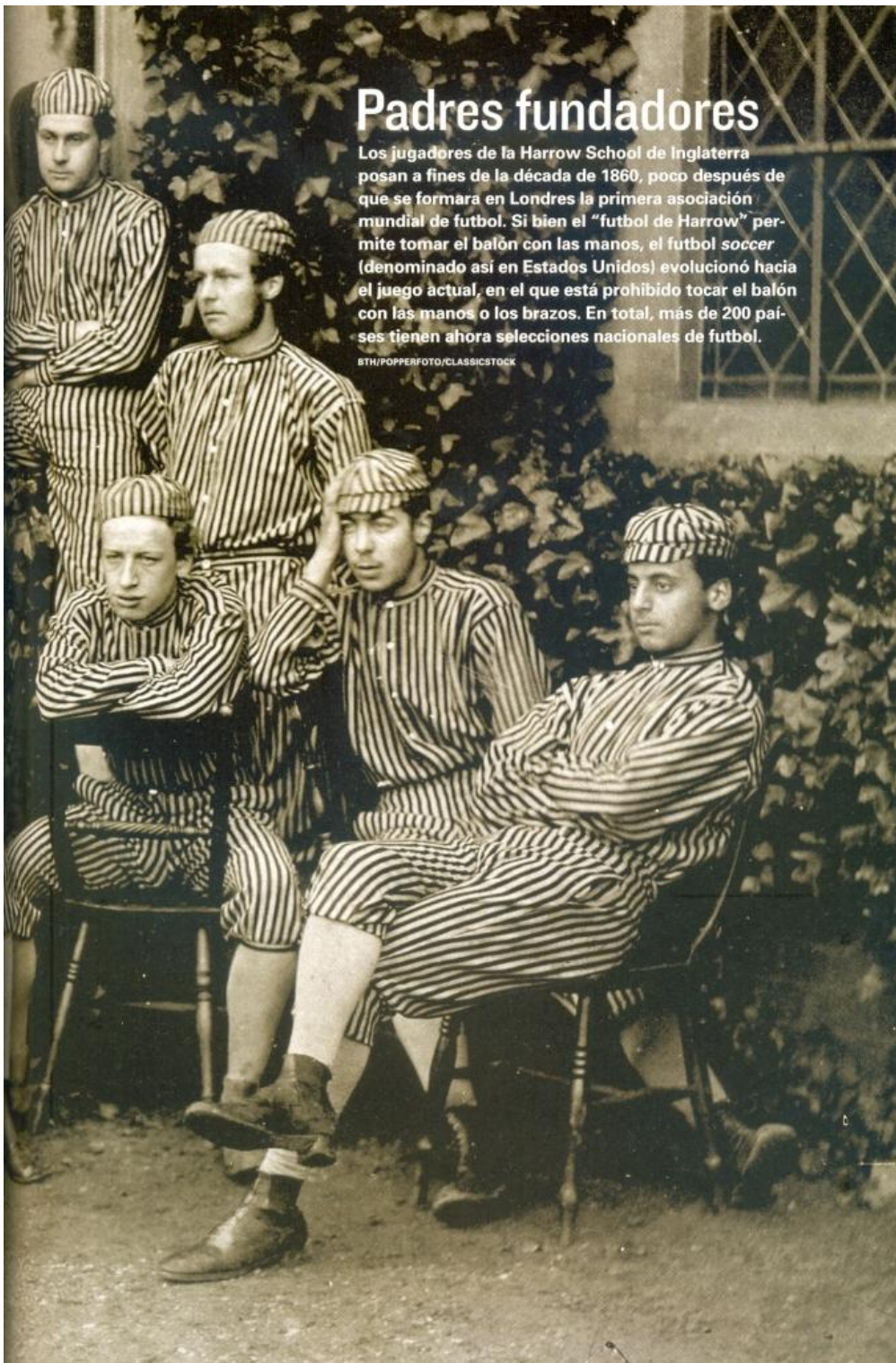
(continúa en la p. 20)



Padres fundadores

Los jugadores de la Harrow School de Inglaterra posan a fines de la década de 1860, poco después de que se formara en Londres la primera asociación mundial de fútbol. Si bien el "fútbol de Harrow" permite tomar el balón con las manos, el fútbol *soccer* (denominado así en Estados Unidos) evolucionó hacia el juego actual, en el que está prohibido tocar el balón con las manos o los brazos. En total, más de 200 países tienen ahora selecciones nacionales de fútbol.

BTH/POPPERFOTO/CLASSICSTOCK





Devoción nacional

En la tribuna de la Bombonera, estadio del Boca Juniors, los hinchas entregan su garganta al gol que su equipo acaba de anotar contra el Colón, su contrincante de ese día. El alambrado contiene el impulso de correr a abrazar a los jugadores.

ADRIAN PEREZ



(viene de la p. 15) Naciones: cada jugador se bañó en agua tratada con diversas pociones antes de ser invitado a pedir un deseo al oído de una paloma. Otro club de fútbol fue llevado a juicio en 1998 cuando, después de un decisivo juego de liga en Bouaké, sus integrantes admitieron haber ingerido un brebaje preparado por un brujo (la corte desestimó el caso).

El organismo que rige el fútbol en África está consciente de los efectos contraproducentes de las historias de brujería en cuanto a las relaciones públicas se refiere, por lo que ha prohibido que los "consejeros" formen parte del séquito oficial del equipo. Sin embargo, las supersticiones siempre han tenido vasta participación en el deporte, y el fetichismo seguramente continuará presente en el fútbol marfileño. Antes de la crucial eliminatoria para la Copa Mundial de septiembre pasado, contra Camerún, corría sangre de gallina por las cañerías de Abidjan. Para bien o para mal, esta es el África de V. S. Naipaul: un lugar de magia también presente en los muchos retenes policiales del norte y el oeste del país, donde los soldados están convencidos de que los amuletos que llevan al cuello los protegerán contra las balas. También la guerra alienta la superstición.

Todos —a ambos lados del conflicto— desean que el equipo desempeñe un buen papel en Alemania. Pero la combinación de fútbol y política puede tener como resultado conflictos y violencia. Cuando los marfileños perdieron por segunda vez contra Camerún en las eliminatorias y se creyó que su oportunidad se había esfumado, Drogba —quien había jugado brillantemente en el encuentro y anotó dos goles— recibió amenazas y mensajes intimidatorios de los aficionados; esto lo preocupó a tal grado que incluso pensó en abstenerse de jugar en la selección nacional. En 2002 el general Robert Guei, quien recientemente había orquestado el primer golpe de estado militar del país, tuvo detenidos a los integrantes de la selección durante dos días, como castigo por haber sido eliminados de la Copa Africana de Naciones en la primera ronda. Despojó a los jugadores de sus pasaportes y teléfonos celulares, los denunció públicamente y sugirió que necesitaban aprender algo de disciplina de cuartel. "Debían habernos ahorrado la vergüenza", dijo.

Con la calificación para el Mundial asegurada, por el momento no hay nada de qué avergonzarse. Por sí solo, el fútbol nunca logrará la reconciliación nacional; sin embargo, el verano de 2006 promete recordar a los marfileños, aunque sea fugazmente, que tienen una vida nacional más allá de la política.

ANGOLA

La guerra civil: un gol de salvación

Por Henning Mankell

La primera vez que visité Angola no estaba plenamente consciente del país en que me encontraba. Era 1987 y vivía en el extremo noroeste de Zambia, cerca de la frontera angoleña. Estrechos caminos de arena serpenteaban a través de la interminable vegetación; a menudo me perdía cuando viajaba hacia algún pueblo distante. Si me detenía a preguntar cómo llegar a algún lugar y me respondían en portugués, entonces era vital volver rápi-

damente hacia el lado derecho de la frontera imaginaria. Angola, tan profundamente herida por su prolongado periodo colonial, se sumergió en una violenta guerra civil luego de independizarse de Portugal. Los guerreros del líder rebelde Jonas Savimbi, tristemente célebre por su indiscriminada violencia, estaban en todas partes. Toda una generación de angoleños no supo nunca lo que era vivir en un país donde reinara la paz.

No obstante, también había algo mágico en esa tierra más allá de la frontera imaginaria: el fútbol, también omnipresente. En los campos de grava y en las playas arenosas, en las aceras y las plazas de las ciudades, hordas de jóvenes jugaban con pelotas hechas de los más sorprendentes materiales: una playera o una vieja red de pesca; un bolso de mujer relleno de papel y hierba. La guerra nunca pudo aniquilar el fútbol en Angola. Las canchas eran zonas desmilitarizadas; la confrontación entre equipos que desarrollaban una batalla intensa, pero en esencia amistosa, servía de defensa contra los horrores desatados por doquier. A quienes juegan fútbol juntos se les dificulta más salir a matarse.

Muchos de los jugadores de fútbol de Angola han emigrado de su país, principalmente a Portugal, para ganarse la vida. Aun así, no han renunciado a su ciudadanía, y cuando se les llama para que vistán los shorts negros y las calcetas y camisetas rojas de su selección nacional, no dudan en hacerlo. De cariño les llaman los "antílopes negros".

El 8 de octubre de 2005, Angola llega al estadio Amahoro de Kigali. En ese momento, lo que sorprende es que si logra vencer a Ruanda por un solo gol, calificará para la Copa Mundial, colocándose arriba de Nigeria. Es una angustiada espera para todos los angoleños que se sientan con la oreja pegada a la radio. Luanda permanece inmóvil, Huambo, Lubango, Namibe, Lobito, Benguela, Malanje, cada ciudad, cada pueblo está reunido alrededor de los aparatos de radio. Quizás incluso en la sabana los antílopes se yerguen con las orejas en alerta.

Al final de la primera mitad hay un empate a cero. El juego continúa sin un solo gol. Parece que todo terminará mal para Angola. Cunde el nerviosismo entre los jugadores. Todos concuerdan en que Angola está jugando muy mal. Es un equipo al borde del colapso, que pierde pases y cuyos jugadores no se entienden entre sí. Quedan 10 minutos. Los angoleños, desesperados, están casi al borde de la inconciencia. Entonces, el replazo de último minuto, Zé Kananga, hace un pase transversal a la vez sorprendente y brillante. Fabrice "Akwa" Maieco está en el lugar correcto. Con un cabezazo inicia la jugada perfecta para el único gol del partido; el balón rebasa al portero de Ruanda, bota en el césped y después vuela hacia la red.

Habría que vivir mucho tiempo en África para entender el significado de esta victoria. Por supuesto, hoy nadie imagina que Angola pueda llegar muy lejos en el torneo. Pero ya se ha tenido una gran victoria, una que no trajo consigo una copa brillante. Este triunfo existe, antes de todo, en el corazón y la mente de los angoleños. Pasar a las finales de la Copa Mundial de fútbol contribuye enormemente a la confianza de un país asolado por la guerra y la pobreza. El país, maltratado durante tanto tiempo, resurgirá de nuevo.

*Henning Mankell
es autor de alrededor de 40 novelas.
Divide su tiempo
entre Suecia y
Mozambique,
donde dirige el
Teatro Avenida.*

INGLATERRA

Adiós a la gloria: el factor *hooligan*

Por Nick Hornby

Nick Hornby es autor de Fever Pitch, un relato de su apoyo permanente al club de fútbol Arsenal de Inglaterra. Su novela más reciente se titula A Long Way Down.

Todo era muy sencillo durante la década de los sesenta, cuando empecé a ver fútbol. Inglaterra acababa de ganar la Copa Mundial de 1966 y, por ende, e indiscutiblemente, era la mejor selección de fútbol del mundo: hecho, punto final, no se hable más. Después, todo se estropeó, según parece, para siempre. En primer lugar, crecí con muchos problemas de identidad nacional; entretanto, la selección de Inglaterra iba de mal en peor. (Quizá no hubiera tenido tantos conflictos con la cuestión del patriotismo si la selección hubiera hecho algo bueno.) El equipo ni siquiera calificó para las copas mundiales de 1974 y 1978; los jugadores de talla internacional con los que había sido bendecidos durante los sesenta ya no estaban y, para los ochenta, el tema del patriotismo y el fútbol se había tornado mucho más complejo.

Según recuerdo, los juegos de Inglaterra durante ese decenio fueron visibles sólo a través de la nube de gases lacrimógenos que utilizó la policía europea para dispersar a nuestros revoltosos *hooligans*. Los aficionados de Inglaterra se convertían rápidamente en un grupo bastante siniestro. Si uno iba a un partido de Inglaterra en Wembley, algunos *hooligans* hacían un saludo nazi mientras se escuchaba el himno nacional. Además, era frecuente el maltrato a los jugadores de color, aun si se trataba de los del equipo inglés. A veces parecía que un montón de ruines y despreciables aficionados de cada club de liga se hubieran reunido en Wembley para hacer ruidos simiescos y entonar canciones contra el Ejército Republicano Irlandés (ERI). Si alguien se aproximaba con una camiseta de la bandera británica, lo más recomendable era cambiarse de acera. La camiseta era la expresión visual de una frase como la siguiente: "Soy racista, pero te odio independientemente de tu color."

Así pues, algunos aficionados comenzaron a tener sentimientos contradictorios respecto a la selección nacional. En 1990, cuando Inglaterra jugó contra Camerún en los cuartos de final de la Copa Mundial, era fácil encontrar a muchos ingleses que querían que ganara Camerún. Vi el juego con algunos de ellos, y cuando Inglaterra iba perdiendo 2-1 (finalmente ganaría 3-2 en tiempo extra), vitoreaban. Entendí por qué, pero, para mi sorpresa, no podía festejar con ellos. Aquellos vándalos racistas, borrachos, cubiertos con los colores nacionales... también eran mis compatriotas. Inglaterra era mi selección de fútbol. Es decir, es de esas cosas que uno no puede escoger. Y el Mundial de 1990 resultó ser un momento decisivo. El equipo no causaba vergüenza. Los aficionados tampoco. Tras un horrendo par de decenios, la selección nacional de nuevo se regodeaba en el cariño del pueblo.

Mas el renacimiento fue fugaz. El nombramiento de director técnico resultó desastroso, lo cual se tradujo en una imposibilidad más para calificar. Además, para 1998, el fútbol era un juego diferente. Muchos de los jugadores de primera división provenían del extranjero. La globalización del mercado de transferencias estaba empezando a quitarle al fútbol internacional gran parte de su razón de ser. En los viejos tiempos uno veía a los mejores jugadores de los clubes y pensaba: ¿qué pasaría si jugaran juntos? Y la respues-

ta era que parecerían una selección nacional. Ahora, el Chelsea, el Manchester United, el Real Madrid, el Juventus, el AC Milán y el Barcelona han dejado a las selecciones nacionales en calidad de equipos de fútbol de fantasía.

Tiempo atrás, en 1989, Inglaterra empató a ceros con Suecia, lo que ayudó a asegurar la calificación para la Copa Mundial de 1990. La imagen que perdura de ese juego es la del capitán de la selección inglesa, Terry Butcher, vendido, con la camiseta y los pantaloncillos blancos impregnados de la sangre que, durante todo el partido, le había manado de una herida en la cabeza. "Cuando no juego siempre soy un tipo afable —dijo Butcher en una entrevista—. Pero en cuanto me pongo la camiseta, me vuelvo tan feroz y agresivo como un soldado británico en la primera guerra mundial. Muerte o gloria."

Esa era la vieja Inglaterra: las imágenes de guerra, el crucial empate a cero contra un contrincante modesto, el estilo y el talento inevitablemente remplazados con sangre y falta de escrúpulos. Quienes aborrecen a David Beckham, el actual capitán de la selección de Inglaterra, dirán que sólo se pondría casco y vendas si fueran el último grito de la moda. Esto no es justo, porque a pesar de su atractivo y sus altos ingresos, ha trabajado mucho para compensar las carencias que tiene como jugador. Ya no hay duda de que representa a la perfección un nuevo tipo de deportista inglés: profesional, consciente de los medios, en ocasiones petulante y muy, muy rico.

Los aficionados de Inglaterra que asistieron al partido amistoso de 2005 contra Argentina (cuyo resultado fue un triunfo de último minuto, fascinante pero sin importancia) aún entonaban la canción "No nos rindamos ante el ERI". Tal parece que preferían ver a Terry Butcher tumbando caña que a David Beckham dejándose fotografiar con un pareo puesto. Esto describe, social y futbolísticamente, la mentalidad inglesa actual. Preferiríamos estar aún bombardeando a los alemanes; pero después de 60 años, lentamente despuntada la sospecha de que esos tiempos ya no están a la vuelta de la esquina. Mientras tanto, debemos confiar en que en nuestro nombre, los niños bonitos y multimillonarios venzan a los argentinos. Podremos no estar muy contentos al respecto, pero qué le vamos a hacer.

ESPAÑA

Una obra moral: el fútbol como teatro

Por Robert Coover

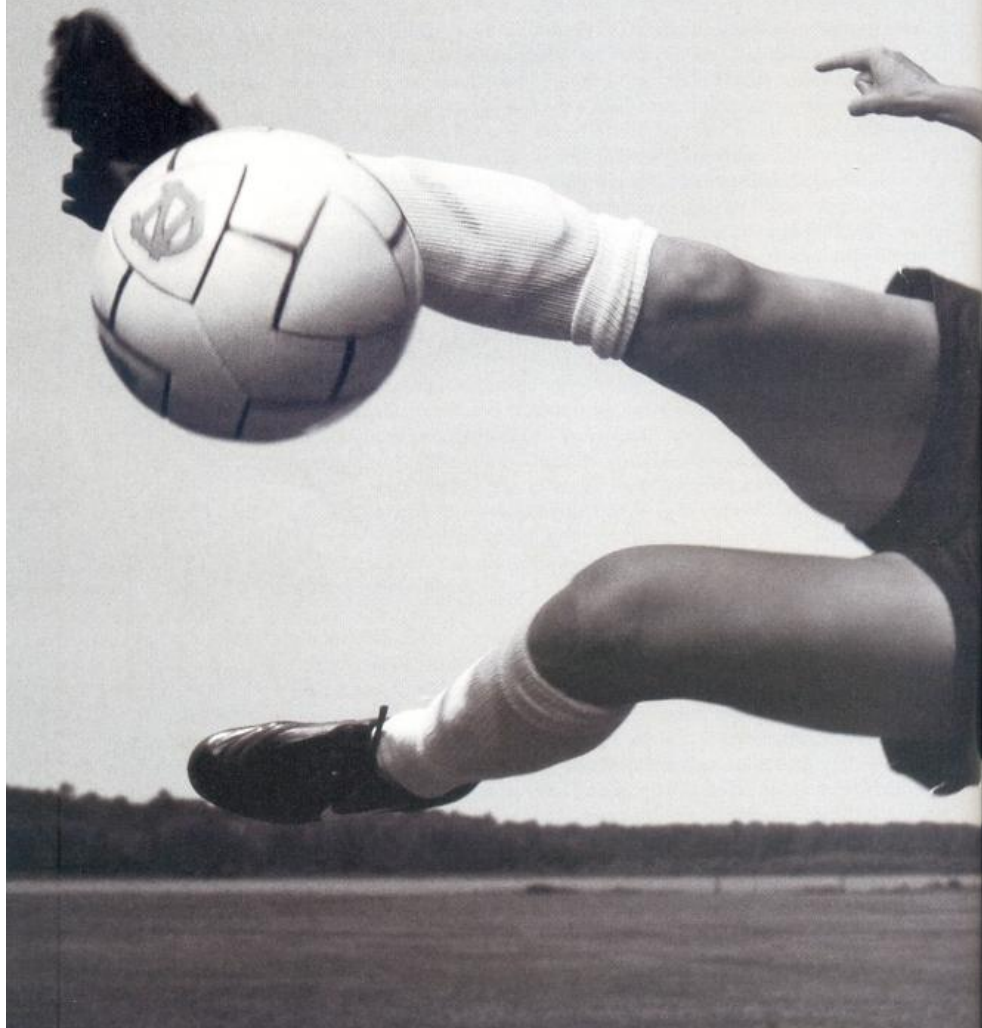
España, verano de 1982. La capa de niebla tóxica sobre Barcelona es como la tapa de una olla de presión que bulle con la luz del sol. Aquí, sobre la grada más alta del pequeño estadio de fútbol Sarriá, donde Brasil, Italia y Argentina se disputarán su sitio en una eliminatoria de la Copa Mundial, parecen haberse vendido 30 boletos por cada metro cuadrado. Tenemos que llegar con una hora y media de anticipación para tener alguna oportunidad de entrar. No hay manera de sentarse, no hay posibilidad de ir por bebidas; para el momento en que los partidos comienzan es difícil respirar. Mi hijo adolescente pasa el partido entero colgado en el pasamanos de una escalera, sobre uno de *(continúa en la p. 28)*

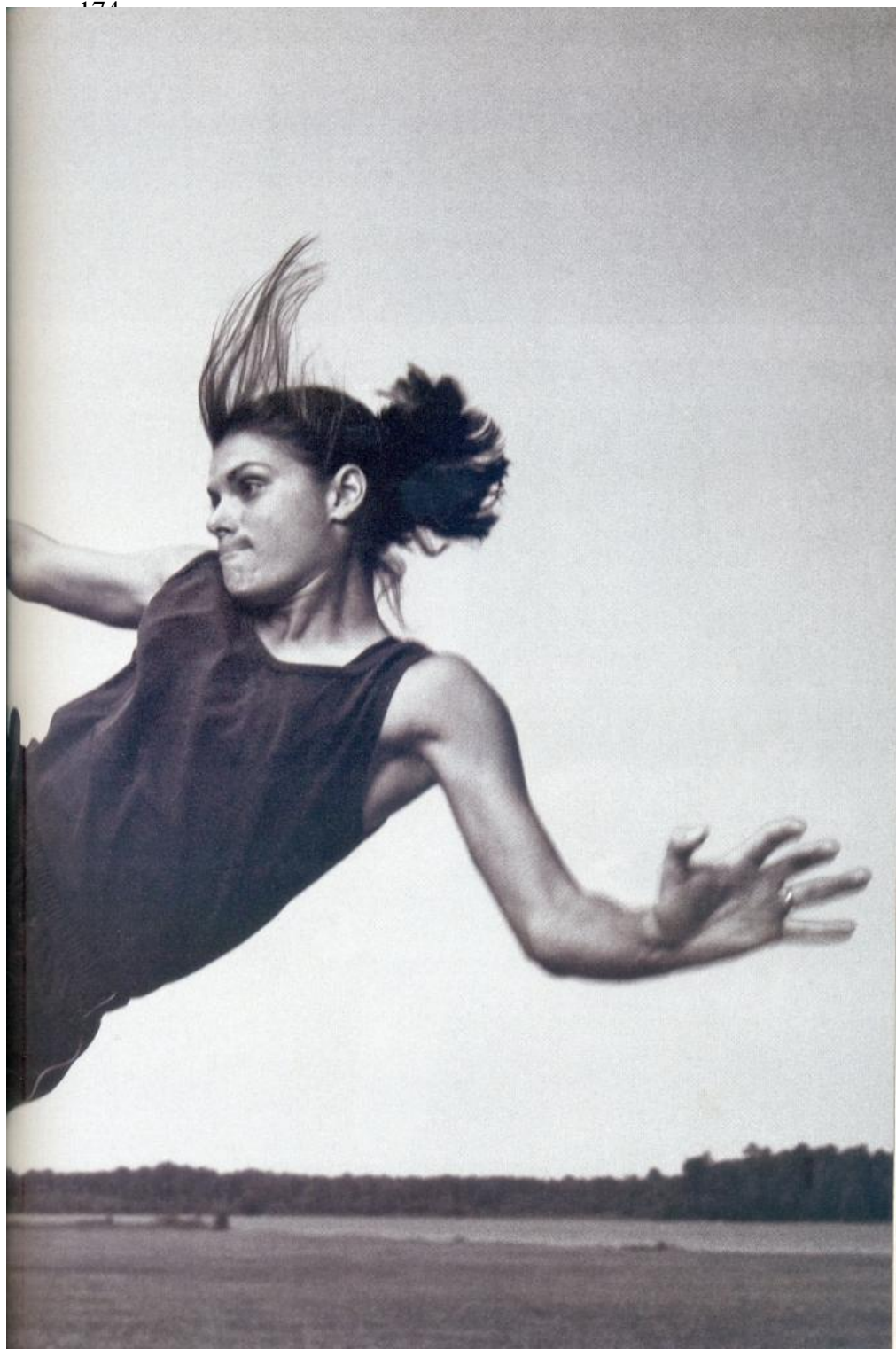
Robert Coover, novelista y ensayista, se obsesionó con el fútbol cuando vivía en España. Desde entonces ha visto el juego por doquier. Su último libro es A Child Again.

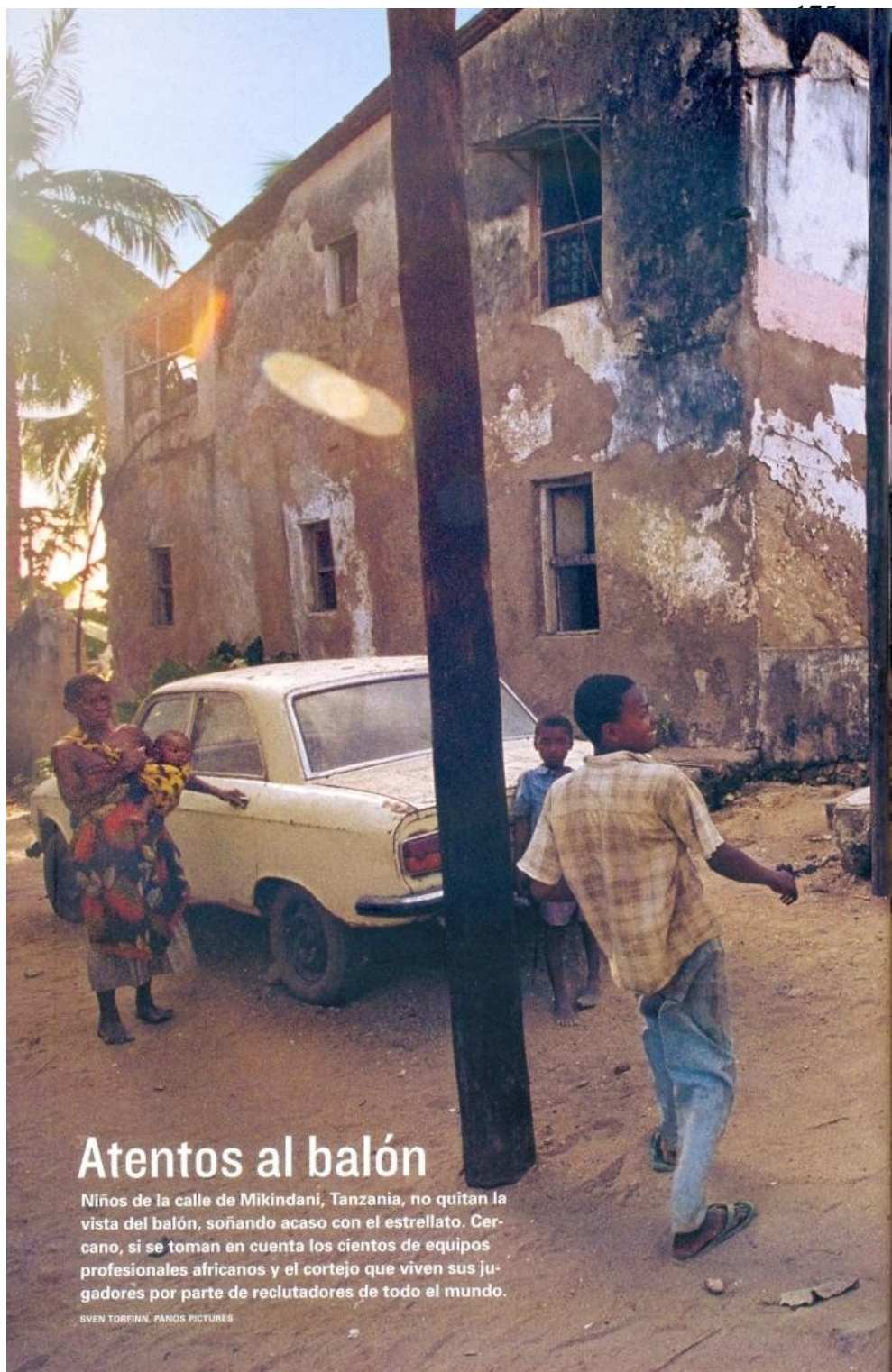
Juego inspirado

La superestrella estadounidense Mia Hamm muestra cómo contribuyó a la victoria de su equipo frente a China en la Copa Mundial de fútbol femenino de 1999. A los 15 años, en 1987, Hamm ingresó a la selección nacional de Estados Unidos e inspiró a toda una generación. Durante los dos decenios pasados, más de un millón de jugadoras se han inscrito en la Liga de Fútbol Femenil estadounidense.

ANNIE LEIBOVITZ, CONTACT PRESS IMAGES







Atentos al balón

Niños de la calle de Mikindani, Tanzania, no quitan la vista del balón, soñando acaso con el estrellato. Cercano, si se toman en cuenta los cientos de equipos profesionales africanos y el cortejo que viven sus jugadores por parte de reclutadores de todo el mundo.



(viene de la p. 23) los túneles de salida. Todos los días decimos lo mismo: "Si no es sensacional, nos vamos a un bar y lo vemos por televisión; esto es una locura." Y todos los días nos quedamos en el estadio.

Ya hemos estado aquí antes. Aquella vez, en 1977, dos años después de la muerte del dictador Franco, estaba anocheciendo, llovía y empezaba a hacer frío. Esa vez también nos quedamos, acurrucados bajo un paraguas en las gradas más altas, justo debajo de los reflectores, expuestos al viento que soplabla con fuerza. La lluvia caía a raudales en los únicos asientos que pudimos conseguir, pero nos sentíamos felices de tenerlos. Esa noche estábamos viendo un encuentro de la liga española al final del otoño entre dos archirrivalos de esta ciudad: el FC (Futbol Club) Barcelona y el Real Club Deportivo Español, partido que fue más una reconstrucción de la guerra civil española que un mero acontecimiento deportivo.

A veces parece que sólo hay dos juegos universales: la guerra y el futbol. Quizá son meras variaciones del mismo juego, rituales de la era industrial moderna originados en alguna actividad común en los albores de nuestra especie. Tal vez todo esto se remonta a una época en que la existencia del hombre era una lucha perenne en contra de sus enemigos, cuando la naturaleza entera era su campo de batalla. Porque aún hoy, a menudo, el futbol y la guerra se funden uno con el otro.

Se han propuesto muchas interpretaciones acerca del inexplicable poder del futbol, de la semejanza de los grandes encuentros a un estado de trance, y de su predominio mundial sobre todos los demás deportes. Destaca la teatralidad inherente al juego; no hablo del vistoso medio tiempo del futbol americano, sino de los dramas intrínsecos de pecado y redención, la prueba de virtud, la búsqueda de modelo y cohesión, la colisión de fuerzas paradójicas. El futbol a menudo ha sido comparado con la tragedia griega o se le ha visto como una suerte de interminable alegoría moral. Quizá la dificultad para anotar intensifica este sentido de la teatralidad, que hace que el desenlace —o la catarsis colectiva— casi siempre se contenga hasta el último silbatazo.

Al final uno se queda, no con datos, sino con imágenes de cuerpos en movimiento. Nada importante puede registrarse estadísticamente acerca de un encuentro, salvo los tiros de esquina, los tiros a gol, los goles y las paradas (es admirable el esfuerzo de los estadounidenses por registrar las jugadas y realizar estadísticas, ya que frecuentemente resulta un completo misterio cómo fue anotado el gol, aun contando con las repeticiones televisadas). De todas formas, estos datos no nos dicen casi nada acerca del juego mismo. El jugador que en realidad gana el partido quizá sea el que se dirige hacia el lado opuesto del campo y atrae a un defensor, obliga a un nuevo planteamiento defensivo, y hace que un gol que antes era imposible se vuelva prácticamente inevitable; pero es probable que nadie —ni siquiera él— esté consciente de esto. Todo es narrativo y, por ende, subjetivo: cada partido es una historia, una secuencia de metáforas ambivalentes, una revelación personal formulada en el idioma de la fe. Ningún juego de los que conozco depende tanto de fugaces vaguedades como "modelo", "ritmo", "visión" y "entendimiento", que tal vez sólo sean ilusiones. Al mismo tiempo, el futbol es un juego muy sencillo: casi infantil, como los sueños.

ARGENTINA

Maradona: vengador de las Malvinas

Por Thomas Jones

Cuando yo era niño, en la Inglaterra de los ochenta, el mayor cumplido que se le podía hacer a alguien o a algo era llamarlo "hábil" ("Oye, qué 'hábil' tu patineta nueva"). Y, en este sentido, nadie era más "hábil" que Diego Armando Maradona. Su nombre se invocaba como la forma más elevada de elogio, tanto en el campo de fútbol como en otras partes ("Oye, qué 'maradona' tu patineta nueva"). Tardé un rato en percatarme de que la palabra se refería a un ser humano y, en particular, a un jugador de fútbol. Después lo vi anotar contra Italia en la Copa Mundial de 1986. Fue evidente, aun para mí, que Maradona no sólo era hábil, sino que era la encarnación misma de la habilidad.

La siguiente ocasión en que Maradona anotó fue el 22 de junio de 1986, cuando su equipo jugó contra Inglaterra. Ambas naciones se habían enfrentado por última vez cuatro años antes, pero no en una cancha de fútbol, sino en la guerra de las Malvinas (la que Jorge Luis Borges bautizaría como "una disputa de dos calvos por un peine"). Para cuando Gran Bretaña había vuelto a arrebatarle las islas a Argentina, más de 900 hombres (la mayoría de ellos argentinos) habían perdido la vida. Esta victoria hizo que la popularidad de Margaret Thatcher aumentara en su país; en Argentina, la derrota contribuyó a la caída de la junta militar derechista que había gobernado desde 1976.

Cuatro años más tarde, todo ello era historia, o por lo menos en eso insistían ambos equipos antes de enfrentarse nuevamente. Maradona anotó los goles de Argentina, en una victoria de 2 a 1 sobre Inglaterra. El segundo de ellos, 11 deslumbrantes segundos de habilidad sobrehumana, fue declarado, según una encuesta realizada por la FIFA en 2002, el gol del siglo: parecía moverse en una dimensión de tiempo diferente de la de los jugadores ingleses, quienes llegaron a atajarlo cuando ya los había dejado atrás.

Para mi sorpresa, ninguno de mis conocidos quería hablar acerca de ese segundo y extraordinario gol, sino sólo sobre aquel que anotó cuatro minutos antes, con el puño. Quienes admiraron a Maradona estaban furibundos, como si los hubiera traicionado personalmente. De la noche a la mañana su nombre se había convertido en un insulto. Yo estaba desconcertado: lo que llegó a conocerse como "el incidente de la mano de Dios" simplemente no me parecía tan malo. Todavía no me lo parece. Por principio de cuentas, encontré impresionante que Maradona, de 1.65 metros de estatura, hubiera vencido al portero, casi 33 centímetros mayor. Además, ¿no eran más culpables el árbitro y los jueces de línea, por no señalar la falta y por considerar válido el gol? Siempre he sospechado que la censura de "la mano de Dios" es una manera de disfrazar la decepción y frustración del contrincante ante su derrota; que lo que nunca podrán perdonar a Maradona los aficionados de Inglaterra no fue la trampa, sino que rodeó a cinco de sus jugadores como si fuesen postes de madera y eliminó a los ingleses del Mundial con el gol más grande que jamás se haya anotado. □

Thomas Jones es editor y escribe en The London Review of Books.

